

ANNE KARINY LEMOS ROCHA

**O JOGO PEDAGÓGICO COMO INSTRUMENTO PARA
EDUCAÇÃO SEXUAL DE FACILITADORES E ESTUDANTES
JOVENS: ANÁLISE DO MATERIAL "EM SEU LUGAR"**



ARARAQUARA – S.P.

2015

ANNE KARINY LEMOS ROCHA

O JOGO PEDAGÓGICO COMO INSTRUMENTO PARA EDUCAÇÃO SEXUAL DE FACILITADORES E ESTUDANTES JOVENS: ANÁLISE DO MATERIAL "EM SEU LUGAR"

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

Orientador: Profa. Dra. Ana Cláudia Bortolozzi Maia

ARARAQUARA – S.P.

2015

ANNE KARINY LEMOS ROCHA

O JOGO PEDAGÓGICO COMO INSTRUMENTO PARA EDUCAÇÃO SEXUAL DE FACILITADORES E ESTUDANTES JOVENS: ANÁLISE DO MATERIAL “EM SEU LUGAR”

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores

Orientador: Profa. Dra. Ana Claudia Bortolozzi Maia

Data da defesa: 14 /08 /2015

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Ana Claudia Bortolozzi Maia
Universidade Estadual Paulista - UNESP

Membro Titular: Prof. Dr. Florêncio Mariano da Costa Junior
Universidade do Sagrado Coração - USC

Membro Titular: Prof. Dr. Rinaldo Correr
Universidade do Sagrado Coração - USC.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico este trabalho a todos àqueles que consideram importante a formação de pessoas críticas e capazes de escolher com liberdade e autonomia o que querem para a sua vida.

Agradecimentos

Este trabalho é uma das etapas da realização de um sonho, um sonho que pretendo dar continuidade... Sonho de poder ter uma vida dedicada ao estudo, atividade que me traz uma imensa satisfação. Gostaria de partilhar este sentimento, misto de felicidade e realização, com todos que foram importantes e que fazem parte não somente desta conquista, mas fazem parte da minha vida. Seria impossível, aqui, com simples palavras, imprimir a dimensão desta emoção, porém quero agradecer sinceramente e dizer que minha vida jamais seria completa sem vocês!

Inicio agradecendo minha mãe, Maria, por ser meu exemplo de vida e determinação, mostrando que é possível realizar sonhos independentemente da idade, ela que cursou sua graduação aos sessenta e tantos anos e que nos ensinou a enfrentar a vida de forma tão lúdica, encontrando alegria e prazer nas mais diversas circunstâncias. Ao meu pai, que mesmo ausente, e do jeito dele, sempre se orgulhou e me incentivou nos estudos, desde pequena. Às minhas irmãs, queridas e companheiras, a quem amo tanto e não me vejo sem. Elas que celebram minhas vitórias, compartilham minhas angústias e tentam compreender minhas ausências nos eventos familiares. A minhas três sobrinhas, Maria Eduarda, Beatriz e Yasmin, as mais lindas do mundo, que exigiam um pouco do meu tempo para brincadeiras e leituras de livros infantis, contribuindo, assim de forma importantíssima por me proporcionar momentos lúdicos de descanso e descontração.

Ao meu marido e companheiro de vida, Toni, com quem tanto aprendo e entendo sobretudo como é bom amar e ser amada. Ele que me incentiva e está ao meu lado sempre, sabendo me ouvir, compreendendo minhas crises e as horas intermináveis em frente ao computador - em plenos domingos e feriados. Além disso, demonstrou todo seu companheirismo sendo meu motorista, algumas vezes, de Lençóis a Araraquara, me auxiliando na formatação e digitação das histórias do jogo analisado neste trabalho. Minha gratidão infinita e meu amor.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara pelo preparo e formação que recebi no decorrer do mestrado.

A minha orientadora querida, Ana Claudia Bortolozzi, por ter aceitado me orientar e por ser esta pessoa doce, compreensiva e tão maravilhosa. Uma pessoa tão especial que, além de me orientar, deixa sua marca na minha vida com um exemplo prático sobre a possibilidade de ser uma profissional tão extraordinária e ao mesmo tempo uma pessoa e mãe admirável -

aliás um pouco mãe dos seus orientandos também! Obrigada por me acolher algumas vezes em sua casa, não medindo esforços em me auxiliar durante a elaboração deste trabalho. Todas as nossas conversas, ainda que, às vezes breves devido à minha falta de tempo, foram extremamente agradáveis e muito proveitosas. Sua amizade e compreensão foram decisivas para que eu não desistisse no meio do caminho e conseguisse levar este projeto até o fim. Cau, sem você este trabalho jamais seria possível!

Agradeço infinitamente aos professores Doutores Rinaldo Correr e Florêncio M. da Costa Junior, profissionais capazes de compor uma banca de qualificação com tanta qualidade e ao mesmo tempo tão afetiva. Obrigada pelo tempo dedicado à leitura desta dissertação e pelas contribuições importantíssimas e essenciais. Ao professor, Rinaldo, que conheci durante a qualificação, posso dizer que foi um aprendizado como professora conhecer um profissional tão sensível e gentil em suas falas e orientações. Ao professor Junior, que já havia sido meu professor na graduação em psicologia, minha admiração pela postura crítica e ética. Pelas aulas impecáveis, nas quais apresenta os temas de forma tão fascinante, a ponto de envolver e motivar os alunos quererem saber sempre mais. Obrigada por participar de minha formação como psicóloga e agora por contribuir neste novo passo de minha vida acadêmica.

Agradeço ainda, ao professor Paulo Rennes por possibilitar a existência deste programa de mestrado, além de me incentivar e auxiliar imensamente ao oferecer uma disciplina de orientação na última hora.

Aos funcionários da biblioteca e da seção de pós-graduação por me auxiliarem e orientarem sempre com boa vontade, rapidez e simpatia, em especial às funcionárias Elaine (biblioteca) e Natalia (seção de pós-graduação).

Também não poderia deixar de agradecer aos meus professores de graduação e agora colegas de profissão, Afonso M. de Mesquita, Maria Flor Oliveira di Piero e Alekssey Oliveira di Piero, pela amizade, incentivo e por acreditarem em mim, até mais do que eu mesma acreditava. Vocês são minhas grandes referências como pessoas e como profissionais!

Igualmente, não poderia deixar de lado, meus colegas de trabalho da Escola Estadual Rubens Pietraroia que vivenciaram e acompanharam as minhas diversas fases no mestrado. Em especial às diretoras Thais da S. C. Jacon, Rosemary M. Garcia, Susi Carla B. Leite e Silvia Conti, pela compreensão e incentivo. Às colegas Sabrina Coneglian, Marli Amaral, Gisele P. Rossi Catóia, Marcia Prado e Michele A. A. Purgano, pela cumplicidade e atuação impecável que foram tão imprescindíveis durante minhas ausências na escola. Ao colega de coordenação Adailton Pereira de Brito, que me incentivou desde antes de ingressar no

programa, oferecendo informações importantes sobre o mestrado, me dando palavras de apoio e me auxiliando com sua experiência na pós-graduação.

Ao amigo e vizinho, Ailton Jesus Dinardi, que partilhou momentos de trabalho em duas escolas diferentes, me incentivou e mesmo distante se lembrou de me fornecer materiais que foram tão importantes em minhas pesquisas.

À minhas amigas Juliana Magalhães do Prado e Aparecida de Fatima Gonçalves por me oferecerem um ombro amigo sempre, ouvindo minhas lamentações de forma tão humana como só verdadeiras amigas o poderiam fazer.

Às minhas amigas queridas do coração Isabel Rigotti, Elisabete Cristina, Juliana Pascoto, Adriana Ruiz, Andrea Bedami, Francine D. Tozato, Eliene I. Nakamura, Aline, Anamélia Caserta, Danieli Granado e Rogerio Romero, por serem os melhores amigos do mundo e alterarem sempre as datas de nossas comemorações de acordo com meus horários complicadíssimos.

Às minhas companheiras que conheci neste programam de mestrado: Ana Carolina, Alessandra, Ana Marcia e Fernanda pelo companheirismo, pelas experiências divididas numa cidade diferente, pelos bate papos reais e virtuais, caronas e quartos de hotel compartilhados. Vocês me fizeram entender, desde o inicio, que só de conhecê-las o ingresso neste programa de pós-graduação já tinha valido a pena.

À minha terapeuta Fabiana por me ajudar infinitamente na busca por mim mesma.

A Deus, pela minha vida.

**"Todos devem esforçar-se ao máximo por viver em paz.
Qual é, então, a maneira mais certa de viver?
A vida deve ser vivida como jogo, jogando certos jogos,
fazendo sacrifícios, cantando e dançando, e assim o homem
poderá conquistar o favor dos deuses e defender-se de seus
inimigos, triunfando no combate." Assim, "os homens
viverão de acordo com a natureza, pois sob muitos aspectos
eles são como fantoches, e só possuem uma pequena parte
da verdade". (Platão citado por Huizinga, 2000, p. 151)**

Rocha, A. K. L. (2015). *O jogo pedagógico como instrumento para educação sexual de facilitadores e estudantes jovens: análise do material “Em Seu Lugar”*. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara- SP, 166 p.

RESUMO

Os jogos têm sido utilizados em diversos contextos, inclusive os pedagógicos. Como um instrumento lúdico ele pode ser utilizado para informar, refletir ou discutir temas como a sexualidade. A educação sexual na escola ocorre de modo não intencional e também intencionalmente, quando há propostas e intervenções que visam discutir temas sobre sexualidade. O jogo chamado “*Em seu lugar – Um jogo para profissionais que trabalham com adolescentes e jovens*” foi distribuído em 2013 pelo governo estadual nas escolas públicas de São Paulo e tem a educação sexual como preocupação central. Esta pesquisa, qualitativa-descritiva, teve por objetivo descrever e analisar o jogo acima mencionado, sobretudo as narrativas nele contidas. O Jogo é composto por seis histórias nas quais cada uma trata de um tema central: Aids/HIV, violência de gênero, abuso sexual, paternidade, homossexualidade, aborto. Os resultados apresentam a descrição geral do jogo e, depois, a análise de conteúdo das narrativas descritas na íntegra para apreciação que resultou nas seguintes categorias temáticas: Discurso contraditório; Comportamentos de risco e vulnerabilidade; Julgamento moral; Relações familiares; Apoio comunitário; Sexismo e heteronormatividade; Tecnologias e vínculos interpessoais; Avaliação interna; Práticas sexuais e consequências; Serviço de saúde. Na discussão dos resultados identificamos como vantagem o caráter informativo do jogo, embora sua aplicação exija cautela uma vez que predominam aspectos negativos da sexualidade, enfatizando o caráter biomédico, sexista e heteronormativo, ocultando as possibilidades da vivência de uma sexualidade emancipatória e prazerosa. Ressalta-se a possibilidade de adequação deste material didático, bem como se busca fornecer subsídios à formação dos profissionais para que sejam mediadores do jogo a fim de que as narrativas possam ser refletidas e problematizadas criticamente.

Palavras-chave: Sexualidade, Educação Sexual, Jogo, Material Didático, Adolescência, Formação de professores.

Rocha, A. K. L. (2015). *O jogo pedagógico como instrumento para educação sexual de facilitadores e estudantes jovens: análise do material “Em Seu Lugar”*. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara- SP, 166 p.

ABSTRACT

The games have been used in several contexts, including in the pedagogical. As a ludic instrument it can be used to inform, reflect or discuss issues such as sexuality. Sex education at school occurs unintentionally and intentionally when there are proposals and interventions aimed at discussing issues about sexuality. The game called "At your place - A game for professionals who works with young people" was distributed in 2013 by the state government in public schools in São Paulo and it has the sex education as a central concern. This research, qualitative and descriptive, aimed to describe and analyze the game mentioned above, especially the narratives included inside it. The game consists of six stories in which each one has a central theme: AIDS / HIV, gender violence, sex abuse, parenthood, homosexuality, abortion. The results show the overview of the game and then the content analysis of the narratives described in its entirety for appreciation in which resulted in the following thematic categories: Contradictory speech; Risk behavior and vulnerability; Moral judgment; Family relationships; Community support; Sexism and heteronormativity; Technologies and interpersonal relationships; Internal evaluation; Sexual practices and its consequences; Health Service. In the discussion of the results we could identify as advantage the informative character of the game, although its application requires caution since it predominate negative aspects of sexuality, emphasizing the biomedical, sexist and heteronormative character, hiding the possibilities of living of an emancipatory and pleasurable sexuality. We point out the possibility of adequacy of this didactic material, as well as providing subsidies for the training of professionals to make them mediators of the game so that the narrative can be reflected and critically problematized.

Keywords: Sexuality, Sex Education, Games, Didactic Material, Adolescence, Teacher Training

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| APRESENTAÇÃO..... | 12 |
| 1 INTRODUÇÃO..... | 17 |
| 1.1 Sexualidade e Educação Sexual..... | 17 |
| 1.2 Natureza do jogo como ação na prática pedagógica..... | 25 |
| 1.3 A Educação Sexual na Escola como uma intervenção intencional..... | 29 |
| 2 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS..... | 34 |
| 3 MÉTODO..... | 35 |
| 3.1 Tipo de estudo..... | 35 |
| 3.2 Descrição do Objeto de análise: O Jogo..... | 35 |
| 3.3 Procedimento de análise de dados..... | 41 |
| 4 RESULTADOS..... | 43 |
| 4.1 Análise geral das narrativas..... | 43 |
| 4.1.1 A história de Leo..... | 43 |
| 4.1.2 A história de Mariana..... | 44 |
| 4.1.3 A história de Priscila..... | 44 |
| 4.1.4 A história de Beto..... | 45 |
| 4.1.5 A história de Tiago..... | 45 |
| 4.1.6 A história de Rafaela..... | 46 |
| 4.2 Categorias de Análise Temática..... | 46 |
| 4.2.1 Discurso contraditório..... | 48 |
| 4.2.2 Comportamentos de risco e vulnerabilidade..... | 52 |
| 4.2.3 Julgamento moral..... | 56 |
| 4.2.4 Relações familiares..... | 64 |
| 4.2.5 Apoio comunitário..... | 71 |
| 4.2.6 Sexismo e heteronormatividade..... | 75 |
| 4.2.7 Tecnologias e vínculos interpessoais..... | 82 |
| 4.2.8 Avaliação interna..... | 83 |
| 4.2.9 Práticas sexuais e consequências..... | 87 |
| 4.2.10 Serviço de saúde..... | 90 |
| 5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS..... | 94 |
| 5.1 Apontamentos gerais sobre a proposta do jogo..... | 94 |

| | |
|---|------------|
| 5.2 Considerações sobre as questões levantadas nas categorias de análise temática..... | 97 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 108 |
| REFERÊNCIAS..... | 111 |
| APÊNDICE A - Dados da pré-análise..... | 116 |

APRESENTAÇÃO

Em meados de 2011 eu realizava estágio extracurricular como psicóloga em uma escola de minha cidade, quando o coordenador pedagógico solicitou meu auxílio para resolver uma situação na qual ninguém se disponibilizara a intervir. Fiquei curiosa para saber do que se tratava, já que o coordenador era uma pessoa extremamente experiente. Fui informada então, que duas jovens do ensino médio haviam sido flagradas namorando, dentro de uma sala de aula vazia, no período contrário das aulas. Quem flagrou foi uma funcionária da limpeza e um inspetor de alunos, que chamaram a atenção das garotas e escandalizados levaram o fato ao conhecimento do coordenador, exigindo providências. Figueiró (2013), nos fala da importância em desenvolver um projeto de educação sexual na escola incluindo os vários profissionais que ocupam o espaço da instituição, afinal diretores, zeladores, secretárias, cozinheiras entre outros acabam também, influenciando no momento em que lidam com algum acontecimento relativo à sexualidade que presenciam.

Quando o caso chegou até mim, praticamente todos os alunos da escola comentavam de forma preconceituosa sobre o namoro das duas garotas, assim como na pesquisa de Santos (2012), na qual o namoro homossexual é outro ponto de crítica para os alunos, pois mesmo os que concordam com uma orientação sexual “fora do padrão”, não aceitam o namoro de homossexuais na escola.

Inicialmente, o coordenador pensou em chamar os pais das meninas e dar-lhes algum tipo de punição. Eu, bastante inexperiente, de alguma forma sabia que aquela não seria a melhor solução. Pedi para o coordenador me deixar falar com as duas, embora nem eu mesma soubesse exatamente como abordaria o assunto. A conversa aconteceu num clima muito pesado, por mais que tentasse torná-la natural, eu estava tensa e acredito que as meninas também, afinal, naquele momento eu representava alguém da direção da escola, com poderes de puni-las ou contar o que estava acontecendo aos pais. Acabei orientando-as de que na escola não era permitido namorar independentemente da orientação sexual do casal. Como ambas não queriam que os pais soubessem sobre a orientação sexual homossexual, respeitei-as com a condição de que se continuassem namorando dentro da escola os pais teriam que ser avisados, como aconteceria com qualquer outro casal, e eu não poderia fazer nada para ajudá-las. Também orientei que seria interessante se elas mesmas contassem aos pais quando sentissem que era oportuno, já que grande parte da escola sabia e hora ou outra alguém poderia comentar algo com eles.

Embora eu tenha tentado ajudar, no fundo, eu sabia que não tinha conseguido estabelecer um clima de confiança. Senti uma angústia, um vazio e a sensação de que faltava alguma coisa, algum conhecimento. Refleti sobre o quanto eu estava despreparada para lidar com questões relacionadas à sexualidade. Pensei também o quanto situações como esta devem acontecer com outras pessoas, em outras escolas e em outros espaços. Além disso, ignorei totalmente o fato destas meninas estarem sendo vítimas de discriminação tanto por parte dos seus pares, quanto de alguns professores e funcionários que usavam termos pejorativos e faziam “piadinhas” sobre elas. Negligenciei que, como nos coloca Santos (2012), é de incumbência da escola criar condições e estratégias para que estudantes homossexuais tenham liberdade de expressão e se sintam seguros no ambiente escolar, sem medo de agressões tanto físicas como morais.

Nesta época eu cursava psicologia no IMES-SM (Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel), e passei a conversar com a professora de Educação Sexual - Maria Flor Oliveira Di Piero - para pedir algumas orientações sobre este fato específico e outros relacionados à sexualidade que ocorriam na escola. As dúvidas eram tantas e diante desta demanda, a professora resolveu oferecer um estágio na área de Educação Sexual. É claro que eu me inscrevi e neste estágio realizei um trabalho direcionado aos professores de uma escola pública estadual. O estágio foi maravilhoso! O grupo era formado por cerca de vinte professores que se interessaram prontamente pelo tema. Reunimo-nos semanalmente durante aproximadamente seis meses, nos quais tratamos de temas diversos como o desenvolvimento psicosssexual da criança, abuso sexual, aborto, homossexualidade, masturbação e diversas questões relacionadas ao cotidiano escolar. Neste estágio entendi que antes de tratar as questões dos alunos, os professores precisavam e desejavam tratar suas próprias questões e as dificuldades que tinham em conversar sobre sexualidade com os filhos. Igualmente, alguns autores, como Figueiró (2006), Maia (2004), Meyer (2003), Meyer & Soares (2004), Ribeiro (2002) e Louro (2007) tem defendido que a formação docente em sexualidade, não esteja focada somente nos conteúdos, mas compreenda as mudanças históricas, os valores enraizados em nossa sociedade e faça, sobretudo, uma revisão da sua própria história sexual.

Coincidência ou não eu passei a observar com mais interesse as demandas relacionadas à educação sexual que aconteciam numa terceira escola, na qual eu exerço a função de coordenadora pedagógica. Percebia que diversas situações aconteciam o tempo todo e aos poucos os alunos - que muitas vezes confiam mais nos professores do que nos próprios pais para pedir algum tipo de informação sobre sexualidade - eram encaminhados para conversar comigo quando apresentavam alguma dificuldade ou interesse pelo tema.

Refletindo sobre mim mesma, lembrei que na idade destes alunos, eu também tinha muitas dúvidas e curiosidades sobre sexualidade e com vergonha de perguntar para meus pais, acabava recorrendo constantemente a uma enciclopédia de educação sexual infantil que ficava na estante da sala de casa, ao alcance das minhas mãos.

Embora eu gostasse de conversar sobre sexualidade com os alunos, havia outras demandas na escola que me impediam de organizar sozinha um projeto de educação sexual e, assim, consegui que outras turmas de estagiários de educação sexual do IMES- SM, fizessem seus estágios na escola em que eu trabalhava, procurando auxiliá-los em relação à dificuldades encontradas, facilitar o acesso a todos os espaços e materiais existentes na escola.

Durante este período, a professora supervisora de estágio me incentivou, juntamente com outros alunos a participar do Congresso Internacional de Educação Sexual que aconteceu em Araraquara no ano de 2012. Particpei com apresentação de um painel, cujo assunto era a análise de uma enciclopédia de educação sexual dos anos 80. Neste congresso tive contato com diversos tipos de pesquisa na área da sexualidade e pude me inteirar com diversas pessoas importantes que estudavam o assunto. Foi aí que decidi escrever um projeto para participar do processo seletivo da primeira turma de mestrado em educação sexual da Unesp de Araraquara.

Aprovada no mestrado iniciei cursando algumas disciplinas e cada vez mais fui entendendo a importância da história da sexualidade e o quanto ela diz respeito aos diversos aspectos que permeiam nossas vidas. Em uma destas aulas, a professora Ana Claudia Bortolozzi Maia, que também é minha orientadora, comentou que, em geral, o aluno tem motivos que os levam a estudar determinados temas no mestrado e convidou-nos a pensar sobre nossas histórias pessoais para que tentássemos entender o que motivava nossos estudos. Assim, diante desta proposta lembrei-me de algo sobre minha pré-história, relatada diversas vezes por minha mãe.

Minha mãe, embora quisesse ter filhos, abominava a ideia de ter meninas porque considerava que as mulheres na sociedade sofrem muito mais que os homens. Colaborando com este pensamento, meu pai, um nordestino “tipicamente machista”, também queria filhos homens, apresentando uma opinião bem restrita sobre o papel da mulher na sociedade. Mais tarde compreendi o que minha mãe queria dizer com o sofrimento das mulheres, afinal ela tinha uma visão do papel bastante submisso que era exercido pela mulher antes da década de 60. Porém eu, que nasci no final da década de 70, pude vivenciar algumas transformações que, afetaram as múltiplas dimensões da vida das mulheres e dos homens, alterando pontos de vista, práticas e identidades sexuais (Louro, 2000).

O fato é que contrariando totalmente seus desejos, meus pais tiveram quatro filhas mulheres, das quais sou a mais velha. Diante desta realidade, minha mãe decidiu que nos daria uma educação diferente daquela oferecida às mulheres com as quais ela havia convivido até então. Procurou nos educar para que fossemos livres e autônomas na medida do possível. Quis que estudássemos e dizia sempre que precisávamos trabalhar para que não fossemos dependentes de ninguém. Era como se, em sua simplicidade, nos dissesse, tal qual, Catonné (1994), na introdução do livro *Sexualidade, ontem e hoje*, que “[...] “bom” é tudo aquilo que possa nos tornar mais autônomos nas escolhas que fazemos, respeitando as escolhas do outro; “mau” é tudo que o que compromete esta liberdade de escolher.” (p.7).

Talvez seja isto! Acredito que este modo de pensar, aprendido com minha mãe, tenha me feito entender que independentemente do gênero, as pessoas são capazes de realizar aquilo que desejam sem precisar se prender a determinados estereótipos sociais. Talvez venha daí meu interesse e motivação para estudar sexualidade ou quem sabe ainda existam outros motivos, ainda obscuros, que eu venha a entender mais adiante.

Atualmente, continuo trabalhando como coordenadora pedagógica na escola pública e, além disso, atuo como psicóloga clínica, lugar no qual me deparo também com sofrimentos decorrentes das questões relacionadas de alguma forma à sexualidade. Assim vivencio de certa forma o que foi colocado por Maia, Navarro & Maia (2011), a respeito dos resultados de uma educação que coaduna com valores sexistas. Efeitos estes que podem ser diversos, indo desde o sofrimento pessoal motivado pela não aceitação social das diferenças individuais até o fracasso escolar. Sofrimentos que poderiam ser minimizados se a sexualidade fosse tratada como algo natural e inerente ao ser humano e se, além disso, os diálogos sobre o tema fossem mais francos, abertos e sem preconceitos.

Diante disso, posso dizer que, além dos estudos no mestrado, cada conversa com professores, alunos, amigos e pacientes me aproxima mais com o tema e me faz pensar que talvez eu possa aprender e dar alguma pequena contribuição nesta área, de modo que, em conjunto com minha orientadora, apresento este trabalho que busca entender as possibilidades de se utilizar o jogo como uma estratégia de atividades em educação sexual.

O jogo escolhido, “Em seu lugar”, foi encontrado na escola pública em que trabalho, tendo sido distribuído para todas as escolas públicas do estado de São Paulo, com a finalidade de ser utilizado como material didático complementar nos temas transversais sobre educação sexual, previstas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

O trabalho de mestrado apresentado, a seguir, discorre inicialmente sobre conceitos importantes como os de sexualidade e educação sexual, bem como as abordagens teóricas

existentes em educação sexual e a diversidade de nomenclaturas encontradas historicamente para designar as práticas de se trabalhar formalmente sobre sexualidade nas escolas. Em seguida, discorre-se sobre a importância dos jogos como atividade lúdica e sua importância na diversificação das aulas tradicionais. Por último, a introdução tratará sobre o papel da escola como importante local de aprendizagem formal e informal sobre o tema.

Após a introdução teórica, apresentar-se-á o Método pelo qual esta pesquisa foi realizada, descrevendo o jogo que foi nosso objeto de análise e procedimentos de análise. Como resultado será descrita e analisada de forma geral cada história do jogo, seguida de análises específicas de cada narrativa organizada em categorias temáticas, para em sequência, obterem-se a discussão dos dados e as conclusões.

1 INTRODUÇÃO

A introdução deste trabalho apresenta-se dividida em três subitens: sexualidade e educação sexual, natureza do jogo como ação na prática pedagógica e a educação sexual na escola como uma intervenção intencional. No primeiro subitem, “Sexualidade e Educação Sexual”, discutem-se alguns conceitos importantes como os de sexualidade e educação sexual, bem como as diferentes nomenclaturas atribuídas por distintos autores ao longo da história. Além disso, também se mencionam as abordagens em educação sexual e a evolução dos momentos históricos da educação sexual no Brasil. No segundo subitem, “Natureza do jogo como ação na prática pedagógica”, debate-se sobre a importância do lúdico para a existência da nossa civilização e se apresenta a dificuldade em conceituar o termo jogo buscando compreender as características que o definem. Também se fala brevemente sobre a importância do jogo com intenção de educação e estímulo ao aprendizado. Por último, no subitem “Educação sexual na escola como uma intervenção intencional”, faz-se um apanhado histórico – fruto das necessidades sociais e dos novos modelos de comportamento - sobre a aceitação e necessidade da existência de propostas de educação sexual formal nas escolas. Propostas estas que foram, por muito tempo, negligenciadas e atualmente são recomendadas como temas transversais a partir de 1996, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB.

1.1 Sexualidade e Educação Sexual

Inicialmente, para entender o conceito de sexualidade é essencial ressaltar que se trata de um fenômeno complexo que deve ser compreendido num sentido amplo. É preciso diferenciar os termos sexualidade e sexo, compreender que a sexualidade vai além dos aspectos biológicos e considerar todas as suas implicações culturais e históricas.

É senso comum definir sexualidade como sinônimo de sexo - entendido como relação sexual - como se a sexualidade pudesse ser reduzida a um fenômeno puramente biológico ou instintivo.

Foi Sigmund Freud quem, primeiramente, inseriu a noção de sexualidade num contexto diferente de sexo, quando deu à palavra sexualidade o sentido, de pulsão, libido inerente a todo ser humano, desde o seu nascimento, ainda que sua gratificação estivesse vinculada a zonas erógenas distintas ao longo do desenvolvimento: fases oral, anal, fálica e a fase genital indicam as diferentes

formas pelas quais a pulsão sexual se manifesta, culminando, na vida adulta, na reorganização do desenvolvimento psicosssexual de acordo com as vicissitudes do desejo. (Maia, 2010, p.2)

Dessa forma, outros autores também descreveram sexualidade e sexo de forma distinta. Uma definição importante surgiu em meados da década de 70, na qual a Organização Mundial da Saúde – OMS, esclareceu que,

A sexualidade humana forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. A sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso. É energia que motiva a encontrar o amor, contato e intimidade, e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas e como estas tocam e são tocadas. (Organização Mundial da Saúde – OMS, 1975 citado por Brasil, 2000, p.295)

Essa concepção de sexualidade expande a ideia de senso comum que costuma aglutinar termos como sexualidade, sexo e relação sexual.

Se por um lado, Freud explicou a sexualidade como sendo uma força pulsional que orienta a reestruturação da personalidade e que pode acontecer em qualquer idade (sem se preocupar em compreender o seu caráter histórico e social), Michael Foucault, amplia o entendimento da sexualidade colocando-a essencialmente como um fato histórico e que

não se deve conceber como uma espécie de dado da natureza que o poder tenta pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico. (Foucault, 1993, p.100)

Atualmente concebe-se que a sexualidade, tal qual conhecemos, não é natural, mas sim construída socialmente com mediação da cultura e que o sexo é apenas parte da sexualidade, cujas práticas podem variar de acordo com o momento histórico e cultural.

O conceito de sexualidade é, portanto, um conceito abrangente, pois além da necessidade de considerar o modo como culturalmente se percebe e vive as práticas sexuais e suas representações, também é importante lembrar que ela se configura no indivíduo erotizado através de uma predisposição difusa e polimorfa que se amolda segundo as experiências individuais do sujeito, mediadas por valores, ideais e modelos culturais. (Maia, 2010, p.2)

Na mesma linha, Werebe (1998) explica que o termo sexualidade engloba “todas as ações, deliberadas ou não, que se exercem sobre um indivíduo, desde o seu nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre suas atitudes, comportamentos, opiniões, valores ligados à sexualidade” (p.139). Assim, também Louro (2000), entende que “sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política” e “que a sexualidade é "aprendida", ou melhor, é

construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos.” (p.7). Além disso, a mesma autora entende que “a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções...Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente "natural" nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza.” (Louro, 2000, p.8).

Neste sentido, igualmente, Ribeiro defende que a sexualidade se constitui num dos aspectos mais importantes da vida humana cuja construção ocorre, desde cedo, por meio das experiências subjetivas nas interações com o meio sociocultural. Para este autor, tanto a significação da sexualidade quanto a prática do sexo são construídos culturalmente. “Existe, então, uma dimensão sociocultural, alicerçada historicamente por normas e padrões que dá a todo indivíduo a percepção do que seja sexo e sexualidade.” (Ribeiro, 2005, p.19)

A sexualidade, no nosso entender, é um conjunto de fatos, sentimentos e percepções vinculados ao sexo, ou à vida sexual. É um conceito amplo, que envolve a manifestação do impulso sexual e o que dela é decorrente: o desejo, a busca de um objeto sexual, a representação do desejo, a elaboração mental para realizar o desejo, a influência da cultura, da sociedade e da família, a moral, os valores, a religião, a sublimação, a repressão. Em sua essência, a sexualidade é biológica, e tem como objetivo primordial – aqui com o significado de fonte, princípio, origem – a perpetuação da espécie. Mas o ser humano, com o uso da razão e das outras faculdades mentais, pôde ir além do impulso biológico e usar a manifestação da sexualidade para outros fins. Mais precisamente, encontrou nela uma forma de dar e receber prazer. Essa sensação ocorre por intermédio do sistema nervoso central, é estimulado por sentimentos e fantasias sexuais e é decorrente de uma resposta sexual a um dado estímulo plantado em sua mente. (Ribeiro, 2005, p.17)

A sexualidade é uma construção social que se dá de modo geral e assistemática no processo de educação chamado socialização. Esta socialização ocorre em instituições como a família e a escola e estabelece o aprendizado de valores, regras e normas sobre a sexualidade (Maia, 2005).

Entendendo a sexualidade como aprendizagem mediada pela cultura e sociedade de uma determinada época, há que se refletir sobre a construção histórica do sexo, definido sobretudo a partir das suas funções. Assim, historicamente considerou-se que as principais funções da relação sexual seriam a procriação e o prazer. A relação sexual enquanto prazer, ora considerada como pecado, ora cultuada (rituais de fertilidade), até hoje é vista com certa restrição. Em sociedades tipicamente orientadas pelo capital, é possível pensar numa terceira função para o sexo como forma de exploração e obtenção de renda econômica.

Podemos dizer que ainda nos dias atuais, o assunto sexo é mais bem tolerado quando se trata de falar sobre sua função reprodutiva, porém, continua sendo condenado como forma

de obter prazer. Ou seja, mesmo se ampliando o conceito de sexualidade, na prática, o sexo como prazer, continuou sendo reprimido e fiscalizado. Além disso, até os dias atuais, a sociedade sofre resquícios históricos de uma concepção heteronormativa da sexualidade que coloca somente o sexo para reprodução como normal.

A norma biologicista parte da separação entre masculino e feminino a partir da lógica heteronormativa. A heteronormatividade consiste na compreensão de que a heterossexualidade é a única forma “normal”, “correta”, “saudável” e “desejável” de se viver a sexualidade, de forma que tudo que dela se difira passa a ser considerado como “desviante”, “anormal” e “anti-natural” (Louro, 2009 citado por Oliveira, Pastana & Maia, 2011, p. 81).

Além dos fatores apresentados acima, também é importante situarmos alguns aspectos históricos relacionados à sexualidade para a compreensão do processo social que ocasionou o panorama atual da sexualidade no Brasil.

Assim, Ribeiro (2004), no texto “Os momentos Históricos da Educação Sexual na Brasil”, faz uma importante compilação sobre a história da educação sexual no Brasil, organizando, muito apropriadamente, seis momentos da história da sexualidade a partir do período colonial até os dias atuais. Estes momentos foram definidos diante das mudanças ocorridas no país como resultado de processos políticos e econômicos.

O primeiro momento definido, no Brasil Colônia, pode ser resumido como um período de liberdade sexual para os homens, normatização da igreja e submissão das mulheres; O segundo momento, já no século XIX, se define essencialmente pela normatização e controle da sexualidade através da moral médica; No terceiro momento (primeiras décadas do século XX), ocorre uma série de publicações sobre educação sexual em livros cientificamente fundamentados, publicados por médicos, professores e sacerdotes; O quarto momento ocorre nos anos sessenta com a implantação de programas de orientação sexual nas escolas; O quinto momento ocorre após um período de retrocesso diante do rigor da censura, após o golpe militar de 1964. Este período foi marcado a partir do momento em os órgãos públicos (secretaria da educação) assumiram projetos de orientação sexual nas escolas; O sexto e último momento, no qual nos encontramos na atualidade, se iniciou após a nova Lei de diretrizes e bases da educação brasileira (LDB) que inseriu o tema educação sexual no currículo escolar e, além disso, parece promover um tratamento mais responsável, crítico e voltado para atender às necessidades reais dos alunos.

Podemos dizer que um dos momentos mais relevantes, que influencia fortemente os dias atuais, é o terceiro momento, na qual a institucionalização da educação sexual ocorreu justamente quando médicos, psicólogos, educadores, antropólogos e cientistas sociais

passaram a elaborar teorias e ideias que foram consideradas científicas e capazes de sustentar instituições voltadas às diversas práticas da educação sexual. Assim, nas primeiras décadas do século XX, as obras sobre educação sexual publicadas, abordaram questões biológicas ou fisiológicas do sexo, enfatizando as doenças e entre elas, a masturbação, o sexo oral, o homossexualismo, a sodomia, a bestialidade e o lesbianismo, considerados como problemas, recomendando inclusive seu tratamento. Nestas obras, em geral, o ato sexual era aceito somente no casamento e com finalidade de procriação. A educação sexual era considerada necessária para se evitar os “efeitos prejudiciais” do sexo, sendo que as recomendações presentes nestas obras mesclavam conhecimentos médicos com doutrina moral e religiosa.

Neste contexto, um importante autor e pioneiro da sexologia, o médico José de Albuquerque, também foi o responsável pela fundação do Círculo Brasileiro de Educação Sexual – CBES que visava levar educação sexual para as camadas populares. Esta instituição se inseriu nos mais importantes círculos intelectuais e políticos brasileiros dos anos 30, podendo difundir seu trabalho e orientar a população de forma eficaz. Além de proferir palestras sobre educação sexual pelo rádio, a CBES também fundou uma pinacoteca de educação sexual.

É importante salientar que embora tratasse de assuntos relacionados à sexualidade, o discurso presente nas obras deste período era cheio de repressão e normatização. Mesmo assim, ainda que preconceituosa, foi uma época importante, pois a educação sexual passou a ser comentada e aceita, ao menos devido a sua natureza educativa. Além do mais, a educação formal realizada na escola, que aborda os temas relativos à sexualidade, também apresentou diversas denominações diferentes ao longo de todo este processo histórico.

Na década de 90, a unanimidade entre os autores que tratavam sobre o tema estava longe de ser alcançada. O termo utilizado pela maioria dos autores era “educação sexual” embora, nesta época, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s), documento importante na área da educação, inseriu a obrigatoriedade de se trabalhar o tema sexualidade nas escolas e, em seu texto, privilegiou o termo “orientação sexual” para designar a prática de ensinar sexualidade nas escolas. O PCN,

se configura por um conjunto de propostas educativas, publicadas pelo Ministério da Educação e do Desporto em 1997, que visam trabalhar temas sociais de modo transversal nas disciplinas curriculares diversas. Os temas são: ética, saúde, meio-ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural. A discussão sobre sexualidade está prevista no volume 10 – Pluralidade Cultural e Orientação Sexual. (Maia, 2011, p.78).

Assim, “além de ser utilizado em projetos oficiais do Estado, o termo Orientação Sexual também era defendido por autores como França (1984), Ribeiro (1989, 1990), Silva (1995), Sayão (1997), Egypto (2003), Maia (2004).” (Matanó, 1990 citado por Maia, 2011, p.76)

Utilizamos o termo educação sexual quando nos referimos à educação recebida pelo indivíduo desde o nascimento, inicialmente na família, posteriormente na comunidade, com seu grupo social e religioso, com a mídia, educação. Essa educação é contínua, indiscriminada e decorrente dos processos culturais que envolvem a aquisição de normas, regras e valores sobre o sexo. Utilizamos o termo orientação sexual para nos referir a um trabalho planejado, organizado, sistematizado, com tempo e objetivo limitados, realizado por um profissional especializado”. (Reis & Ribeiro, 2005, p.35)

Por outro lado, alguns autores como Werebe (1998), Figueiró (1996, 2001), Guimarães (1995), continuaram utilizando o termo educação sexual, em seus trabalhos.

Se por um lado o termo educação sexual estava “desgastado”, visto que, por muito tempo, representou um ensino com enfoque biologicista, pautado pela moralidade e normatização, por outro, o termo orientação sexual não era totalmente aceito, sobretudo pelo fato de gerar confusão, uma vez que este termo também é utilizado pelos autores para designar a relação entre o desejo e a prática sexual, referindo se a pessoa é homossexual, heterossexual ou bissexual. Além disso, Figueiró (2013, p. 21) menciona que o termo orientação sexual remete aos educandos como receptores passivos de informações e diretrizes de conduta.

Ao longo da história diversos outros termos foram pensados: educação para a sexualidade, educação da sexualidade, educação para a sexualidade humanizada, educação em sexualidade, educação afetivo-sexual, educação da ética sexual, educação e sexualidade, educação sexualizada entre outros, cabendo ressaltar que nenhum deles foi capaz de obter unanimidade dentre os estudiosos no assunto.

O fato é que estas divergências não contribuíram historicamente para a consolidação da educação sexual como ciência, além de não influenciar na ideologia por trás das formas de intervenção prática¹. Ou seja, a prática não muda necessariamente com a mudança da

¹ Lembrando, como nos apontou Florencio M. Costa Junior, em comunicação pessoal que tais teorias são articuladas nos fundamentos das relações de poder que supostamente pressupõe que o indivíduo seja capaz de acessar com autonomia o aprendizado de sua sexualidade. Ocorre disso a construção de um sujeito incapaz de compreender os processos sociais e ontológicos que levam à sexualidade e assim precisaria de mediadores (ciência) para essa orientação.

nomenclatura, é preciso ter atitudes não normatizadoras independentemente do nome utilizado para o ensino nesta área².

Com relação às diversas nomenclaturas apresentadas, no presente trabalho, optamos por utilizar o termo educação sexual, considerando sempre que há dois tipos de educação sexual: a informal e a formal (Figueiró, 2013). Esta última diz respeito a todo ensino intencional, planejado, sobre a sexualidade e que segundo Maia (2011), exige organização, objetivos, temporalidade, metodologia e didática, sendo indispensável à preparação e formação de profissionais para atuar nesta área (p.76).

Outro aspecto relevante, quando se trata do tema educação sexual, são as diferentes abordagens que se apresentam nos trabalhos publicados nesta área. Figueiró (1996), em seu artigo “A produção teórica no Brasil sobre Educação Sexual”, aponta as principais abordagens para a educação sexual: biomédica, política, pedagógica e religiosa (católica/protestante – tradicional/libertadora). O entendimento destas abordagens é importante para os educadores sexuais e pesquisadores reflitam sobre qual o enfoque norteia seu trabalho.

Segundo esta autora, a concepção biomédica se baseia na questão da saúde/doença com ênfase nos tratamentos para as doenças e desajustes sexuais. Prioriza a informação e as propostas preventivas. A concepção pedagógica valoriza o processo de ensino/aprendizagem com a transmissão de informações sobre sexualidade que podem ocorrer de diferentes maneiras: discussão de valores, atitudes e preconceitos; discussão de dúvidas, sentimentos e emoções entre outras coisas. A concepção religiosa, tanto católica quanto protestante, pode ser dividida em dois grupos distintos: a tradicional e a libertadora. Em geral, a religião vincula o sexo com amor, casamento e procriação, sempre pautando-se pela submissão às normas da igreja, de forma as vezes mais conservadora e outras vezes mais questionadora. Na concepção religiosa libertadora o principal é o amor, o respeito mútuo e a justiça. Esta se diferencia da tradicional pelo incentivo à participação na transformação social, debate e busca de autonomia com liberdade, consciência e responsabilidade. Numa linha bem próxima, a concepção política, auxilia no entendimento sobre como as normas sexuais foram construídas socialmente; considerando importante o fornecimento das informações que propiciem questionamentos. Coloca a questão sexual relacionando-a ao contexto social, influenciando e sendo influenciada por este. Enfatiza participação em lutas coletivas para

² Lembrando, como nos apontou Florencio M. Costa Junior, em comunicação pessoal que o uso do corpo é prático, é performance e também é aprendizagem. O sujeito também tem poder sobre isso (processo) podendo ser protagonista.

transformações sociais; considera importantes as mudanças de valores, atitudes e preconceitos sexuais do indivíduo para o alcance de sua libertação e realização sexual.

Assim, é essencial atentar para o fato de que essas abordagens dizem muito mais além do conteúdo em si, pois refletem os discursos institucionais e ideológicos. O mesmo pode-se ajuizar sobre os materiais didáticos sobre sexualidade, que, em geral, trazem si ei mesmo uma intencionalidade, através de discursos e abordagens que os permeiam desde seu planejamento e organização, até sua aplicabilidade.

No presente trabalho situamos num mesmo grau de importância as diversas abordagens em educação sexual embora evidencie-se que a escola, instituição que precisaria priorizar também as demais concepções, na maioria das vezes, privilegia o modelo biomédico, ou seja, a escola traz em seu discurso a sexualidade de uma maneira negativa, tratando sobre questões de saúde/doença, bem como propostas preventivas.

De tal modo, acreditamos na importância da escola - devido ao grande período de tempo em que os adolescentes passam nela, convivendo e aprendendo de maneira formal e informal - valorizar a criticidade com possibilidade de discutir sentimentos, valores, atitudes e preconceitos, além de abrir um espaço para esclarecer as dúvidas dos educandos. Afinal, sabemos que existe uma educação sexual geral e não intencional constante nos diálogos diversos na família, na comunidade em geral e na mídia (Maia, 2011) e as pessoas estão sujeitas às mensagens midiáticas, que muitas vezes trazem valores implícitos e quase sempre estão permeadas por tabus sociais. As contradições existentes nessas mensagens podem acabar gerando inúmeras dúvidas e conflitos nas cabeças das crianças e adolescentes, que de certo modo reforçam padrões repressivos de sexualidade (Maia & Maia, 2005). Entendemos que a escola poderia ser um importante local para se discutir estas questões e,

pensar sexualidade não através de uma ciência sexual – fundada em atributos biológicos que, ao adquirirem o caráter de essência das pessoas, naturalizam as diferenças atribuídas nas culturas aos homens e às mulheres (identidades de gênero, identidades sexuais, posições sociais...) -, seja a partir de uma outra perspectiva, na qual ela é tomada como produzida nos acontecimentos históricos e culturais das experiências das pessoas ao correlacionar nos corpos comportamentos, prazeres, desejos, linguagens, representações, crenças, identidades. (Ribeiro, 2008, p. 165).

No contexto da escola e nas propostas de educação sexual formal é que se utilizam jogos e brinquedos pedagógicos tão poderosos e educativos como quaisquer outros discursos educativos.

1.2 Natureza do jogo como ação na prática pedagógica

Huizinga (2000), no livro “Homo Ludens” afirma que o jogo é um fato mais antigo do que a própria cultura. O autor justifica que se a cultura implica necessariamente na existência da sociedade humana, o jogo existe antes desta sociedade, pois os animais já brincavam, mesmo antes que os homens os inserissem nas atividades lúdicas. Além disso, o autor conclui sua obra, enfatizando a importância do jogo para a existência de nossa civilização. Segundo Huizinga, para que a verdadeira civilização possa existir o elemento lúdico é essencial, porque civilização implica no controle e no limite de si próprio e também na capacidade de compreender que estamos encarcerados dentro de certos limites sociais. (Huizinga, 2000)

Assim, no decorrer do livro Homo Ludens, Huizinga (2000) sintetiza, o que para ele são as características formais de um jogo:

uma atividade livre, conscientemente tomada como "não-séria" e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo certa ordem e certas regras. (Huizinga, 2000, p.13)

Além das características formais do jogo, apresentadas por Huizinga, entendemos que, para conceituar o termo “jogo” é importante também considerar outros pontos de vista, procurando integrar as concepções históricas e sociais, bem como sua intencionalidade. Ainda assim, segundo Kishimoto, (2011), a variedade de fenômenos considerados como jogo mostra a complexidade da tarefa de defini-lo e,

a dificuldade aumenta quando se percebe que um mesmo comportamento pode ser considerado como jogo ou não jogo. Se para um observador externo, a ação de uma criança indígena que se diverte atirando com arco e flecha em pequenos animais é uma brincadeira, para a comunidade indígena nada mais é do que uma forma de preparo para a arte da caça necessária à subsistência da tribo. (Kishimoto, 2011, p. 17)

Em geral, jogos diferentes podem apresentar especificidades como a presença ou não de: componentes imaginários, regras padronizadas, manipulação de objetos, necessidade de representações mentais, habilidades manuais, estratégias entre outros que os tornam diferentes entre si. Também dificulta a conceituação, o fato de que entre os materiais lúdicos, alguns são denominados jogos e outros brinquedos.

Em geral, o “brinquedo” apresenta uma relação de intimidade maior com quem o manipula e, além disso, o brincar sempre apresenta um conjunto de regras, ainda que ocultas

e, segundo Vygotsky (2010) são estas regras que delineiam a evolução do brincar das crianças, ou seja, inicialmente apresentam uma situação imaginária clara e regras ocultas, circunstância que aos poucos vai se invertendo e as regras se tornam mais claras enquanto que as situações imaginárias vão se ocultando. Assim, entende-se que o brincar é representativo da realidade, se constituindo, segundo Kishimoto (2011), como um dos seus objetivos, dar à criança um substituto dos artefatos reais, para que possa manuseá-los.

Buscando características comuns, Kishimoto (2011) conclui que diferentes tipos de jogos apresentam diferentes tipos de características, o que inviabiliza sua definição única, mas possibilita agrupá-los em famílias com características semelhantes.

Segundo Kishimoto, (2011), existem algumas características comuns aos diferentes tipos de jogos:

1. Liberdade de ação do jogador ou caráter voluntário, de motivação interna e episódica da ação lúdica; prazer (ou desprazer), futilidade, o “não sério” ou efeito positivo;
2. Regras (implícitas ou explícitas);
3. Relevância do processo de brincar (o caráter improdutivo), incerteza de resultados;
4. Não literalidade, reflexão de segundo grau, representação da realidade, imaginação;
5. Contextualização no tempo e no espaço. (Kishimoto, 2011, pp. 30-31)

Também é importante considerar os objetivos para os quais determinado jogo é utilizado.

Segundo uma teoria, o jogo constitui uma preparação do jovem para as tarefas sérias que mais tarde a vida dele exigirá, segundo outra, trata-se de um exercício de autocontrole indispensável ao indivíduo. Outras veem o princípio do jogo como um impulso inato para exercer uma certa faculdade, ou como desejo de dominar ou competir. Teorias há, ainda, que o consideram uma "abreção", um escape para impulsos prejudiciais, um restaurador da energia dispendida por uma atividade unilateral, ou "realização do desejo", ou uma ficção destinada a preservar o sentimento do valor pessoal etc. (Huizinga, 2000, p.5)

Além dos objetivos mencionados por Huizinga (2000), Kishimoto (2011) menciona também os jogos como recursos de ensino que visam o desenvolvimento cognitivo ou físico, jogos com a simples finalidade de entretenimento ou prazer, jogos com finalidade de competição esportiva, jogo com finalidade de lucro financeiro entre outros.

No presente trabalho, enfatizaremos o jogo com intenção de educação, ou jogo educativo, que pode ser entendido como um recurso prazeroso de aprendizagem. A dimensão educativa do jogo surge “quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem” (Kishimoto, 2011, p.41). Ainda, segundo a autora, brincar e educar podem ser compatíveis, embora, diante da multiplicidade

de resultados possíveis, o professor nunca tem a certeza de que o conhecimento construído pelo adolescente seja exatamente o mesmo que ele pretendia.

Para Kishimoto (2011) a utilização do jogo potencializa a exploração e a construção do conhecimento, por contar com a motivação interna, típica do lúdico, mas o trabalho pedagógico requer a oferta de estímulos externos e a influência de parceiros, bem como a sistematização de conceitos em outras situações que não jogos.

De qualquer forma, considera-se que o processo do jogo seja mais importante que o seu resultado, comprovando que muitas as atividades de ensino sejam beneficiadas através das atividades práticas, o que pode ser constatado pelo interesse, participação e atribuição de significado que persiste mais tempo na memória do que o ensino tradicional. Além disso, os jogos, ao serem utilizados em sala de aula, possibilitam uma variação na rotina educativa, favorecendo a integração entre os pares, possibilitando realizar reflexão sobre situações práticas da vida, facilitando as tomadas de decisões e uma aprendizagem mais significativa por meio de objetos lúdicos.

Acredita-se, assim, na possibilidade de que durante a interação e participação no jogo, muitos aspectos importantes da vida dos adolescentes acabem se tornando temas de discussão, reflexão e aprendizagem.

Embora consciente da efetividade da aprendizagem através do lúdico, sabe-se que as concepções pedagógicas nas escolas ainda, muitas vezes, são limitadas; grande parte dos professores utiliza-se essencialmente dos métodos de ensino tradicionais, nos quais se privilegiam as aulas expositivas permeadas, na maioria das vezes, de uma proposta pedagógica bancária, depositária de informações sem espaço para o debate e para a crítica (Frison, 2000).

O sujeito acaba se acomodando, limitando-se à reprodução sistemática de saberes já existentes. Os alunos, transformados em robôs do ensino, ficam subjugados ao desejo do educador, num processo de inculcação do dominador sobre o dominado, expressão da dicotomia do opressor sobre o oprimido. (Frison, 2000, p.3)

No caso da educação sexual o ensino tradicional dificulta a promoção do aprendizado crítico. Também acaba por reforçar uma educação repressiva que mantém padrões sociais normativos. “Não se concebe mais um educador repassando conteúdos, nem um aluno alienado copiando, desvinculado do processo educativo” (Frison, 2000, p.3). Desta forma, faz-se necessário e urgente a utilização de novas estratégias e materiais educativos que sejam mais significativos no processo de construção de conhecimento sobre sexualidade.

Essencialmente materiais que sejam capazes de privilegiar os educandos como protagonistas de suas ações no mundo, além de fazê-lo através de uma atividade prazerosa, e segundo Huizinga (2000) o jogo se caracteriza pela consciência de se tratar de uma atividade aprazível, que proporciona um relaxamento dos conflitos da vida quotidiana.

Neste sentido, acredita-se na importância do jogo, como prática lúdica capaz de motivar os adolescentes e fazê-los interagir de forma reflexiva sobre os aspectos que envolvem sua sexualidade. Lev S. Vygotsky (1984), fundador da escola soviética de psicologia histórico-cultural, instituiu uma estreita relação entre a aprendizagem e o jogo, ressaltando também a importância da interação social para o desenvolvimento cognitivo das pessoas e a aprendizagem a partir da interação entre as chamadas zonas de desenvolvimento real e proximal.

Para este autor, o desenvolvimento real é o conhecimento que a pessoa já adquiriu, enquanto que o desenvolvimento proximal seria a diferença entre o conhecimento atual da pessoa e aquilo que ela é capaz de realizar com auxílio. De tal modo, o desenvolvimento real permite-nos delinear o futuro imediato da criança e seu estado dinâmico de desenvolvimento, propiciando o acesso não somente ao que já foi atingido através do desenvolvimento, como também àquilo que está em processo de maturação (Vygotsky, 1984, p.58). E,

Assim, o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal da criança. No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo, é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento. (Vygotsky, 2010, p.122)

Ele acredita que, no brincar, as crianças se projetem em atividades adultas e ensaiem seus futuros papéis e valores e desta forma os jogos seriam uma forma de antecipar o desenvolvimento por meio da interação com outras pessoas. Diz ele: que “se todo brinquedo é, realmente, a realização na brincadeira das tendências que não podem ser imediatamente satisfeitas, então os elementos das situações imaginárias constituirão, automaticamente, uma parte da atmosfera emocional do próprio brinquedo.” (Vygotsky, 1984, p.63)

Ainda, para este autor, pode-se dizer que durante a interação e participação no jogo, muitos aspectos importantes da vida dos adolescentes podem se tornar temas de discussão, reflexão e aprendizagem. “Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade” (Vygotsky, 2010, p.118).

Espera-se que da mesma forma, públicos de outras faixas etárias possam se beneficiar na utilização de jogos, sobretudo nas atividades práticas de educação sexual, o que ainda não é possível afirmar devido às poucas as publicações sobre a utilização de jogos como estratégias pedagógicas em processos de educação sexual formal.

1.3 A Educação Sexual na Escola como uma intervenção intencional

Silva (2002) no artigo “Origens da Educação (sexual) brasileira e sua trajetória” explica que, em consonância com a nova ordem social, a educação sexual no Brasil, nasce influenciada pelas concepções médico-higienistas preocupadas em combater a masturbação, as doenças venéreas e em preparar a mulher para o papel de esposa e de mãe. Outra preocupação higienista era a organização social pautada em papéis sociais e sexuais distintos, na qual o homem é superior e a mulher, naturalmente submissa, deveria ter um papel cuja atuação se restringia ao espaço doméstico. Por outro lado, a urbanização e o avanço do capitalismo acarretaram novos valores que requeriam uma maior participação da mulher e a partir da década de 20, iniciou-se, ainda que de forma tímida, alguma preocupação com a educação sexual no campo da educação escolar, pois para que a sociedade se modernizasse, era necessário que o indivíduo conhecesse a fisiologia sexual nos moldes do discurso higienista. Assim, por volta de 1928, surgem alguns congressos defendendo programas de Educação Sexual nas escolas, lançando a ideia de que o espaço escolar seria um local apropriado para se discutirem os conhecimentos na área da sexualidade.

Embora tenham se iniciado estas discussões e também surgido uma vasta literatura na área da sexualidade, a atitude histórica dominante dos anos 40 aos anos 60 é de negação, ocultamento e proibição, tendo como pano de fundo o golpe militar de 1964. Este período repressivo deixou marcas no processo de implantação oficial da educação sexual nas escolas. Todos os projetos e investidas neste sentido foram barrados, e em termos oficiais nada foi feito. (Silva, 2002).

Em 1971, a Lei 5.692/71 fixou as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, não colocando nenhuma proibição formal em relação a educação sexual. Já em 1974, o parecer nº 2.264/74 do Conselho Federal de Educação, menciona a educação sexual como um propósito a ser desenvolvidos nos programas de Educação da Saúde com os estudantes do segundo grau, deixando claro que, somente os especialistas da educação e da saúde é que poderiam tratar do assunto. Esta preocupação se originou principalmente nos anos 60/70 com as manifestações de movimentos feministas e hippies que passaram a disseminar a bandeira da liberdade

sexual. Além disso, com o advento da pílula anticoncepcional, altos índices de gravidez não planejada – sobretudo na adolescência -, muitos casos de AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis, exigiram uma preocupação maior das autoridades nesta área e a necessidade de que a educação formal elaborasse diretrizes para nortear este novo modelo de comportamento.

Assim, neste período, houve a necessidade de se implantar uma educação sexual escolar. Entedia-se que a escola sendo um espaço de convivência social do jovem, onde ele permanece boa parte de sua vida, não poderia se omitir frente à gravidade da doença, considerando que a sua principal via de transmissão é a via sexual; por isso a necessidade de um trabalho de educação sexual escolar, sobretudo junto aos adolescentes, entendendo-se aqui a adolescência (diferente da puberdade que se relaciona ao desenvolvimento biológico) construída historicamente, devendo ser considerada no contexto social, cultural e político no qual o indivíduo está inserido e, assim Quadrado (2008) entende que a adolescência não é uma etapa “natural” da vida, mas que foi criada historicamente pelo homem, enquanto representação e enquanto fato social e psicológico.

Sabemos que a educação sexual informal sempre existiu nas escolas, porém até a década de 90 não havia nenhuma proposta formal ou governamental que regularizasse ou referendasse sobre a educação sexual nas escolas. Como vimos, havia projetos, intenções, mas somente com a Lei de Diretrizes e Bases, LDB (lei 9394/96), incluiu-se como tema transversal através de uma recomendação que não tem força de lei, o que persiste até hoje.

Neste mesmo período, num contexto mundial, em 1997, na cidade de Valencia (Espanha) realiza-se no XIII Congresso Mundial de Sexologia, na qual, durante a Assembléia Geral da World Association for Sexology (WAS), se aprovaram as principais emendas da Declaração de Direitos Sexuais, sendo que o direito à informação e à educação sexual é um direito garantido na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Assim,

Os direitos sexuais podem ser resumidos nos seguintes pontos: direito à liberdade sexual, à autonomia sexual, integridade sexual e segurança do corpo, à privacidade sexual, à liberdade sexual, ao prazer sexual, à expressão sexual, à livre associação sexual, a escolhas reprodutivas livres e responsáveis, à informação baseada no conhecimento científico, à educação sexual compreensiva e à saúde sexual.” (Maia, 2011, p.81)

De tal modo, foi neste contexto, que a educação sexual intencional – denominada por “orientação sexual” – se inseriu nos Parâmetros Curriculares Nacionais- PCN, dentre o conjunto de assuntos denominados “Temas Transversais” que englobam também os temas como: ética, educação ambiental, pluralidade cultural, saúde, trabalho e consumo.

Ao se inserir através de um tema transversal, a educação sexual é um assunto que deve ser tratado nas diversas disciplinas que compõe o currículo escolar, perpassando-os, sem que se privilegie esta ou aquela disciplina. Assim o conteúdo pode ser trabalhado em dois momentos diferentes: de forma prevista, dentro da programação, sendo dividido por diversos professores, ou de forma extra, a partir de necessidades e acontecimentos espontâneos, sem que haja o planejamento prévio. Além disto, o PCN também sugere a possibilidade da criação de espaços para a discussão dos temas transversais fora do horário das aulas, com a supervisão de um profissional qualificado.

Cabe ressaltar que as possibilidades de ensino sugeridas no PCN, coincidem com as formas de educação sexual concebida por Werebe (1981) e referendadas por outros autores como Figueiró (1997) e Maia (2011), ou seja, educação sexual formal (planejada e intencional) e a educação sexual informal (não planejada, a que ocorre diante dos acontecimentos do cotidiano).

Com relação à educação sexual formal, o planejamento das atividades, segundo Figueiró (2004), deve estar embasado nas seguintes premissas:

educar sexualmente é muito mais que ensinar os conteúdos de biologia e fisiologia da sexualidade; educar sexualmente é criar oportunidades para o aluno expressar seus sentimentos, angústias e dúvidas, refletir sobre suas atitudes e rever preconceitos; para educar sexualmente é preciso saber ouvir; o aluno deve ser visto como sujeito ativo no processo ensino aprendizagem e deve ter muito espaço para falar e ouvir seus colegas; o professor deve ser a pessoa que cria as condições para o aluno aprender, ao invés de ser um simples transmissor de conhecimentos. (Figueiró, 2004, p.7)

Destarte, diversos autores consideram que embora a educação sexual ocorra em diversos espaços sociais, a escola é um local apropriado, na qual a educação sexual intencional pode ser organizada na forma de projetos de intervenção que tenham o propósito de educar de modo crítico e reflexivo a sexualidade construída socialmente (Maia, 2011; Nunes & Silva, 2000; Ribeiro, 1990; Werebe, 1998). Deste modo, fica evidente a importância da escola em assumir sua função social como instituição coadjuvante na formação de cidadãos críticos. Além do mais, não se pode negar que a escola também participa ativamente no processo de construção da sexualidade dos seus alunos, sendo que:

A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela. (Brasil, 2000, p. 292).

É preciso, conscientizar a comunidade escolar a respeito de sua importância como instituição que deve se responsabilizar, não pela educação sexual – que é contínua, recebida a partir do nascimento na família, na comunidade e diversos meios nos quais convive – mas pela educação sexual formal, que se refere a uma prática sistematizada e planejada por profissionais qualificados. Assim, de acordo com o PCN ao tratar do tema Educação Sexual, na escola, dever-se-ia

considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte. Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. Engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista. Inclui a importância da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/Aids e da gravidez indesejada na adolescência, entre outras questões polêmicas. Pretende contribuir para a superação de tabus e preconceitos ainda arraigados no contexto sociocultural brasileiro. (Brasil, 2000, p. 287)

Se a educação sexual se apresenta como um direito imprescindível, expresso na declaração dos direitos humanos como “direito à informação baseada no conhecimento científico, à educação sexual compreensiva e à saúde sexual”, vale refletir sobre os motivos pelos quais a educação sexual ainda não é muito reconhecida tanto no meio acadêmico, como na rede escolar. Embora tenham ocorrido alguns avanços, a educação sexual no nosso país ainda sofre preconceitos, necessitando de estudos e informações que sejam acessíveis ao público em geral. Além disso, desde o início o argumento da saúde, colocou o foco da educação sexual intencional no funcionamento orgânico e biológico do corpo humano, sendo que o cenário mudou muito, mas as propostas acabam ainda privilegiando esse aspecto.

Salienta-se, sobretudo, a importância da realização de uma educação sexual que leve em consideração as atitudes, os valores e os comportamentos ligados à sexualidade que acompanham cada indivíduo desde o seu nascimento. Além disso, a educação sexual formal realizada na escola precisa ser planejada e organizada de forma reflexiva, visando uma formação crítica que envolva mudanças de atitude sobre sexualidade e o que for decorrente dela, afinal,

A escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas ela tem sido um dos locais centrais da produção das identidades, na “fabricação” de sujeitos. A estrutura arquitetônica da escola, os lugares permitidos e proibidos, os símbolos, códigos e regras para afirmar o que cada uma pode (ou não pode) fazer, as falas, os silenciamentos, os gestos vão, pouco a pouco, ensinando meninos e meninas a ser de determinada maneira, se reconhecer e se pensar de determinado jeito. (Silva & Magalhães, 2008, p.140)

Assim, é essencial que a educação sexual escolar seja pluralista, reconhecendo a multiplicidade de comportamentos e valores, partindo da ideia de que não há uma verdade absoluta e coloca a importância de criar espaço para reflexão e questionamentos com ênfase nos aspectos sociais e culturais. Deste modo entende-se a importância da escola ser reflexiva, caso contrário se tornará mera reprodutora de padrões normativos que não produzirão uma mudança de atitude efetiva.

A mudança de atitude, entendida aqui como a disposição de uma pessoa para agir de forma favorável ou não em relação a uma situação particular, é formada, segundo Cavalcanti (1993), através de três componentes básicos: o cognitivo (pensar), o afetivo (sentir) e o conativo (agir). Em palavras simples, aquilo que o indivíduo pensa e o modo como age parecem depender de suas vivências e de sua aprendizagem no meio social, ou seja, o pensamento, o sentimento e a ação relativos à sua sexualidade são comportamentos inter-relacionados. (Maia, 2010, p.7)

Muito além das definições, o planejamento de um programa de educação sexual na escola é extremamente importante para que haja uma aceitação e colaboração de todos os agentes envolvidos, através de debates, consultas aos pais, estabelecendo objetivos abrangentes e principalmente tendo educadores bem capacitados para tratar do assunto com naturalidade e que saibam utilizar vários recursos didáticos e pedagógicos para uma melhor assimilação dos temas tratados. Nunes e Silva (2000), Maia (2004) e Figueiró (2006) argumentam que geralmente, os professores, não têm recebido preparo na sua formação acadêmica para atuar como educador sexual, pois para isto é essencial que em sua formação o professor possa refletir sobre a sua própria história de educação sexual.

Para finalizar este capítulo, ao falar da importância da escola, na realização de uma educação sexual formal, salientamos a importância de posicionar o conhecimento pedagógico no mesmo nível de seriedade que o conhecimento adquirido de outras formas como, por exemplo, na educação sexual informal. Assim, entendemos que o saber científico deve ter um caráter igualitário se comparado aos conhecimentos adquiridos através das experiências de vida. Além disso, temos plena consciência de que a escola está permeada por mecanismos de poder que perpassam as relações humanas, sendo evidentes as dificuldades de transformação na realidade da educação sexual como vem sendo realizada na atualidade. Mesmo assim, entendemos que é importante pensar sobre como os recursos pedagógicos podem coagir ou restringir as pessoas, inscrevendo nelas modos de ser e de agir e assim buscar mudanças nas práticas escolares visando que se minimizem seus mecanismos de controle e dominação.

2 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

Além da educação sexual informal que ocorre durante a vida dos indivíduos, a educação sexual formal também se constitui como um meio importante de levar informações, esclarecimentos, reflexões visando o desenvolvimento de jovens autônomos na vivência de sua sexualidade prazerosa, com atitudes preventivas e saudáveis.

Considerando a importância dos jogos como recursos pedagógicos importantes em processos de educação sexual formal, bem como o fato de alguns jogos serem distribuídos nas escolas públicas, com a temática da sexualidade, este estudo se justifica na medida em que se acredita ser essencial ter uma crítica em relação aos diversos materiais pedagógicos antes de utilizá-los, a fim de que não se reproduzam valores e estereótipos presumíveis e, além disso, levem em consideração as aprendizagens, saberes e modos de agir adquiridos nas experiências cotidianas, que geralmente são desconsideradas ou silenciadas frente àquilo que consideramos como conhecimento “válido” à matéria escolar a ser ensinada na sala de aula. (Souza, 2008).

Espera-se com os resultados contribuir para a educação sexual formal dos adolescentes e para a capacitação dos profissionais que pretendem ser mediadores do jogo a fim de que realizem discussões adequadas, que levem em consideração os pré-conceitos dos educandos e possam realizar uma educação sexual que vise antes de tudo a liberdade e o pensamento crítico dos indivíduos. Além disso, busca-se descrever e analisar o jogo para que profissionais possam avaliar sobre a pertinência ou não da utilização desse material como parte integrante de propostas de educação sexual formal.

Diante do exposto, esta pesquisa teve por objetivo geral: descrever e analisar um jogo destinado a formadores e estudantes adolescentes que trata do tema da sexualidade. De modo mais específico, esta pesquisa almejou:

- ✓ Descrever o jogo “Em seu lugar: Um jogo para profissionais que trabalham adolescentes e jovens”, composição, regras do jogo, histórias;
- ✓ Analisar o conteúdo das histórias temáticas que compõe o jogo;
- ✓ Analisar criticamente o contexto geral do jogo;
- ✓ Descrever elementos específicos envolvidos nas diversas histórias que compõe o jogo (distribuídos por categorias temáticas);

3 MÉTODO

O método descrito a seguir está organizado em três itens distintos, denominados: “Tipo de estudo”, “Descrição do Objeto de análise: O Jogo” e “Procedimento de análise de dados”. No item “Tipo de estudo” o trabalho é caracterizado e justificado como um estudo qualitativo-descritivo do tipo documental. No item “Descrição do Objeto de análise: O Jogo” se entende a dinâmica do jogo exemplificando alguns pontos importantes do manual e apresentando num quadro, o resumo das histórias. Por ultimo, no item “Procedimento de análise de dados” se explica a realização da análise de conteúdo da forma proposta por Laurence Bardin (1977), citando os passos de análise do jogo.

3.1 Tipo de estudo

Este trabalho caracteriza-se como um estudo qualitativo-descritivo do tipo documental.

Considera-se uma pesquisa qualitativa porque, segundo Bogdan e Biklen (1994), os dados recolhidos são em forma de palavras e não de números, além disso, os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados, sendo que estes incluem transcrições e visam analisar os dados em toda a sua riqueza.

Também é uma pesquisa descritiva à medida que descreve características e busca estabelecer relações entre variáveis. É documental, pois se vale de um de um material que ainda não recebeu um tratamento analítico (Gil, 1999), ou seja, com a finalidade de ampliar o conhecimento sobre o tema, realiza um levantamento de informações retiradas do texto de um jogo destinado a trabalhar temas de educação sexual.

3.2 Descrição do objeto de análise: o Jogo

O documento analisado constitui-se num jogo. A escolha do jogo se deu a partir do interesse em conhecer com mais detalhes o material distribuído (em agosto de 2013) gratuitamente a todas as Escolas Estaduais de São Paulo (cerca de 5.000 escolas), pela secretaria de Estado da Educação, como parte integrante do Kit de prevenção intitulado “Prevenção Também se Ensina”, projeto idealizado pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE). Além disso, a possibilidade do jovem exercitar sua empatia, se

colocando no lugar dos personagens se constituiu num fator de curiosidade a respeito das possibilidades de aprendizagem lúdica propiciadas pelo jogo. Outro aspecto que chama a atenção é o fato do jogo permitir uma argumentação, levando-o a uma possível reflexão e desenvolvimento do senso crítico nos jogadores, além de ser um modelo de atitudes possíveis de serem tomadas na vida real, com a abertura de discussão sobre o desfecho de cada história.

Assim, buscou-se inicialmente conhecer o jogo, realizar a leitura atenta, a transcrição e a análise minuciosa das histórias. O Jogo escolhido, distribuído pelo do Instituto Promundo, intitula-se “Em seu lugar – Um jogo para profissionais que trabalham com adolescentes e jovens³”. É composto por cento e quatorze cartelas, seis fichas e um guia do facilitador. “O jogo consiste em seis histórias diferentes que tem em comum a discussão sobre os direitos da população jovem, principalmente, no que diz respeito à sua saúde sexual e saúde reprodutiva.” (Arruda et al, 2011). De acordo com o manual, o ideal é que o jogo seja aplicado com grupos de no máximo 18 pessoas (três pessoas por história). O jogo inicia distribuindo-se uma ficha para cada grupo, sendo que esta primeira ficha contém a descrição de um adolescente. O grupo deve ler a descrição e em seguida dirigir-se à mesa onde estão as demais fichas para receber a ficha seguinte denominada “situação 1”. A partir daí cada grupo deve se pôr no lugar do personagem, discutindo os passos seguintes de acordo com as possibilidades apresentadas. Fazem isto sucessivamente até chegar à última ficha. Então o grupo deve elaborar um final para a história e registrá-lo numa folha de papel. Quando todos os grupos terminarem, cada grupo conta sobre a trajetória seguida pelo seu personagem e inicia-se o debate mediado. De acordo com o manual, o tempo de duração previsto pode variar entre duas e três horas, incluindo a discussão posterior.

De acordo com o manual, são objetivos do jogo: facilitar a percepção de profissionais da saúde e da educação sobre as dúvidas, as emoções e os receios que existem no imaginário de adolescentes e jovens; exercitar a empatia como forma de atender mais adequadamente às demandas e necessidades de adolescentes e jovens no que diz respeito à Saúde sexual e saúde reprodutiva (SSSR); favorecer o aprendizado das doenças sexuais e doenças reprodutivas (DSDR) e dos marcos legais que garantem o respeito aos direitos de adolescentes e jovens à igualdade, à educação qualificada e ao acesso aos serviços de saúde; incrementar o conhecimento e a sensibilização de profissionais da educação e da saúde sobre as dificuldades e os obstáculos que os adolescentes e jovens enfrentam quando buscam por seus direitos sexuais e seus direitos reprodutivos.

³ O jogo se encontra disponível para download no site:
<http://promundo.org.br/wpcontent/uploads/sites/2/2015/01/Jogo-em-Seu-Lugar.pdf>

O jogo é uma espécie de Role-playing game (RPG), na qual as histórias permitem aos jogadores assumirem o cotidiano de seis avatares: Beto, Léo, Mariana, Priscila, Rafaela e Tiago, adolescentes que vivem alguma situação de vulnerabilidade, conflitos familiares ou situações em que seus direitos foram negados. Neste tipo de jogo, em geral, os jogadores assumem papéis e criam histórias colaborativas num sistema de regras determinadas anteriormente. Esperamos entender a importância deste tipo de atividade à medida que, se difere de outros jogos por não ser competitivo, ou seja, neste jogo não há ganhador ou perdedor, porém se estimula a empatia, a criatividade, a socialização e a colaboração entre os pares.

É importante salientar que nenhuma história tem um final específico, cabendo aos jogadores decidirem o que acontece. Além disso, o manual sugere algumas questões para serem discutidas após o término do jogo:

- ✓ Como se sentiram ao longo da atividade?
- ✓ Vocês conseguiram se colocar no lugar do personagem? Por quê?
- ✓ Qual foi o momento em que a história lhe causou maior impacto?
- ✓ Quais foram os obstáculos institucionais – família, escola, grêmios, serviço de saúde, comunidade, polícia – que os adolescentes e jovens encontraram quando foram buscar pelos seus direitos? Qual deveria ter sido a resposta dessas instituições?
- ✓ Pensando em seu ambiente de trabalho, vocês se recordam de alguma situação em que os direitos de adolescentes e jovens foram desrespeitados? Quais?
- ✓ O que poderia ser feito para tornar, por exemplo, os serviços de saúde mais amigáveis para adolescentes e jovens?
- ✓ Como a escola poderia garantir que as informações sobre sexualidade e saúde reprodutiva possam fazer parte do currículo?
- ✓ Tem alguma outra proposta que favoreça o acesso à informação e ao uso do preservativo?
- ✓ Segundo sua experiência, que fatores dificultam os adolescentes a lutarem pelos seus direitos?

A indicação é que a aplicação seja realizada por profissionais da área da Educação ou da Saúde que tenham “uma visão dos adolescentes como sujeitos de direitos, inclusive os sexuais e reprodutivos.” (Arruda et al, 2011). O público alvo recomendado pelo guia do facilitador são adolescentes e jovens a partir dos doze anos de idade, mas também se destina a profissionais das áreas da educação e da saúde ou educadores de adolescentes e jovens.

O jogo foi adaptado do original “Caminando em Sus Zapatos” da Alianza InterCambios.

Figura 1 - Fotos do Jogo analisado.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

O Jogo traz a descrição sumária de cada história, tal como se mostra no quadro abaixo:

Quadro 1 – Descrição das Histórias

| Nome da História | Tema principal | Descrição do próprio jogo |
|--------------------------|-----------------|--|
| A HISTÓRIA DE LEO | HIV/AIDS | <i>Leo, um jovem de 16 anos que vive com HIV desde que nasceu, tem acesso aos serviços de saúde e aos antirretrovirais, ou seja, medicamentos para o tratamento de infecções causadas pelo HIV. Desde 1996, o Brasil garante o acesso universal e gratuito aos antirretrovirais, a partir da regulamentação da Lei nº 9.313. Leo tem uma vida igual à de qualquer outro jovem de sua idade. E como qualquer jovem, quer iniciar sua vida sexual, mas teme sofrer situações de preconceito devido ao seu estado sorológico. Em 1989, profissionais da saúde e membros da sociedade civil criaram, com o apoio do Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais, a Declaração dos Direitos Fundamentais da Pessoa com Vírus da Aids. O documento foi aprovado no Encontro Nacional de ONGs que trabalham com AIDS (ENONG), em Porto Alegre (RS). Em seu artigo XI, essa declaração estabelece que: toda pessoa com HIV/Aids tem direito à continuação de sua vida civil, profissional, sexual e afetiva. Nenhuma ação</i> |

| | | |
|-------------------------------|----------------------------|--|
| | | <i>poderá restringir seus direitos completos à cidadania.</i> |
| A HISTÓRIA DE MARIANA | Violência de gênero | <i>Mariana é uma garota de 17 anos que adora esporte e skate. Por ter uma aparência diferenciada, vive situações de bullying na escola. Ao denunciar uma situação de violência que ocorreu na escola, acaba sofrendo uma violência sexual. Uma das trajetórias da história leva Mariana a um serviço de apoio à mulher, em que ela descobre que a violência sexual é um crime que consta na Lei nº 11.340, mais conhecida como Lei Maria da Penha. Descobre, também, que ainda não existe uma lei específica para punir a prática de bullying em território nacional.</i> |
| A HISTÓRIA DE PRISCILA | Abuso Sexual | <i>Priscila tem 13 anos, mas todo mundo acha que ela é mais velha. Um dia, em uma balada, ela conhece Marcelo, um homem de 27 anos, e começam a namorar. Inicialmente, Marcelo é muito carinhoso e a enche de presentes. Até que um dia, ele a pressiona a fazer sexo com ele. Em uma de suas trajetórias, sua tia diz que não é correto uma menina da idade de Priscila ter uma relação sexual com um homem mais velho. Em outro momento, o pai de Priscila diz que se ela teve relações sexuais com um homem dessa idade irá processá-lo por sedução de menor. Na verdade, a partir de 2009, a Lei nº 12.015/2009 considera estupro de vulnerável a prática de qualquer ato libidinoso entre uma pessoa maior de idade e outra com menos de 14 anos (217 – A, “caput”), mesmo quando consensual. A pena de reclusão é de 8 a 15 anos. Também nesta história, uma das possibilidades é Priscila procurar pelo serviço de saúde, pois teme ter se infectado com alguma doença sexualmente transmissível porque Marcelo não usou preservativo quando tiveram relações sexuais. A pediatra diz que só poderá atendê-la se ela for ao posto de saúde acompanhada por um familiar. O Manual de Orientação de Saúde do Adolescente da Federação Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia – FEBRASGO, no entanto, faz as seguintes recomendações para o atendimento ao adolescente na rede de saúde: a ausência dos pais ou responsáveis não deve impedir as ações de atenção à saúde dos adolescentes.</i> |
| A HISTÓRIA DE BETO | Paternidade | <i>Em uma das trajetórias possíveis da história de Beto – um jovem de 17 anos que quer participar do pré-natal de sua namorada Manuela – ele procura por informações na internet sobre seus direitos como pai. Descobre a existência da Lei nº 11.108 de 07 de abril de 2005 que, no âmbito do Sistema Único de Saúde – SUS garante o direito ao pai de participar de todo o processo gestacional, do parto e do pós-parto. Nesta mesma história, Beto recorre à Ouvidoria do SUS do serviço de saúde que Manuela e ele frequentam para garantir seu direito de fazer o pré-natal do homem, um ato importante para a prevenção da transmissão vertical e da sífilis congênita.</i> |
| A HISTÓRIA DE TIAGO | Homossexualidade | <i>Tiago tem 15 anos e nunca contou para ninguém que gosta de meninos. Seu pai e seus amigos o pressionam para que ele deixe de ser virgem e que tenha relações sexuais com uma garota. Tiago, no entanto, prefere fingir a dizer que, na verdade, está apaixonado pelo Paulo, seu melhor amigo. Teme sofrer preconceitos e ser discriminado na escola. As trajetórias da história de Tiago levam-no a situações em que ele busca por ajuda na igreja, nos serviços de saúde e em grupos de jovens que, como ele, tem uma orientação sexual diferente da heterossexual. Em uma delas, Tiago descobre que é preciso lutar pelos seus direitos.</i> |

| | | |
|-------------------------------------|----------------------|---|
| <p>A HISTÓRIA DE RAFAELA</p> | <p>Aborto</p> | <p><i>Rafaela tem 16 anos, estuda à noite e trabalha durante o dia em um supermercado. Tem um namorado, Luiz Carlos, e utilizam tabelinha e o coito interrompido como forma de evitar uma gravidez. Ao se descobrir grávida, Rafaela procura pelo namorado e descobre que ele não deseja ter um filho neste momento. Uma das possibilidades na história é a de Rafaela interromper a gravidez. No Brasil, de acordo com o Código Penal, artigo 128, a interrupção da gravidez por meio legal só é possível no caso de uma gravidez resultante de estupro ou de risco de vida para a mulher.</i></p> |
|-------------------------------------|----------------------|---|

Fonte: Adaptado de Arruda et al (2011)

⁴O manual do jogo indica que o mesmo foi testado em dois municípios – Rio de Janeiro e São Paulo – por profissionais da área da saúde e da educação, bem como por um grupo de estudantes de medicina. Nos quatro grupos formados para testar o jogo, a grande maioria dos participantes se envolveu e – uns mais e outros menos – conseguiram se colocar no lugar dos personagens. As discussões nas duplas e nos trios foram bem animadas, sendo que, em uma das situações, duas participantes optaram por dois finais diferentes por não conseguirem entrar em um acordo. Na avaliação final sobre o jogo, vários participantes apontaram a discussão final como um dos pontos mais importantes, pois possibilitou, nas palavras de um deles: “ que os participantes explicitassem as dificuldades que têm em trabalhar com a perspectiva de gênero e de enxergar adolescentes e jovens como sujeitos de direito”. Outro participante afirmou estar estarecido consigo próprio: “só ao final da discussão em grupo é que percebi como minhas escolhas foram conservadoras”. Até então, me achava bem mais moderno.

Ainda, o manual coloca como uma descoberta em comum, tanto nos grupos com educadores quanto com profissionais de saúde, o desconhecimento que ainda existe sobre os direitos de adolescentes e jovens, sendo que o Estatuto da Criança e do Adolescente surgiu em algumas falas e, em certos casos, como um instrumento que trata somente dos direitos dos adolescentes sem pensar nos seus “deveres” em relação à família e os estudos. Poucos foram os participantes que conheciam os direitos sexuais e os direitos reprodutivos, bem como os marcos legais citados no decorrer de algumas histórias.

De acordo com uma participante, a metodologia do jogo permitiu esclarecer várias questões como o aborto legal, o conceito de gênero e a importância da participação masculina na concepção e no acompanhamento à gravidez em todos os seus estágios: pré-natal, parto e pós-natal. Outra participante afirmou: “a história da Mariana mexeu muito comigo.

⁴ Toda a descrição sobre o jogo foi extraída do manual.

Impressionante como a gente tem preconceito e discrimina adolescentes por conta do uso de alguns adereços. Senti na pele o que Mariana sofreu”.

Ao final, muitos participantes sugeriram que, uma vez impresso, o Promundo voltasse aos locais onde o jogo foi testado para aplicá-lo com toda a equipe de profissionais da escola ou da unidade básica de saúde. Profissionais da área da saúde enfatizaram ser importante utilizar esse material na formação dos agentes comunitários de saúde.

Um dos grupos, formado por estudantes de medicina, sugeriu que os personagens das histórias se conectassem em alguns momentos. Por exemplo: na história de Mariana, o menino que estava apanhando da turma do Jonas por ser homossexual fosse Tiago, que faz parte de outra história. Esta sugestão foi imediatamente acatada.

O Manual menciona que os grupos pesquisados sugeriram acrescentar situações relacionadas ao uso de drogas ou de álcool, porém a equipe do Promundo não acatou esta proposta, preferindo pensar outros materiais que tenham droga como tema central e mantendo assim a temática da sexualidade no presente jogo. (Arruda et al, 2011)

3.3 Procedimento de análise de dados

O procedimento utilizado foi a análise de conteúdo, proposta por Laurence Bardin (1977). O jogo foi tratado como um “documento” e, sendo assim, todo o conteúdo das histórias foram analisados, seguindo os passos de análise:

- a) Leitura flutuante de todo o material do jogo;
- b) Digitação das narrativas, isto é, todas as histórias do jogo foram transcritas na íntegra.
- c) Identificação detalhada de regularidades ou padrões;
- d) Levantamento de temas, palavras geradoras, que representassem a organização de categorias temáticas;
- e) Realização de uma pré-análise, nomeando categorias temáticas mutuamente exclusivas, ou seja, o que faz parte de uma categoria não faz parte da outra. Devido à singularidade de cada história, inicialmente foram elaboradas categorias temáticas diferentes para cada uma delas. (Toda a organização dos dados em pré-análise encontra-se no Apêndice);
- f) Sinalização de trechos das narrativas que se referiam a cada categoria;
- g) Reorganização das categorias mantendo somente as categorias que se apresentassem comuns em pelo menos três histórias;

- h) Análise e interpretação geral do jogo;
- i) Análise e interpretação das categorias tendo como base a revisão da literatura.

4 RESULTADOS

Os resultados do presente trabalho foram organizados em dois tópicos: Análises gerais das narrativas e Categorias de Análise Temática. O primeiro tópico apresenta breves resumos das histórias de Leo, Mariana, Priscila, Beto, Tiago e Rafaela e o segundo tópico, apresenta a análise do jogo, exemplificado por trechos do mesmo. As categorias encontradas foram denominadas: Discurso contraditório, Comportamentos de risco e vulnerabilidade, Julgamento moral, Relações familiares, Apoio comunitário, Sexismo e heteronormatividade, Tecnologias e vínculos interpessoais, Avaliação interna, Práticas sexuais e consequências e Serviço de saúde.

4.1 Análise geral das narrativas

As sessões seguintes apresentam resumos de cada uma das narrativas do jogo, sintetizadas pelas autoras, após realizar a leitura minuciosa do material. Em cada síntese se menciona a temática principal, bem como os principais acontecimentos, pontos de discussão e pontos que poderiam ter sido mais bem explorados.

4.1.1 A história de Leo

Na história de Leo há um jovem de 16 anos, com HIV, por contágio vertical⁵, fazendo uso de medicamentos e controle médico, procura uma garota na internet se relaciona com ela sexualmente. A garota também é HIV positiva, mostra dificuldades em adesão ao tratamento e na primeira relação sexual não fizeram uso de preservativo. Há conflitos como contar ou não sobre a relação sexual desprotegida, assumir ou abortar diante de uma gravidez. Da situação inicial, os desdobramentos podem ser procurar “serviços de saúde”, “amigos”, “família”, “apoio comunitário”, “igreja”. De modo geral, a história aborda um tema muito importante: HIV/Aids, tanto nos sentido de prevenção- mesmo em casos de parceiros já infectados- como no sentido de convivência e vínculos amorosos e sexuais em jovens infectados. A narrativa

⁵ O contágio vertical ocorre quando a criança é infectada pelo vírus da AIDS durante a gestação, no parto ou por meio da amamentação, quando a mãe possui o vírus HIV.

explica, de certa forma, sobre os medicamentos e exames necessários, sequelas decorrentes do uso dos medicamentos, adesão ou não a tratamento etc. Temas polêmicos em quaisquer situações (seja o jovem com HIV ou não) não tiveram tanta ênfase, como o aborto.

4.1.2 A história de Mariana

Na história de Mariana, há uma jovem de 17 anos, que sofre bullying devido à sua aparência física e gosto pelo esporte, sobretudo o skate. Ela tem um namorado que também é skatista e os dois têm relações sexuais. A problematização inicia quando um amigo de Mariana sofre agressão física devido ao fato de ser homossexual. Mariana decide lutar contra o preconceito que acontece na escola e para isto os desdobramentos podem levá-la a buscar apoio com a direção da escola, com amigos, grêmio estudantil ou policial que fica na porta da escola. Diante disto, ela suscita a ira da turma de Jonas e acaba sendo vítima de violência sexual. Após o estupro, Mariana tem a possibilidade de procurar serviços de apoio comunitário, igreja, polícia ou serviço de saúde, na qual é orientada sobre a lei Maria da Penha, sobre o direito de receber contracepção de emergência e remédios contra DST's. A história aborda temas importantes como a violências sexual contra a mulher, estereótipos de gênero e bullying.

4.1.3 A história de Priscila

Na história de Priscila há uma jovem de 13 anos que se apaixona por um homem de 27 anos, Marcelo que é separado e tem um filho de 5 anos. Priscila fica em dúvida sobre ter ou não relação sexual com ele e acaba cedendo por medo de perdê-lo. Sabemos que independentemente da diferença de idade a decisão sobre a primeira relação sexual é quase sempre permeada por conflitos e sofrimento decorrente do tabu cristão sobre a questão da virgindade, sobretudo antes do casamento. Sabemos que são recorrentes no cotidiano dos adolescentes as pressões exercidas pelo companheiro ou até mesmo pelos amigos. Além disso, numa das possibilidades da historia, a primeira relação ocorre sem preservativo, o que pode colocar em risco a saúde da jovem. Temas como doenças sexualmente transmissíveis e gravidez poderiam ter sido aprofundados. A história apresenta ainda outro tema relevante: sedução de menores, explicando que mesmo consensual, a relação sexual entre pessoas maiores de 18 anos com menores de 14 anos é considerada como crime.

4.1.4 A história de Beto

Na história de Beto há um jovem de 17 anos, que frequenta o cursinho pré-vestibular, mora com os pais e gosta de samba. O enredo inicia quando Beto se apaixona por Manuela, que tem a mesma idade que ele e foi sua primeira namoradinha na infância. Certo dia eles tem uma relação sexual sem utilizar preservativo e Manuela fica grávida. Os dois decidem ter filho e Beto deseja participar do pré-natal junto com Manuela, porém é barrado várias vezes no serviço de saúde. De modo geral, a história aborda um tema muito importante: os direitos relacionados ao homem e o pré-natal masculino, tanto no acompanhamento da mulher grávida, quanto na realização de exames dele. A narrativa explica, de certa forma, sobre os exames necessários ao homem que se tornará pai e as mudanças que ocorrem na vida do homem com a responsabilidade de constituir uma família. Temas polêmicos poderiam ter tido mais ênfase como o aborto e as mudanças ocorridas na vida da mulher que engravida.

4.1.5 A história de Tiago

Na história de Tiago há um jovem de 15 anos, estudioso e que adora teatro. O conflito desta história ocorre pelo fato de Tiago descobrir que gosta de meninos e que está apaixonado por seu melhor amigo, Paulo, que não é homossexual. Os pais de Tiago são separados e o pai estimula atividades que reforcem um comportamento de ‘macho’ no seu filho, como na vez que contratou uma garota de programa para que o filho tivesse a primeira relação sexual. O filho não consegue se excitar, mas mente para o pai. No dia seguinte conta tudo que aconteceu para seu amigo Paulo e este fofoca para todos da escola que Tiago é gay. Com isso, Tiago passa a ser vítima de piadas e exclusão. Não aguentando mais ter que guardar o segredo sobre sua orientação sexual, Tiago acaba revelando a verdade para sua mãe que num momento de desespero procura formas de curar o filho, buscando auxílio com um pastor e, em outro momento com a psicóloga do serviço de saúde. De modo geral, a história aborda um tema muito importante: homossexualidade, tanto no sentido da descoberta pessoal quanto na aceitação do outro. Embora a narrativa explique que não há cura porque homossexualidade não é uma doença e que pessoas com esta orientação sexual tem direitos, não se discute a construção social dos comportamentos típicos de cada gênero.

4.1.6 A história de Rafaela

Na história de Rafaela há uma jovem de 16 anos, que mora com o pai, pois não se dá bem com a mãe. Rafaela estuda, trabalha em um supermercado e sonha em ser mãe. Ela namora Luca, um colega de trabalho que está prestes a fazer 18 anos. O casal tem relações sexuais nas quais utilizam a tabelinha e o coito interrompido como formas de evitar a gravidez. Embora evitem a gravidez, Rafaela nota que sua menstruação está atrasada e ao fazer o teste de farmácia descobre que está grávida. Rafaela fica feliz e deseja ter o filho, porém o namorado diz que não deseja ser pai e nem tem condições de ajudar a cuidar do filho. Rafaela sente-se sozinha. Conversa com o pai, que se mostra pronto para apoiá-la na decisão que tomar. Assim, há conflitos entre ter ou não o filho, sendo que alguns personagens como uma amiga, a mãe e o namorado incentivam que a jovem faça um aborto. De modo geral, a história aborda temas importantes e polêmicos como gravidez na adolescência e aborto. A narrativa acaba explicitando, de certa forma, sobre as formas de realizar um aborto e a dificuldade de enfrentar uma gravidez não planejada na adolescência, deixando de enfatizar os riscos decorrentes da realização de um aborto clandestino, já que no Brasil esta prática é ilegal. Outro tema importante que não se problematiza nesta história é o fato da relação sexual desprotegida possibilitar a infecção por doenças sexualmente transmissíveis.

4.2 Categorias de Análise Temática⁶

Devido às singularidades de cada história, inicialmente as categorias de análise temática foram pensadas de forma específica para cada uma delas (resultados da pré-análise - Apêndice A). Após a realização de uma apreciação mais criteriosa, observamos que as mesmas categorias se repetiam nas diferentes narrativas e assim, optamos por reorganizar os resultados por categorias ao invés de organizar por histórias, como havíamos feito na primeira análise. Buscou-se com esta reorganização, uma compreensão mais global dos assuntos tratados no jogo verificando qual a abordagem predominante.

As categorias apresentadas a seguir são transversais às diferentes histórias do jogo, ou seja, são categorias comuns exemplificadas por excertos de pelo menos três ou mais histórias.

⁶ Todos os trechos das histórias indicadas nesta seção foram retirados das fichas do jogo e os grifos são de nossa autoria.

Assim, as categorias nomeadas são: discurso contraditório, comportamentos de risco e vulnerabilidade, julgamento moral, relações familiares, apoio comunitário, sexismo e heteronormatividade, tecnologias, avaliação interna, consequências da expressão da sexualidade, serviço de saúde.

Estas categorias foram pensadas buscando estabelecer relações com os direitos sexuais que, segundo Maia (2011) - conforme já mencionado na introdução - podem ser resumidos em:

direito à liberdade sexual, à autonomia sexual, integridade sexual e segurança do corpo, à privacidade sexual, ao prazer sexual, à expressão sexual, à livre associação sexual, a escolhas reprodutivas livres e responsáveis, à informação baseada no conhecimento científico, à educação sexual compreensiva e à saúde sexual. (Maia, 2011, p. 81)

Há relação entre as categorias descritas e os direitos sexuais. A analogia ocorre diante dos direitos sexuais que são respeitados em algumas histórias ou são ignorados em outras. Desta forma as categorias se articulam:

- ✓ A categoria discurso contraditório: se relaciona ao direito à expressão sexual e à liberdade sexual à medida que num primeiro momento os personagens são idealizados de forma romântica, sem possibilidades de assumir sua sexualidade, ou seja, não tem liberdade de ser e de agir. Diante disso apresentam conflitos e angústias relacionados à sua sexualidade;
- ✓ A categoria comportamentos de risco e vulnerabilidade: está relacionada principalmente ao direito à informação, integridade sexual e segurança do corpo e à saúde sexual à medida que os jovens das histórias se colocam em situação de risco, na maioria das vezes, devido à falta de informação ou omissão dos serviços e profissionais de saúde;
- ✓ A categoria julgamento moral: aborda diretamente o direito à educação sexual compreensiva, considerando que este julgamento ocorre - mas não deveria - sobretudo quando se trata dos profissionais de saúde;
- ✓ A categoria relações familiares: aborda a questão do direito à autonomia sexual e à privacidade sexual, sendo que muitas vezes a família nega o direito de privacidade aos adolescentes ou interfere de forma invasiva sem consentimento dos mesmos;

- ✓ A categoria apoio comunitário: surge como um apoio ao direito à liberdade sexual, uma vez que estes espaços são apontados como lugares onde os adolescentes sentem-se à vontade para falar livremente sobre assuntos relativos à sexualidade;
- ✓ A categoria sexismo e heteronormatividade: se refere ao direito à livre associação sexual;
- ✓ A categoria tecnologias e vínculos interpessoais: se relaciona ao direito à informação baseada no conhecimento científico, discutindo que nem sempre as informações encontradas na internet são exclusivamente científicas;
- ✓ A categoria avaliação interna: se relaciona ao direito à autonomia sexual e ao prazer livres de culpas e inseguranças;
- ✓ A categoria consequências da expressão da sexualidade: diz respeito ao direito à expressão sexual sem consequências negativas para os indivíduos;
- ✓ A categoria serviço de saúde: está relacionada ao direito à integridade sexual, saúde e segurança do corpo.

4.2.1. Discurso contraditório

A contradição está presente nas diversas histórias do jogo, sobretudo no que diz respeito à forma como os personagens são apresentados, sendo que, sua descrição inicial se opõe às atitudes apresentadas diante dos conflitos vivenciados em cada história. Assim, notamos algumas incoerências, entre as características dos jovens personagens, cujos sentimentos são contrários ao que expressam em suas atitudes, mostrando por vezes uma visão idealizada em relação à realidade.

História de Leo (HIV/Aids)

Nesta história a contradição está na representação da vida de um jovem com HIV como uma “vida normal” e “incomum”.

No início da história, há uma afirmação que sugere que a vida de uma pessoa com HIV é igual a de demais pessoas e que, apesar dos remédios e controle com exames, tudo o mais seria comum, mas isso é dito de modo romantizado e ideal. Além disso, o sentido de “normal” e igual a vida de outros jovens refere-se ao fato de estudar, ter amigos e se interessar por meninas, demarcando já uma visão heteronormativa nos interesses eróticos e afetivos da juventude. No entanto, em outra passagem da narrativa, vários apontamentos indicam uma

vida complicada e diferente quando se vive com o HIV. Afinal, entendemos que lutamos pelos mesmos direitos, mas não é possível equalizar uma vida de um jovem com uma enfermidade como a Aids com outros jovens.

*Todos os dias eu tomo um monte de remédios. Também sempre faço exames para ver como está a minha carga viral, isto é, um exame para contar o número de vírus que tem no meu sangue. **Fora isso, minha vida é como a de qualquer outro adolescente. Ou na escola, faço lição de casa, tenho amigos e me interesso pelas meninas.***

*Dalila diz que está **cansada de viver desse jeito e que quer ter uma vida igual a das outras meninas.** Você ainda tenta convencê-la a procurar ajuda médica e psicológica, mas ela diz que, por enquanto, não vai fazer nada. Você fica muito preocupado com o **jeito que ela está lidando com a infecção pelo HIV.***

História de Mariana (violência de gênero)

Nesta história há uma representação da vítima de bullying e exclusão como se não houvesse sofrimento. Assim, no início da história, há uma frase que sugere que a pessoa vítima de bullying não apresenta nenhum tipo de sofrimento por ser diferente do padrão determinado para seu gênero, ou seja, os amigos dizem que ela precisa mudar seu jeito de ser e sua aparência física, chegando a agredi-la verbalmente, porém a personagem diz não se importar. Além disso, o fato de Mariana ter um namorado com o qual tem relações sexuais parece “normalizar” a conduta da menina, ou seja, embora a menina tenha gostos diferentes das demais, sexualmente ela se relaciona com homens, o que demonstra uma visão heteronormativa no interesse erótico e afetivo da jovem. No entanto, outras passagens da narrativa, vários apontamentos indicam uma identificação com outro adolescente que sofre por ser excluído, e o desejo de lutar pela igualdade de gênero, diversidade sexual etc.

*Alguns dos rapazes da escola vivem me enchendo a paciência. Dizem que sou sapatão, que meu cabelo é ridículo e outras besteiras do tipo. As minhas amigas, por sua vez, implicam com meus piercings e dreads. Dizem que eu preciso ser mais feminina. **Eu não dou a mínima.***

Jonas chutando suas pernas. Também lhe veem à cabeça, algumas imagens da turma do Jonas te chamando de maloqueira e de sapatão. Mesmo

achando essa turma um bando de idiotas, você percebe que se incomoda com esses xingamentos.

*Diz para todo mundo ouvir que não é desse jeito que se resolve os conflitos. Você aproveita a deixa e diz que **ninguém tem o direito de desrespeitar outra pessoa só porque ela é diferente da maioria.** Alguns alunos te vaíam. A professora manda que eles se caíem e que cada um siga seu rumo.*

*Na hora você percebe que vive uma situação de bullying. Pergunta ao Caio **o que vocês podem fazer para acabar com essas situações.** Ele diz que seria legal pensar em mobilizar um grupo de alunos, professores e famílias para desenvolver algumas atividades voltadas para a igualdade entre os gêneros, etnias, diversidade sexual etc. Você adora a ideia e vai para casa planejando o que fazer.*

História de Priscila (abuso sexual)

Embora Priscila tenha 13 anos, inicialmente ela é apresentada como madura, decidida, capaz de buscar informações sozinha, porém, em outros trechos se evidencia que Priscila é ingênua e influenciável. Se por um lado ela vai sozinha até uma ONG (organização não governamental), por outro ela não acredita na informação recebida neste local a respeito da relação sexual com alguém muito mais velho se configurar como estupro. Além disso, acredita que o ciúme excessivo do namorado seja somente a representação do amor que ele sente por ela.

*Você pergunta se elas já ouviram falar de uma lei que pune os homens com mais de 18 anos que transam com meninas com menos de 14 anos. Manu diz que nunca ouviu falar dessa lei e que, se existe, ninguém dá a mínima. Conta que conhece um monte de cara que transa com menina com menos de 14 anos e que nunca soube que eles foram para a cadeia. Jô diz que **o que importa é a maturidade e que você é muito madura para sua idade.***

*Você fica com medo e dá uma desculpa para Marcelo. Diz eu hoje não vai dar nem para conhecer o apartamento dele nem levar a calça nova para casa. **Algumas imagens vem à sua cabeça e, de repente, você se acha muito nova para ter um namorado como ele.***

*Assim que ela olha para você percebe que algo não vai bem. Você conta sobre o Marcelo e a proposta que ele lhe fez. Diz também que o namorado tem 27 anos. Sua tia leva um susto quando você fala da idade do Marcelo. Diz que não é certo um cara da idade dele namorar uma menina tão nova. Ela te abraça e diz que ficou muito feliz por você confiar nela. **E mais feliz ainda por perceber como a sobrinha cresceu e está se transformando em uma mulher sensata e maravilhosa.***

*Quando você vai se despedir do Rodrigo, ele pede para você esperar um pouco que quer conversar com você. Diz que não é certo um cara de 27 anos namorar uma menina de 13 anos. Você pergunta porque e se assusta quando ele diz que quando um cara com mais de 18 anos tem relação sexual com uma menina de menos de 14 anos, isso é considerado um estupro. **Você não sabia disso e tem dúvidas se é verdade. Pensa que pode ser que o Rodrigo esteja a fim de você e que inventou isso para você terminar com o Marcelo.***

*Você procura por suas amigas e lhes conta sobre a atitude de Marcelo. Diz que ficou feliz porque ele falou que é seu namorado e que tem muito ciúme de você. **Você acha que ter ciúme é sinal de amor. Jô diz que ciúme é legal mas que quando é muito é outra coisa: é posse. Diz ainda para você tomar cuidado senão ele vai querer mandar em você. Manu suspira e diz que está com inveja de você. Que queria ter um namorado também.***

História de Rafaela (aborto)

No início da história, há uma afirmação que sugere que tanto Luca quanto Rafaela desejam ser pais, inclusive sabem até como será o nome do futuro filho. Porém, a contradição se apresenta quando Rafaela fala com o namorado que está grávida e o mesmo diz que não quer ser pai. Além disso, demonstra não ter condições financeiras e nem psicológicas para assumir um filho.

Em diversos momentos a jovem parece feliz e deseja ter o filho, mesmo não tendo apoio da mãe e do namorado. Sugere-se uma idealização da maternidade como se mesmo em condições adversas, a mulheres sempre devessem se sentir felizes por estarem grávidas.

*O Luca também sonha em constituir uma família. Tem hora que **a gente sonha que tem um filho homem e que o nome dele é Luiz Rafael.***

*Lembra de um filme que assistiu em que a protagonista deu seu filho para a adoção e pensa que jamais faria algo semelhante. **Você pensa na reação do Luca lá no supermercado e teme que ele não aceite mesmo essa gravidez e te peça para fazer um aborto.***

*Pega o seu almoço e vai até o lugar que o Luca guardou para você. Você diz que acha que está grávida. O Luca derruba o garfo no chão e te olha com uma cara muito assustada. Quando passa o susto, ele te pergunta se você calculou direito a época do seu período fértil. Diz que tirou na hora de gozar e que, portanto, fez a parte dele. **Você fica um pouco decepcionada. Na verdade esperava uma outra reação do seu namorado. Que ele ficasse feliz!***

*Você telefona para o Luca e diz que tomou uma decisão. Pede para ele te encontrar depois da aula para conversarem. Você conta que foi ao Serviço de Saúde e tudo o que a médica lhe disse. Diz, também, que terá o bebê. Que sente muito por ele não querer ser pai agora, mas **que você está preparada para ser mãe mesmo sabendo que enfrentará tempos difíceis. Luca diz que você é bem mais corajosa do que ele, mas que realmente não tem condições de arcar com as despesas de uma família. Você diz que isso ele já falou e o que você quer saber é se ele estará do seu lado durante sua gravidez, se ele estará junto com você na hora do parto e se ele será um pai presente ou ausente. Luca diz que definitivamente não quer ser pai neste momento e nem sabe se vai querer ser pai no futuro.***

A história apresenta uma visão romantizada do relacionamento afetivo, retratada nos contos de fadas, como se os jovens que se amam não precisassem se prevenir da gravidez não planejada ou das doenças sexualmente transmissíveis. Também que, mesmo sem planejamento, através do amor todas as dificuldades possam ser superadas.

*Você levanta e começa a fazer contas: sua menstruação está atrasada mais de duas semanas. **Você pensa que pode estar grávida e fica muito feliz. Só fica meio preocupada com as mudanças que essa gravidez pode trazer para a sua vida. Afinal, não quer parar nem de estudar nem de trabalhar. Também pensa na situação financeira do Luca e na sua. Juntando os dois salários não dá para alugar um apartamentozinho e comprar os móveis. Você pensa em falar para o Luca arrumar outro emprego e você, além do trabalho no supermercado, vender produtos de beleza para as amigas. Você tem certeza que tudo dará certo e que você e o Luca ficarão juntos para sempre. Como nos contos de fada. Você toma um banho bem rápido, pega sua bolsa com o material da escola e vai para o trabalho.***

4.2.2 Comportamentos de risco e vulnerabilidade

Em diferentes histórias, os jovens personagens apresentam comportamentos que podem ser considerados de risco ou vulnerabilidade à medida que se omitem ou não realizam as ações necessárias para sua prevenção ou manutenção de sua saúde sexual e reprodutiva. Por vezes, as histórias demonstram a fragilidade e a solidão dos jovens que se sentem excluídos da sociedade ou dependentes das ações dos adultos.

História de Leo (HIV/Aids)

O comportamento vulnerável aparece na fala de Dalila quando ela conta que contraiu o vírus HIV porque teve relações sexuais com um parceiro que sabia ter HIV, mas que o

amava. Do mesmo modo, já infetada, teve relações com Leo, HIV positivo, sem saber da reinfecção. É comum o contágio com relações sexuais desprotegidas, sem que um saiba da infecção por HIV do parceiro(a) o que não foi o caso desta personagem que não fez uso do preservativo, mesmo sabendo do parceiro ser infectado, numa relação com amor e também em outra relação sem amor (com alguém com quem tinha acabado de conhecer na internet). Ou seja, o amor que justifica sua falta de cuidado em uma relação não foi o argumento quando ela reproduz o comportamento. A garota também arrisca sua saúde, pensando em parar de tomar os medicamentos para evitar a lipodistrofia.

Dalila te conta que, na verdade, transou com poucos caras. Conta, também, que sabia que o “M” vivia com HIV mas que o amava tanto que topou transar sem camisinha. Você lembra a Dalila que vocês também transaram sem camisinha e ela diz que foi porque você também vive com o vírus e ela não sabia nada sobre essa história de reinfecção. Você pergunta se ela está tomando os medicamentos e Dalila diz que não vai conseguir nunca arrumar um emprego caso fique com aquele corpo de quem toma os medicamentos. Que prefere morrer a ter lipodistrofia. Você quer muito ajudar a Dalila. Só que não sabe como.

Você se desespera quando percebe que Dalila não quer tomar os medicamentos. Tenta argumentar sobre a importância dela se cuidar e de se alimentar direito. Dalila fica brava e diz que você não é o namorado dela, que ela tem 18 anos e que é dona do próprio nariz. Diz ainda que já basta o pai pegando no pé dela e pede para você nunca mais procura-la.

História de Priscila (abuso sexual)

O comportamento vulnerável aparece quando numa das possibilidades da história, Priscila, que não deseja ter relações sexuais, acaba cedendo por medo de perder o namorado, além disso, a personagem arrisca a saúde tendo sua primeira relação sem uso do preservativo.

*Ele te puxa para o colo dele e começa a te beijar. Como percebe que você está tensa, garante que será carinhoso e que não vai fazer nada do que você não quiser. Mais dividida do que nunca entre o querer e o poder, **você pede para ele parar.***

*Você entra em pânico quando percebe que Marcelo vai te deixar porque você não quer fazer sexo com ele. Começa a chorar e diz que faz qualquer coisa para ficar com ele. Marcelo diz que se arrependeu de levar você para o apartamento dele e insiste em te levar para casa. **Chorando, você diz que o ama e que não quer perdê-lo para uma outra garota.** Ele ainda se faz de difícil e diz que vai lhe dar mais uma chance. Ele te beija e vai tirando sua*

*roupa devagarinho. Você está muito tensa e ele diz que será muito bom e que você não precisa ter medo de nada. Que ele irá tomar cuidado para não te machucar. Ele acaricia todo seu corpo, beija seus seios e você se arrepia toda. Depois, ele abre suas pernas e acaricia sua vagina com a língua. Pede que você faça o mesmo com o pênis dele. **Você fica muito constrangida achando aquilo meio nojento. No entanto, faz o que ele pede. Marcelo está muito excitado. Pede para você parar e cola o pênis na entrada da sua vagina. Você está com medo e percebe que ele não está de camisinha. Quer falar para ele colocar, mas não tem coragem. Acabam transando sem preservativo***

*Chegando lá, ele te dá um abraço apertado e diz que tem uma coisa difícil para te dizer. Você acha que ele irá falar que não colocou a camisinha e que está com medo de você tenha engravidado. Antes dele falar, você conta que sua menstruação e que está tudo bem. Ele diz não estava preocupado com isso e que ele havia descoberto que **estava com uma doença sexualmente transmissível chamada gonorreia e que, provavelmente, tinha passado a doença para você.***

História de Beto (Paternidade)

O comportamento vulnerável aparece quando, mesmo tendo preservativos, Beto e Manu se expõem tendo uma relação sexual sem uso do preservativo. Ambos arriscaram sua saúde, deixando-se levar pela empolgação do momento. Além disso, Beto, ao não utilizar a camisinha, pensa somente na gravidez não planejada, imaginando que Manu tome contraceptivos orais. A questão das DST's não é bem explorada nesta narrativa.

A história apresenta ainda, pensamentos típicos dos adolescentes e que os tornam mais vulneráveis como: 'a primeira relação sexual não engravida' ou 'isto não acontecerá comigo'.

*Vocês procuram um cantinho mais sossegado, se beijam e se acariciam. Você diz que está morrendo de tesão. Manu diz que gosta de você desde criança e que também tem vontade de transar com você. Vocês procuram um lugar mais escondido e transam. **Mesmo você tendo duas camisinhas na carteira, você nem se lembra de usar. Manuela também não fala nada e você supõe que ela toma pílula. A transa foi rapidinha, mas muito gostosa.***

*Depois **pensa se ela está grávida, mas acha difícil** porque, neste um mês que estão juntos, vocês só transaram sem preservativos aquela vez na escola de samba. Você vai se encontrar com a Manu na lanchonete em frente ao cursinho e ela diz que está grávida. Você não sabe bem o que falar e Manu diz que não quer ter um filho sozinha. Imediatamente, você diz que quer ficar junto com ela e ser o pai da criança.*

História de Tiago (homossexualidade)

O comportamento vulnerável aparece no preconceito sofrido, no medo e na solidão decorrentes dos comportamentos que os amigos apresentam quando descobrem que Tiago é homossexual.

*Você chega na escola e vê que está todo mundo te olhando. Continua andando e escuta um corinho cantando “tu é gay que eu sei”. Você acha melhor fingir que não aconteceu nada e continuar em frente, mas não tem jeito. **O pessoal vem atrás.** Você vê o Paulo e vai até onde ele está. Pergunta o que está havendo e Paulo diz que todo mundo na escola já sabe que você brochou com a Michelly. Você pergunta como é que o pessoal ficou sabendo-se só contou para ele.*

*Imediatamente percebe que foi Paulo que fofocou. Você fica superchateado e resolve ir para a sala de aula. Na classe, os risinhos continuam e você não sabe quanto tempo vai aguentar aquilo. **Se sente muito sozinho e vulnerável.** Sua vontade é sair correndo e não voltar nunca mais naquela escola. Afinal, **desde que se entende por gente sofre preconceito: por ser baixinho, por fazer teatro, por ser negro, por ser estudioso e, agora, por ser gay...***

História de Rafaela (aborto)

A preocupação com o corpo deformado pelo uso dos medicamentos, ressaltado pela figura feminina, ou seja, a garota tem medo de engordar ao tomar anticoncepcional.

*Uma amiga minha disse que eu devia usar um anticoncepcional para evitar filhos. Eu até pensei nisso, mas desisti. **Tenho medo de engordar ou de passar mal.***

O comportamento vulnerável aparece nas falas de Rafaela, pois a mesma se preocupa somente em prevenir uma gravidez não planejada, ignorando totalmente o risco que corre em relação à infectar-se com doenças sexualmente transmissíveis. Assim a adolescente utiliza apenas a tabelinha e o coito interrompido para prevenir-se em suas relações.

Sabemos que é comum o contágio com relações sexuais desprotegidas, sem que um saiba da infecção por doenças no outro, quando se acredita existir uma relação de amor. Ou seja, de certa forma, o amor justifica sua falta de cuidado em uma relação.

*Nós começamos a transar faz alguns meses. **No começo, usávamos camisinha mas depois paramos de usar.***

Então, atualmente, a gente usa a tabelinha e, quando estou em período fértil, o Luca tira antes de gozar. Quer saber? Eu tenho a maior vontade de ser mãe. Seu eu engravidar ficarei muito feliz!

Ele pergunta se você e o Luca não usaram camisinha. Você diz que usaram outro método para evitar a gravidez, mas que falhou. Você começa a chorar e seu pai vai até a cozinha pegar um copo de água com açúcar para você. Ele fala que está muito abalado com a notícia e que, quando você e ele estiverem mais calmos, precisarão conversar sobre o que fazer. Pergunta se você já falou com o Luca e o que ele disse. Você conta que o namorado acha que não devem ter esse filho e começa a chorar novamente.

4.2.3 Julgamento moral

Entendemos por moral um conjunto de regras que orientam os comportamentos das pessoas numa sociedade. Sabemos ainda que estas regras são convencionadas através do cotidiano e da cultura e que pode expor os indivíduos a julgamentos por apresentarem comportamentos considerados contrários a elas, entendemos que o jogo poderia contribuir para a mudança destas convenções à medida que problematizasse estas regras ao invés de reforçá-las, como parece acontecer durante as narrativas. As diversas narrativas apresentam julgamentos morais, sobretudo dos profissionais de saúde, que independente do que pensam, deveriam ser éticos e neutros em seus atendimentos, visando um maior acolhimento e abertura para o esclarecimento das dúvidas dos seus usuários.

História de Leo (HIV/Aids)

Em alguns trechos aparece o julgamento moral dos profissionais envolvidos. Quando a personagem procura o serviço de saúde, porque ele teve uma relação sexual desprotegida, sabendo que não deveria, mesmo sendo a parceira positiva também, ele relata sentir “culpa”, diante do medo da infectologista ficar “brava”. Apesar desta profissional aparecer como uma pessoa afetiva (porque o abraça e o conhece há tempos e gosta dele como se fosse um filho), ela realmente repreende o rapaz e se diz “decepcionada”, deixando –o ainda mais “arrasado”. Entendemos que essa não deveria ser uma postura do profissional que devem em qualquer situação, acolher, aconselhar, compreender e direcionar para comportamentos futuros preventivos.

Você está muito nervoso e sentindo muito burro por ter feito isso. Também sabe que sua infectologista vai ficar muito brava com você.

Você chega no serviço de saúde e logo é atendido. Quando você se encontra com a infectologista, ela te abraça e pergunta como você está. Você diz que está bem, mas que fez uma burrada. Ela pergunta o que e você conta. A infectologista fala um monte na sua cabeça: diz que trata de você desde bebezinho; que sempre te falou da importância de usar o preservativo em todas as relações sexuais; que gosta de você como de um filho e que está muito decepcionada. Ela diz que ainda não dá prá saber se você se reinfectou com outro tipo de HIV e marca um novo exame de carga viral para dali uns meses. Você sai do serviço de saúde arrasado.

Diante da possibilidade do aborto, Leo, sente-se muito mal e um dos seus argumentos é a lembrança do padre de que aborto é um pecado e um crime. Mesmo sabendo desse julgamento, Leo procura a Igreja que não é uma prática frequente e nela reforça-se a postura da figura do padre julgar e punir pelo comportamento vulnerável do rapaz.

Você se lembra, também, das palavras do padre de que aborto é um pecado e é também um crime.

Você vai na igreja e procura pelo padre. Padre Antonio te recebe e diz que estava com muitas saudades de você, já que não lhe via na igreja há algum tempo. Pergunta sobre seu pai e você diz que ele está bem, apesar de ser um homem um tanto amargurado. Você conversa com o padre sobre a transa que teve com Dalila. Padre Antonio te repreende por ter transado com Dalila antes de ter se casado com ela. Também te diz que devia ter usado o preservativo que, de acordo com o Vaticano, pode ser utilizado por pessoas que vivem com HIV para não infectar as outras. Você pergunta o que deve fazer caso Dalila tenha engravidado e ele diz que vocês devem ter o filho, pois o aborto é um pecado e um crime. O padre te passa uma penitência e, enquanto você tenta rezar, um monte de preocupações passam pela sua cabeça: e se Dalila estiver grávida? O que você vai fazer? E se o bebê também for soropositivo para o HIV? Como é que irá ganhar dinheiro para sustentar a família?

Outra personagem que reforça o julgamento é o melhor amigo que, assim como o padre, acusa o rapaz e lembra as consequências negativas de seu comportamento.

Você se encontra com Alex e ele logo percebe que você está chateado. Ele pergunta o que foi e você conta que transou com uma garota sem camisinha. Alex diz que você fez uma besteira muito grande e que agora

corre o risco de ser pai ou de ter se infectado por uma doença sexualmente transmissível ou pelo vírus da Aids. Você diz que sabe disso e que por isso que está com essa cara de enterro. Alex diz para você esperar uns três meses e ir ao posto fazer um teste para ver se tem HIV.

História de Mariana (violência de gênero)

Quando a personagem procura o coordenador pedagógico da escola para falar sobre a briga e sugerir a realização de um projeto contra a violência, além de não ser bem atendida, o próprio coordenador tem uma atitude discriminatória ao fazer uma observação sobre o cabelo e os *piercings* da menina. Além disso, no hospital, mãe e filha são mal atendidas pelo médico, que acaba duvidando sobre a relação sexual ter ocorrido através de violência, além de se recusar a prescrever a contracepção por motivos religiosos.

Entendemos que não houve uma postura profissional, nem do coordenador da escola e muito menos do médico. O coordenador tinha o dever de ouvir, discutir e incentivar o envolvimento dos alunos em projetos preventivos e o médico deveria acolher o sofrimento, compreender e acreditar no relato da adolescente, oferecendo-lhe os medicamentos necessários.

*O prof. Flavio te encara e diz que o papel da escola é ensinar bons modos para seus filhos. **Ele olha para você com uma cara de nojo e pergunta o que seus pais acham do seu cabelo e dos seus piercings.** Você diz que não tem pai e que sua mãe te acha linda do jeito que é. Ele pede para você se retirar da sala.*

*Você resolve ir na sala da diretora denunciar que foi ameaçada pelo Jonas e sua turminha. **A diretora recebe você a contragosto** e escuta o seu relato sorrindo*

*Sua mãe, diz à recepcionista que você sofreu uma violência sexual e pede para ela dar um jeito de você ser atendida o mais breve possível. A recepcionista **te olha com uma cara de pena** e diz que vai ver o que é possível fazer. Uma hora e meia mais tarde você é atendida por um médico que está de plantão. Você é examinada e **o médico pergunta se você foi mesmo estuprada** já que não exhibe sinais visíveis de que tentou se defender. Você diz que tomou banho e que não conseguiu se defender porque seguraram suas pernas e braços. Sua mãe perde a paciência e diz que o papel dele como profissional da saúde é examinar você e disponibilizar a*

*pílula do dia seguinte e o coquetel de medicamentos para ela não se infectar com nenhuma doença sexualmente transmissível. O médico ainda retruca dizendo que **a religião dele não permite que ele prescreva a contracepção de emergência.***

História de Priscila (abuso sexual)

Quando a personagem procura o serviço de saúde, porque ele teve uma relação sexual desprotegida, sabendo que não deveria. A pediatra, ao invés de orientar apresenta um questionamento irônico, além de se recusar a examinar a menina por causa de sua idade.

*A pediatra recebe você e pergunta o que está acontecendo. Você fala que tem um namorado e que transou sem preservativos. Diz que está preocupada, com medo de estar grávida ou de ter uma doença. **A médica pergunta se ela nunca ouviu falar de métodos contraceptivos e da camisinha.** Você diz que sim, mas que achava que ele iria usar. A pediatra explica que não irá lhe atender porque teme que sua mãe ou seu pai a processe por ter atendido uma menor de idade. Diz para você contar para sua mãe e depois voltar lá.*

Diante da possibilidade de acontecer a primeira relação sexual, Priscila, procura aconselhar-se com a coordenadora do grupo de jovens de sua igreja que reforça que a mulher deve manter-se virgem antes do casamento.

*Ela lhe diz para você ser muito firme e muito forte para **não cair em tentação. Que sexo antes do casamento é pecado e que mulher é que nem cristal: quebrou não tem conserto!** Na hora você pensa na Rafaela, uma amiga que não é mais virgem, toda estilhaçada no chão.*

*Resolve voltar a conversar com dona Adelaide, a coordenadora do grupo de jovens da igreja, **mesmo sabendo que ela ficará brava com você.** Assim que chega à igreja, a coordenadora lhe abraça e pergunta como você se portou desde a última visita. Você conta para ela os dilemas que você está vivendo e vocês duas rezam juntas.*

*Dona Adelaide, após as orações, pede para ela levar Marcelo no culto do próximo domingo. Diz, **também, que não dá mais para você esconder da família que tem um namorado. Você promete que tentará trazer o Marcelo à igreja e que vai contar para a mãe que tem um namorado.***

Outra personagem que reforça o julgamento é a amiga Jô que chega até a xingar Priscila de burra.

*Jô não aguenta e diz **que você foi muito burra por ter transado sem proteção.***

Mesmo antes de saber que a filha estava namorando e transando, os pais de Priscila também apresentam julgamentos morais, mesmo nunca tendo conversado adequadamente com a filha sobre assuntos relacionados à sexualidade.

***Sua mãe fica branca de susto e diz que é muito cedo para você e suas amigas “ficarem”.** Conta também que quando ela começou a namorar tinha 17 anos e que seu namorado só pegou na mão dela depois de três meses. Reforça que **não há nada pior para uma garota do que ela engravidar na adolescência.** Diz que **a vida da menina praticamente acaba.** Você não fala mais nada.*

Embora a tia de Priscila responda os questionamentos e seja uma pessoa em quem a menina confia para tirar todas as suas dúvidas, antes de responder ela “ri”, não encarando com total seriedade os questionamentos e correndo o risco de que a menina se sinta constrangida em suas dúvidas.

*Você pergunta sobre a primeira vez, virgindade, o que fazer para o cara não sumir depois, como é que você vai saber se já está preparada para começar a transar, que roupa vestir para se encontrar com ele e o que fazer com as espinhas que aparecem sempre no dia de ir para a balada. **Sua tia ri e responde todas as perguntas que você faz.***

História de Beto (Paternidade)

A médica ginecologista, responsável pelo atendimento de Manu, não informa sobre os exames que também devem ser realizados pelo homem durante o pré-natal, mesmo tendo sido solicitados pelo adolescente, a médica ignora o pedido.

Em alguns trechos o julgamento moral fica implícito, indicando que homens, ainda mais se forem jovens, não tenham responsabilidade para ser pai ou necessidade acompanhar o pré-natal do filho, o que acaba por restringir os espaços de saúde às mulheres.

*Você insiste em participar da consulta da Manu. Ela pede para a mãe deixar você acompanhá-la. A mãe de Manuela cede e vocês entram juntos na sala da ginecologista. **A primeira coisa que ela pergunta é se não tem nenhum adulto para acompanhar a Manuela na consulta.** Você diz que tem quase 18 anos e que é o pai da criança. Manuela diz que sua mãe está na sala de espera e **a médica ainda tenta convencer a Manu de que seria melhor se ela estivesse com a mãe e que você estivesse na sala de espera.** Manu discorda. **A ginecologista dá um suspiro** e pede para Manu entrar na outra sala, tira a roupa e vestir a camisola para ser examinada. A ginecologista pede para você aguardar na sala. Você não gosta muito, mas concorda.*

*Chega o dia em que a Manu vai receber os resultados dos exames de pré-natal. Você vai com ela e **novamente é barrado ao se dirigir para a sala da ginecologia com a Manu.** Dessa vez, por uma auxiliar de enfermagem. Você fica muito bravo e diz que, como pai, tem o direito de acompanhar toda a gravidez da Manu. Você mal entra na sala e já diz para a médica que da outra vez que você esteve lá, **ela não o informou sobre os exames que os futuros pais também devem fazer.** Ela diz que, primeiro irá falar sobre os exames da Manuela e que, depois, falará com você. A profissional diz que está tudo bem com a Manu e que todos os exames deram negativo, inclusive o de HIV. Diz ainda que a Manu precisa se alimentar direito e te passa um folheto com sugestões de nutrição para grávidas. Ela agenda a próxima consulta e diz que Manuela fará um ultrassom para ver se está tudo certo com o bebê. Ela diz que por hoje é isso e **não fala nada sobre o pré-natal do homem.** Você diz que não vai se levantar da cadeira enquanto ela não marcar os exames que você também tem que fazer. Ela diz acreditar que **o pré-natal do homem não é necessário** e finaliza a consulta.*

Numa das idas ao posto de saúde Beto também observa que não existem homens no serviço de saúde, mas observa que existem muitas mulheres, crianças e idosos. Acreditamos que a discussão sobre os cuidados com a saúde do homem em geral, independente do acompanhamento pré-natal, poderiam ter sido mais bem explorados nesta história. Também não se discutem os motivos pelos quais os homens, em sua maioria, não procuram os serviços de saúde como forma preventiva.

*Você passa na casa de Manuela e vocês vão para o Serviço de Saúde. Dona Iolanda, a mãe da Manu também vai. Chegam lá no horário marcado, Manu preenche a ficha e mostra a carteirinha do SUS. **Você olha o espaço***

da recepção e só vê mulheres, crianças e velhos aguardando serem chamados. Lembra que a última vez que procurou um médico foi quando quebrou o braço em um jogo de futebol.

Diante da possibilidade de ser pai, um amigo de Beto lembra que ele perderá as coisas típicas da idade e que sentirá falta delas, ou seja, o amigo coloca somente as consequências negativas do comportamento de Beto, reforçando a necessidade dos jovens de se ‘aproveitar’ a vida e a tendência de não assumir as responsabilidades pelos seus atos.

*Felipe pergunta o porquê da urgência e você diz que terá um filho com a Manuela. Felipe diz que **você é muito novo para ser pai e que tem muito ainda que farrear com os amigos antes de constituir uma família.** Você diz que não é nenhum moleque e que tem que assumir suas responsabilidades. Felipe pergunta se **você não irá sentir falta de ir aos ensaios da escola de samba e de ficar com as meninas.** Você diz que talvez, mas que sua maior preocupação agora é arrumar um trabalho.*

História de Tiago (homossexualidade)

Diante da revelação sobre o fato de ser homossexual, a mãe procura um pastor que diz realizar a ‘cura gay’. A mãe, inicialmente pensa nas consequências negativas do filho ser homossexual e deseja que ele mude de orientação sexual.

*Sua mãe te chama para vocês irem até a igreja em que o **pastor diz que cura a homossexualidade e a aids.** Você não quer ir, mas ela insiste. Diz que **os homossexuais tem uma vida de muito sofrimento** e que ela não quer isso para você. Também fala que **existem grupos que matam homossexuais e que só de pensar nisso já fica doente.** Você troca a roupa e vai com sua mãe na igreja. Quando chegam lá são muito bem recebidos pelo pastor. Sua mãe conta o que está acontecendo com você e o pastor diz para ela não se preocupar. **Que ele vai dar um jeito de curá-lo.***

O pastor pede que vocês comecem a frequentar os cultos e que paguem um dízimo para manter a igreja funcionando. Sua mãe pergunta quanto é e, imediatamente, faz um cheque. Você não está muito convencido sobre a possibilidade dessa ‘cura’, mas concorda em ser batizado e participar dos cultos.

Além do pastor e dos pais de Tiago, a história apresenta trechos em que Paulo e os demais amigos de Tiago apresentam julgamentos preconceituosos a respeito dos homossexuais. Paulo coloca os homossexuais como doentes, nojentos e pecadores.

*Paulo pergunta se você sabe que surpresa é essa e você diz que não, que é surpresa. Você muda de assunto e conta que um monte de gente está tirando sarro da sua cara por conta da última aula de teatro. Paulo diz para você não dar bola e que **você sabe que não é gay**. Você pergunta ao Paulo se ele seria seu amigo caso você fosse homossexual. Ele te olha e diz **que jamais teria um amigo gay e que isso é nojento**. Paulo diz que na igreja que ele frequenta, o pastor diz que a **homossexualidade é um pecado e uma doença**. Paulo conta, ainda, que o pastor cura a homossexualidade e a aids. Você não acredita nisso, mas fica quieto.*

*Quando você entra na sala de aula, dá de cara com um desenho no quadro: o de um menino **chorando** com um balãozinho **dizendo ‘eu sou gay!’**.*

Há também o medo de Paulo ser julgado como gay, pelo simples fato de ser amigo de Tiago.

*Bianca fala que, muitos homens, quando desconfiam que um amigo é gay fazem a mesma canalhice que o Paulo fez com você. Que isso é porque **ele tem medo de que as outras pessoas achem que ele é gay também***

História de Rafaela (aborto)

Quando a personagem procura o serviço de saúde, porque ele teve uma relação sexual desprotegida e está grávida, ela imagina que levará uma “bronca” por ter engravidado precocemente. Em outra situação a enfermeira da empresa em que trabalha, olha a menina com “dó”. Entendemos que este tipo de julgamento não deveria ser uma postura do profissional de saúde.

*A supervisora da seção de perfumaria pergunta se está tudo bem e você diz que sim. Quando você sai, ela pergunta novamente se você está se sentindo bem. Diz que percebeu que você vomitou. Você diz que deve ter comido alguma coisa que fez mal. Ela pede para você dar uma passada no ambulatório do supermercado e ver com a enfermeira se é preciso tomar algum remédio. Você diz que já está bem e não precisa. Ela insiste e você vai até o ambulatório. Chega lá e uma enfermeira te recebe. Pergunta o que aconteceu e você diz que sentiu um enjoo e que vomitou. A enfermeira pergunta se você está grávida e você diz que sim. **A enfermeira olha para você com pena e diz: Que judiação! Tão novinha!***

Você resolve ir até o posto de saúde mais próximo à sua casa. Chega lá e vê que tem vários cartazes sobre gravidez na adolescência e pré-natal. Já imagina que levará uma bronca por ter engravidado aos 16 anos.

Diante da gravidez não planejada e da possibilidade ter um filho, Rafaela, sente-se muito mal, sobretudo, devido a raiva da mãe que a julga como irresponsável e incentiva a realização do aborto.

Você senta em uma cadeira da mesa da cozinha e conta que está grávida. Ela fica irada. Diz que sabia que não ia dar certo você morar com seu pai, que tal como ela previa ele não iria vigiá-la direito, que você é uma irresponsável e que, mesmo sendo contra o aborto, acha que você tem que tirar o bebê.

Sua mãe diz que você tomou a decisão certa, pois é muito cedo para ter um filho.

Outra personagem que reforça o julgamento é a melhor amiga que, assim como a mãe, acusa Rafaela de estar fazendo uma loucura ao desejar ter o filho ao invés de abortar.

Você telefona para sua amiga Raquel e pede para ela te encontrar na padaria. Mal ele chega lá, você diz que fez um teste de gravidez que comprou na farmácia e que o resultado deu positivo. Ela pergunta se você já decidiu o que fazer e você diz que quer ter o bebê e cuidar dele, mesmo se o Luca não quiser assumir. Raquel diz que acha loucura você ter um filho nessa idade.

4.2.4 Relações Familiares

Em todas as narrativas do jogo aparecem figuras parentais que ora acolhem e ora julgam ou oprimem os jovens personagens, sendo também fontes de seus conflitos. O amor dos pais não se traduz em disponibilidade para o diálogo franco e aberto sobre sexualidade. Além disso, o jogo não discute a importância da família na educação sexual formal, sendo que a educação sexual informal ocorre quase sempre de maneira repressora, o que gera angústia e dificuldades de relacionamentos por parte dos personagens.

História de Leo (HIV/Aids)

O relacionamento parental aparece de modo positivo, quando se trata do menino com o pai e muito negativo, quando se trata da menina com o pai. No caso do pai e do jovem Leo,

há diálogo, cumplicidade e respeito. O pai acolhe e dialoga, mesmo diante do fato dele ter engravidado alguém. No caso da personagem Dalila, há um conflito com o pai que se repete em várias passagens da narrativa. A figura materna não aparece na história. No caso de Leo, a mãe era morta. No caso de Dalila, embora ela se refira às vezes aos “pais”; nada é mencionado sobre a figura materna, que entendemos ser importante no contexto que se insere a problemática.

Você chega em casa e seu pai já está lá. Você pensa em contar a ele sobre a besteira que fez, mas perde a coragem. Não quer lhe causar mais uma preocupação além das que ele já tem. Seu pai te olha e pergunta porque você está tão tenso. Você diz que é porque tem muita coisa pra estudar. Sr. Alfredo, o seu pai, conta que foi buscar o resultado do teste para saber o número de células de defesa que tem no sangue e que deu baixo. Você sabe que isso é ruim e resolve que não vai mesmo contar pra ele nada sobre sua transa sem camisinha. Seu pai pergunta se você está bem e diz que sente falta de conversar mais com você. Seu pai chora e diz que não sabe como lidar com a situação de perder a esposa e ter que cuidar de tudo sozinho. Explica que se sente culpado pelo filho ter nascido doente e da esposa ter morrido tão nova. Vocês se abraçam e seu pai diz que, apesar de não ter muito conhecimento, quer ser um bom pai e cuidar de você. Você diz que quer cuidar dele também. Seu pai vai para a cozinha e você pensa que é melhor não falar nada pra ele por enquanto.

Você conta que transou com a Dalila, uma menina que também vive com o HIV, e que agora ela está grávida. Seu pai pergunta o que os pais dela acham disso e você diz que eles não sabem de nada. Você conta, também, que ela pediu para você arrumar dinheiro para ela fazer um aborto. Seu pai pergunta quanto e você diz o valor. Seu pai diz que gostaria de ter um neto e que, certamente sua mãe também gostaria, lá no lugar onde ela está. Diz ainda que, agora, a possibilidade de um bebê ter HIV é bem menor que no passado. Ele pergunta o que você quer fazer e você diz que não sabe. Tem hora que acha que o aborto é a melhor solução e que tem outras que você pensa que seria legal ser pai. Seu pai diz que, caso vocês resolvam ter um filho, a Dalila e o bebê poderão morar com vocês. Que onde comem dois, comem quatro. Você diz que vai conversar com a Dalila e fazer essa proposta.

Dalila responde que tudo está normal. Que o Sr. Lindomar, pai dela, continua chato e implicando com ela o tempo inteiro. Dalila diz que precisa do dinheiro o mais rápido possível porque está procurando um emprego, pois não aguenta mais morar com os pais. Você insiste, Dalila diz que vai pensar no assunto mas, por hora, ela está mais interessada em arrumar um emprego e sair da casa dos pais. Diz que sua vida lá é um inferno com o pai o tempo todo dizendo que ela é uma vagabunda e que se infectou porque transou com meio mundo.

Ela também te conta que sua relação com o pai está cada vez pior. Que todo dia Seu Lindomar diz que ela é uma vergonha para a família.

História de Mariana (violência de gênero)

O relacionamento parental aparece de modo positivo, quando se trata da menina com a mãe. A figura paterna não aparece na história, sendo mencionado apenas na primeira ficha, que explica que a personagem não conhece o pai. No caso da mãe da jovem Mariana, há diálogo, amor e respeito. A mãe acredita na filha, cuida, defende e se prontifica sempre em ajudá-la.

Vivo em um apartamento com minha mãe. Conto tudo o que acontece comigo para ela e nós nos amamos. Minha mãe trabalha em uma confecção de roupas femininas.

Você se desespera e resolve voltar para sua casa. Sua mãe ainda não voltou do supermercado e você decide tomar um banho para tirar todos os resquícios da violência que sofreu. Terminado o banho você vai para o seu quarto e se deita. Sua mãe chega, bate na porta e entra. Ela percebe que você não está bem, mas você não tem coragem de dizer o que lhe aconteceu. Diz que está com dor de cabeça e sua mãe sai para lhe preparar um chá.

Enquanto sua mãe prepara um lanche, diz que está pensando em conversar com a mãe de Tiago sobre a violência que ele sofreu. Pergunta se você quer ir junto com ela. Você diz que não está a fim. Que acha que isso não vai adiantar nada. Sua mãe replica que o que aconteceu com Tiago hoje pode acontecer com outros alunos e que as famílias precisam fazer alguma coisa.

Você é examinada e o médico pergunta se você foi mesmo estuprada já que não exhibe sinais visíveis de que tentou se defender. Você diz que tomou banho e que não conseguiu se defender porque seguraram suas pernas e braços. Sua mãe perde a paciência e diz que o papel dele como profissional da saúde é examinar você e disponibilizar a pílula do dia seguinte e o coquetel de medicamentos para ela não se infectar com nenhuma doença sexualmente transmissível.

História de Priscila (abuso sexual)

O relacionamento parental, de um modo geral, aparece de maneira negativa com o pai, que é retratado como nervoso e intransigente. A mãe se mostra mais calma, afetiva, e preocupada com a filha. A história reproduz uma família no padrão heteronormativo, visto

que apresenta modelos de comportamentos socialmente esperados para o homem e para a mulher.

Embora a mãe seja mais próxima, quando se diz respeito aos aspectos relacionados com a sexualidade, não há diálogo entre as duas. De uma forma geral, os pais não mantêm uma conversa franca e aberta com a filha, prevalecendo as atitudes repressivas.

*Você vai na casa da sua tia preferida e mal ela abre a porta, você já começa a falar que está apaixonada e que tem muitas dúvidas. Conta para ela sobre o Marcelo, mas não diz a idade dele. **Você explica para sua tia que não consegue conversar sobre sexo com sua mãe.***

Depois da escola, você vai ajudar sua mãe na barraca de biscoitos e fica enrolando até que ela lhe pergunta por que você está com aquela cara e se você está querendo alguma coisa. Você diz que está tudo bem, só que está preocupada com uma amiga sua que está namorando um cara mais velho. Você conta que ouviu dizer que quando um cara com mais de 18 anos transa com uma menina de menos de 14 anos isso dá cadeia e pergunta para sua mãe se isso é verdade. Sua mãe diz que não sabe direito, mas se lembra de um primo que casou à força, porque tinha engravidado uma menina com menos de 18 anos.

Fala que se preocupa muito com você e pergunta se você tem um namorado. Você diz que só tem uma paquerinha. Ela diz, ainda, que o movimento anda fraco e que acha que só vai dar para comprar a calça que você quer no próximo mês. Você diz que não tem importância e dá um beijo nela.

*Você entra em casa feliz da vida. Encontrou o homem da sua vida e quer ficar com ele para sempre. Só que dá de cara com sua mãe e seu pai. Sua mãe está com sua calça nova na mão e seu pai parece que vai explodir. Sua mãe lhe pergunta de onde veio essa calça. Você fica sem graça e acaba dizendo que ganhou do seu namorado. **Seu pai imediatamente diz que você não tem idade para namorar e que nunca mais vai se encontrar com esse cara.** Diz que sua obrigação é estudar para ser alguém na vida. Sua mãe, um pouco mais calma, pergunta quem é o rapaz, que idade tem, se estuda na mesma escola que você. Você conta que ele se chama Marcelo e que tem 27 anos. **Seu pai fica mais bravo ainda e pergunta se vocês fizeram alguma coisa. Diz que, caso vocês tenham transado, ele vai matá-lo por ter seduzido uma menor de idade.** Sua mãe pede para que seu pai se acalme e te escute. Você jura que não transaram e pede, por favor, para eles não fazerem nada de ruim para com o Marcelo. Promete que nunca mais irá se encontrar com ele e que vai pedir para uma amiga devolver a calça.*

***Você percebe que o único jeito que tem para resolver essa situação é falando com sua mãe.** Vai até a barraca e espera não ter nenhum freguês para dizer a ela que precisa ir ao médico. Sua mãe, imediatamente, põe a mão na sua testa ara ver se você tem febre. Você diz que não é nada disso.*

Chorando conta que tem um namorado e que fez sexo com ele. Sua mãe fica mais branca do que folha de papel e pergunta se você está grávida. Você diz que não, mas que pode estar com uma DST. Sua mãe resolve fechar a barraca e ir com você ao posto de saúde imediatamente.

História de Beto (Paternidade)

De um modo geral, o relacionamento parental aparece de modo positivo, tanto no caso dos pais de Beto, quanto no caso dos pais de Manu. Há situações na qual Beto conversa com a mãe a auxilia nos afazeres domésticos enquanto que o pai se orgulha pelo fato do filho ter comportamentos heterossexuais.

Após informarem sobre a gestação de Manu e a decisão de terem o filho, os pais de Beto se preocupam com o futuro e não interrupção dos estudos, porém o mesmo não acontece com a menina. Quando os pais de ambos se reúnem para decidir seu futuro, deixam-nos de lado nas decisões. Os pais de Beto queriam construir um puxadinho no fundo da casa, enquanto que os pais de Manu desejam que Beto vá morar na casa deles.

No caso de Manu, embora ela se refira às vezes aos “pais”; nada é mencionado sobre a figura paterna, que entendemos ser importante no contexto que se insere a problemática.

Você acorda cedo e encontra sua mãe descascando batatas para fazer um nhoque. Você pergunta se ela quer uma ajuda e ela pede para você picar os tomates para o molho. Você conta que a festa do Felipe foi ótima e que você dançou com a Manuela. Sua mãe te olha e sorri. Lembra-se de uma foto que tem guardada em que vocês dois tinham mais ou menos 11 anos de idade e que estavam com o uniforme da escola. Ela diz que irá procurar a foto mais tarde.

Você resolve conversar com seus pais para saber o que eles acham que você deve fazer. Sua mãe insiste que você continue seus estudos e que morem com eles. Diz que assim você não precisará arrumar emprego. Seu pai, por outro lado, acha que você tem que arrumar um emprego meio período e que, mesmo que ganhe pouco terá um dinheiro seu para ajudar na construção do puxadinho. Você conta que os pais da Manu querem que ela fique na casa deles, pois, como a mãe trabalha em casa, poderá dar uma força nos primeiros anos da vida do bebê. Seus pais dizem, então, que vocês é que devem decidir o que acham melhor, mas que teriam mais privacidade caso aceitasse, morar no quarto que construiriam.

Você e Manuela contam para suas respectivas famílias que estão grávidos e que vão ter o bebê. Tanto a família de Manu quanto a sua surtam com a notícia, depois de um tempo percebem que não há o que fazer já que vocês resolveram ter o filho. Seus pais e os de Manu se reúnem para conversar. Você e Manu participam da reunião, mas é como se fossem invisíveis. Ninguém pergunta o que vocês acham ou querem fazer. Seu pai propõe

*fazer um puxadinho no quintal da casa em que vivem e construir um quarto com banheiro para vocês morarem. A mãe da Manu quer reformar o quarto da Manu e comprar um berço para o bebê. Vocês, na verdade, queriam morar sozinhos, mas não tem condições de pagar um aluguel. **Você diz que vai abandonar o cursinho pré-vestibular e procurar um emprego. Sua mãe não concorda e seu pai não diz nada. Manu também resolve desistir dos estudos e propõe ajudar a mãe na preparação de salgadinhos para festas para poder comprar roupinha para o bebê.***

História de Tiago (homossexualidade)

Tiago é filho de pais separados e mora com a mãe. No decorrer da história seu pai constantemente tenta propor ao filho atividades que considera que reforçarão o comportamento masculino do menino. O pai não tem diálogo com o filho e, num determinado momento diz que não aceitaria ter um filho homossexual. Por outro lado, a mãe se mostra sempre prestativa e disponível ao diálogo e, embora inicialmente se assuste ao saber que o filho é homossexual, depois ela oferece seu apoio.

Você chega em casa e sua mãe percebe que algo aconteceu. Ela faz um suco de laranja para você e senta ao seu lado no sofá. Pergunta se está tudo bem. Você diz que sim, mas ela insiste. Você conta para ela o que aconteceu na aula de teatro. Ela diz que isso só significa que você é um bom ator e não que é homossexual.

Sua mãe está assistindo a novela e você senta ao lado dela. Ela te abraça e comenta o que está acontecendo naquele capítulo. Quando termina, ela pergunta se você quer comer alguma coisa antes de dormir e você diz que não. Você diz que precisa falar com ela sobre uma coisa muito séria que está acontecendo. Ela se assusta e pede para você falar logo. Você conta da cena na aula de teatro e que, depois disso, tem muita gente te chamando de gay. Conta também que seu pai contratou uma profissional do sexo para transar com você e que você não conseguiu. Sua mãe fica indignada com seus colegas e com seu pai.

Sua mãe diz que está do seu lado e que está fazendo o possível para entender o que está acontecendo. Ela te pergunta se você quer que ela vá à escola falar com a diretora e você diz que acha que isso vai piorar sua situação lá dentro.

Sua mãe diz que não vai falar nada para o seu pai porque ele irá fazer um escândalo e dizer que a culpa é dela. Diz, ainda, que pensou muito no que a psicóloga do serviço de saúde disse e que está pensando em se engajar no grupo de mães que tem filhos homossexuais. Você conta que também está pensando em fazer parte de alguma organização de jovens homossexuais e sua mãe lhe diz que é uma ótima ideia. Sua mãe diz para você ir se deitar e que logo ela vai te levar uma xícara de chocolate quente.

*Você pergunta para seu pai o que ele faria se tivesse um filho gay. Seu pai te olha e diz que **preferia ter um filho drogado do que um filho gay**. Que **deixaria de falar com ele** para sempre e que morreria de **vergonha**. Seu pai marca os pontos do jogo e diz que vai dar um jeito na sua virgindade. Que já está mais do que na hora.*

História de Rafaela (aborto)

O relacionamento parental aparece de modo positivo, quando se trata da menina com o pai e muito negativo, quando se trata da menina com a mãe. O pai de Rafaela é afetivo, acolhe e dialoga, mesmo diante do fato dela ter engravidado, enquanto que a mãe tem outra família e trechos da história sugerem que ela não gosta do fato da filha ter escolhido morar com o pai.

Atualmente, eu vivo na casa do meu pai. Eu não me dou bem com a minha mãe. Ela pega muito no meu pé e agente acaba sempre brigando.

*Seu pai vê que você chegou em casa e foi direto para o quarto. **Ele bate na porta e pergunta se você não vai dar um beijo de boa noite nele**. Você diz que está com dor de cabeça e que quer dormir. Seu pai percebe pela sua voz que algo não vai bem. **Abre a porta e pergunta se pode entrar**. Ele **senta na cama ao seu lado e pergunta o que aconteceu**. Você diz que está grávida e ele pergunta se tem certeza. Você conta que fez um teste de farmácia e que deu positivo.*

*Quando você chega em casa **encontra seu pai te esperando com uma pizza meio marguerita meio calabresa em cima da mesa**. **Ele te serve um suco e pega uma cerveja para ele**. Enquanto vocês comem, **ele pergunta como é que você está**. Você diz que está mais ou menos e que tem dúvidas sobre o que fazer. Conta da conversa que teve com o Luca.*

*Seu pai concorda em te dar o dinheiro, mas diz que se **você quiser ter o bebê ele te ajuda a criar**. Diz que também vai **ter uma conversa de homem para homem com o Luca**. Pega uma caixa de sorvete na geladeira e te serve duas bolas bem reforçadas.*

*Mesmo você **não se dando muito bem com sua mãe**, resolve ir conversar com ela sobre sua gravidez. Afinal, você pensa, ela também é mulher e quem sabe possa entender o seu desejo de ser mãe. Quando chega na casa dela, ela está toda atarefada preparando o jantar para seus dois irmãos e o companheiro dela. Ela te **pergunta a razão da visita surpresa** quando você diz que queria conversar uma coisa com ela. Ela replica dizendo que **você***

deveria falar com seu pai, já que escolheu viver com ele. Você pensa em se virar e ir embora imediatamente, mas não faz isso.

No caso da mãe do jovem Luca, esta aparece como dependente do filho e a figura paterna do jovem não aparece na história.

*Luca chega bem atrasado e pede desculpas. Você conta sobre a gravidez e Luca diz que realmente não tem como começar uma família nesse momento. Ele começa a chorar e diz que ganha pouco e que **precisa dar um dinheiro todo mês para a mãe**, pois o que ela recebe de aposentadoria não é o suficiente. Além disso, **ela é doente e necessita de cuidados o tempo todo.***

4.2.5 Apoio Comunitário

Em diversas histórias o apoio comunitário aparece como a solução encontrada diante das diversas problemáticas enfrentadas pelos jovens. Estas instituições são mostradas sempre de forma bastante acessível e como locais privilegiados onde ocorre a educação sexual formal. Além disso, a atuação é sempre positiva, porém não se discute a importância de que os jovens busquem estes locais como forma de participação e atuação protagonista, antes mesmo de apresentarem problemas e dificuldades em suas vidas.

História de Leo (HIV/Aids)

Há um apoio importante encontrado no convívio com outros jovens com HIV. Leo encontra esse grupo por meio da internet e soa estranho que nenhuma profissional que o atendeu tenha indicado algum grupo parecido. Destaca-se como muito relevante o trabalho de educação sexual (oficinas sobre sexualidade e saúde reprodutiva) e a discussão sobre os direitos. Leo gosta de poder participar desses grupos e cita a infectologista e o pai como figuras impeditivas para seu exercício sexual sem culpa. Também, em outra passagem, relata como uma experiência muito satisfatória de diálogo, esclarecimento e apoio e que a impressão que tinha é que seria um lugar escuro, deprimente e focado apenas no tratamento e doença.

*Você entra na internet e procura em um site de busca por jovens vivendo com HIV e Aids. Descobre que existem **vários grupos de jovens que se encontram de vez em quando para conversarem sobre um monte de coisa e não só sobre a doença.** Você descobre um grupo que se reúne uma vez por semana e que faz um monte de atividades interessantes como grafite, **oficinas sobre sexualidade e saúde reprodutiva.** Nessa busca, você descobre também que **adolescentes e jovens vivendo com HIV e Aids tem***

os mesmos direitos que os jovens que vivem sem o vírus. Inclusive o de ter relações sexuais. Você se empolga com a possibilidade de fazer parte de um desses grupos e manda uma mensagem para os sites em que você mais se identificou perguntando como é que faz para participar do grupo. Você se dá conta que, se depender da sua infectologista e do seu pai, você viverá sempre dentro de uma bolha e que você quer viver como qualquer outra pessoa. Também pensa muito em Dalila e na forma como ela está lidando com a situação, ou seja, ela não sabe ainda se está grávida e parou de tomar os remédios por conta dos efeitos colaterais que eles trazem.

Você chega em casa e abre o seu e-mail. Duas das organizações de jovens vivendo com HIV e Aids responderam a seu e-mail. Você lê os e-mails e resolve ir na primeira delas porque trabalha com os direitos sexuais e os direitos reprodutivos de adolescentes e jovens que vivem com o HIV e Aids. Você responde agradecendo a resposta rápida e pergunta se você pode ir lá para conversar sobre uns problemas que você tem. Imediatamente, você recebe uma resposta de uma jovem chamada Lena dizendo que o melhor dia e horário para você ir lá é terça feira à tarde porque tem reunião do grupo de convivência. Você responde que irá sim.

Você chega à organização de jovens que vivem com HIV e Aids. Ao contrário do que você pensava, as paredes são pintadas de cores alegres e não tem nenhum cartaz falando de doenças. Só sobre prevenção, cuidados com a saúde e relacionamentos. Assim que você entra, uma jovem sorridente vem em sua direção e pergunta se você é Leo. Você diz que sim e fala que ela deve ser Lena. Ela ri e te leva para uma sala em que estão mais ou menos uns 15 jovens. Lena pede silêncio e te apresenta para o grupo. Os jovens dizem seus nomes e vocês sentam no chão em cima de almofadas coloridas. Lena diz que em todos os encontros das terças-feiras, a primeira coisa que fazem é dizer como se sentem naquele momento. Diz que cada um tem dois minutos para falar. Ela pergunta se você quer começar e você concorda. Você diz que neste momento está com duas preocupações na cabeça: a primeira é que ainda não sabe o resultado do seu exame de carga viral depois que transou com uma garota também com HIV sem camisinha. O outro, é que esse garota não quer mais tomar medicamentos por causa da lipodistrofia e que você acha que isso vai ser muito ruim para a vida dela. Lena diz que suas preocupações são importantes e que, depois, serão discutidas no grupo. Você se sente totalmente acolhido pelo grupo. Fazia muito tempo que você não se sentia tão bem.

História de Mariana (violência de gênero)

O apoio comunitário é representado por uma organização que trabalha com mulheres vítimas de violência. Nesta organização, além de ser muito bem atendida, a protagonista recebe apoio e informações sobre violência masculina, responsabilidade social e atitudes que devem ser tomadas por mulheres vítimas de abuso.

*Lembra-se que viu um cartaz, que falava de uma organização que trabalhava com mulheres que sofriam violência. Pega um ônibus e resolve ir até essa organização. Quando chega lá, é **super bem recebida**.*

*A ativista da organização, diz para você que todos os dias muitas mulheres sofrem esse e outros tipos de violência. Que, para mudar essa situação, é **preciso que as mulheres que sofreram situações de violência denunciem os homens que foram violentos**. Diz, também, que nenhum homem nasce violento, que eles aprendem a ser assim e que, portanto, **cabe a toda sociedade mudar a forma como se educa os homens**. Sugere que você telefone para sua mãe e que peça para ela vir até a organização. Quando ela chegar, a ativista diz que **vocês duas vão conversar com sua mãe e que, depois, irão até o hospital do bairro para você ser examinada e receber os cuidados a que tem direito**.*

História de Priscila (abuso sexual)

Há um apoio importante encontrado no convívio com outros jovens que, na história, é representado por uma ONG. Priscila decide ir sozinha na ONG que fica perto de sua casa. Lá conversa com outros jovens e participa da exibição de um vídeo seguida por dinâmica e discussão.

*Você acorda decidida a ir procurar uma organização não governamental (ONG) que trabalha com jovens e que fica perto da sua casa. Chegando lá, encontra Rodrigo, um rapaz uns cinco anos mais velho do que você que foi muito amigo do seu irmão. Ele lhe mostra a casa toda, te apresenta para os outros jovens e conta sobre o trabalho que desenvolve por lá. Você fica super interessada e pergunta o que deve fazer para participar da ONG. Ele diz que tem um grupo de voluntários que participam das reuniões aos sábados e que você será muito bem-vinda se quiser fazer parte do grupo. Diz, ainda, que **a próxima reunião é para conversar sobre relacionamento entre meninos e meninas e que no final será apresentado um filme**. Você se anima e diz que vai pedir para sua mãe deixar você participar. O Rodrigo ainda lhe dá uns boletins que falam bastante sobre a construção do masculino e do feminino e diz para você ler e depois voltar na organização para conversar com ele sobre o que achou. Você adorou ter encontrado seu amigo e fica animadíssima com a possibilidade de ser voluntária.*

História de Tiago (homossexualidade)

Na história, Tiago busca apoio com diferentes pessoas. Uma delas é a mãe, porém também se faz extremamente importante o convívio com outros jovens que passam pelo mesmo tipo de sofrimento. Neste caso Tiago conversa com Bianca, uma jovem lésbica e ela lhe oferece companhia para irem juntos a uma ONG que trabalha questões sobre os direitos dos homossexuais.

*Você diz para ela que não vai conseguir viver desse jeito, com todo mundo te discriminando e que pensa em deixar de estudar. Bianca fica brava e diz para você não fazer isso. Que você é inteligente e que não pode desistir da sua vida por conta das pessoas preconceituosas que existem no mundo. **Ela pergunta se você topa ir com ela até uma ONG que trabalha com os direitos dos homossexuais.** Você pensa que não tem mais nada a perder e que vale a pena conhecer quais são esses direitos. Vocês combinam de se encontrar mais tarde e irem até lá.*

No intervalo entre as aulas, você procura pela Bianca. Ela está no pátio conversando com a Mariana. Você a chama e diz que precisa falar com ela. Ao ver sua cara meio de apavorado, ela diz para vocês irem para o outro lado do pátio conversar.

*Você pergunta se ela sofreu muito quando descobriu que era lésbica. Ela diz que sim. Que foi muito duro para ela perceber que era diferente da grande maioria das amigas que ficavam o tempo todo falando dos meninos. Ela te conta que só resolveu abrir que era lésbica quando conheceu a Marta, pois ela lhe deu a maior força e disse que ‘tesão não se escolhe’. É algo que pinta e pronto. Ela conta que namorou com a Marta um tempo e que, depois, elas se afastaram. A Bianca te fala que ouviu umas fofocas sobre o que tinha acontecido na última aula de teatro. **Pega um papel e coloca o telefone dela e diz que se você precisar de uma amiga, é só telefonar. Você diz que adorou conversar com ela e que ia telefonar mesmo.***

Outro apoio importante foi a professora de teatro, que acolheu as dúvidas de Tiago, ofereceu informações e se mostrou aberta e disponível ao diálogo.

*Você pergunta o que é homofobia e ela te diz que é o termo utilizado para identificar o ódio, a aversão ou a discriminação que existe contra pessoas que tem uma orientação sexual diferente da heterossexual. Você diz que já leu alguma coisa sobre homossexualidade em um livro e **a professora Olívia diz para você vir falar com ela sempre que quiser.***

4.2.6 Sexismo e heteronormatividade

As histórias do jogo enfatizam os conteúdos sexistas, ou seja, algumas ações acabam por privilegiar determinado gênero em detrimento de outro. No jogo, essas ocorrências podem levar a pensar que homens e mulheres são naturalmente diferentes e que simplesmente certas características são típicas de quem pertence a um determinado gênero. Assim, por vezes, o jogo traz ideias como a de que as mulheres devem ser responsáveis pela casa e pelos filhos, de que trair ou ser violento faz parte da natureza dos homens, de que as mulheres são frágeis ou inocentes, etc. Além disso, não existem famílias homoafetivas e quando a história traz comportamentos que fogem dos padrões heterossexuais, estes são quase sempre discriminados.

História de Leo (HIV/Aids)

Nesta história se evidencia a preocupação com modelos de estética, sobretudo com o corpo deformado pelo uso dos medicamentos, ressaltados pela figura feminina- a garota tem medo de ficar com o copo feio enquanto nada é dito em relação ao garoto, nem que ele tem essas alterações no corpo, nem que se preocupa com sua beleza por conta disso. O pai, que teria essas deformações não aparece como uma queixa, nem como um problema estético. Podemos supor ai uma questão de gênero em que seria mais preocupante às mulheres lidar com o fato de romper com o padrão de estética e beleza vigente.

Enquanto terça não chega, você busca informações sobre a lipodistrofia, aquela doença que aparece quando se toma determinados antirretrovirais. Você vê nas fotos que realmente, o corpo da pessoa se transforma: os braços e as pernas ficam muito finas e a barriga fica muito grande. Pensa na Dalila que tem mais medo de ficar com o corpo feio do que nas doenças oportunistas que aparecem por conta da Aids. Você lê também, que fazer atividades físicas podem ajudar a diminuir o tamanho da barriga e aumentar os músculos dos braços e pernas. Pensa que, talvez a Dalila tope fazer alguns exercícios físicos com você. Agora que sabe disso, pensa em convidar seu pai para dar uma caminhada no parque no próximo final de semana. Faz muito tempo que não fazem nada juntos.

Você conta para Dalila o que descobriu sobre a lipodistrofia e ela diz que já sabe tudo isso, mas que não vai mesmo tomar os antirretrovirais. Diz também que odeia fazer atividades físicas e que quer viver os últimos anos de sua vida bonita do jeito que sempre foi.

História de Mariana (violência de gênero)

Nesta história se evidencia uma cultura machista. Observa-se que no decorrer da história Mariana é atendida por muitos homens (diretor e coordenador da escola, médico e policial) e em todos os casos estes homens apresentam comportamento frio, não realizando um atendimento adequado. Em geral, a protagonista só é bem atendida nos lugares em que contou com o atendimento realizado por mulheres, como se a fineza no trato e a gentileza fossem características tipicamente femininas.

*No caminho você diz para sua mãe que **não quer ir à polícia. Tem medo que os policiais te tratem mal e que, do mesmo jeito que o médico, não acreditem no que você tem para contar. Sua mãe diz que isso pode ocorrer, mas o que o Jonas e sua turma fizeram com você foi um crime que não deve ficar impune.***

*Quando chega lá, é **super bem recebida. Te levam para uma sala e, em seguida, uma mulher vem ao seu encontro. Ela fecha a porta e pergunta o que te levou a ir até lá.***

*Vocês chegam na Delegacia da Mulher e **você percebe que só tem mulheres trabalhando lá. Se sente bem mais confortável. Sua mãe conversa com uma policial e logo você é chamada para registrar sua queixa e fazer um Boletim de Ocorrência. A delegada a recebe e você conta toda a sua história. A delegada diz que você é uma pessoa muito corajosa e que seria muito bom se todas as mulheres que sofressem violência fizessem o mesmo que você***

Na história de Mariana também ocorrem alguns comportamentos considerados sexistas. Em alguns trechos da história aparecem padrões de comportamento típicos de cada gênero como se fossem comportamentos naturais do homem ou da mulher. Somente uma frase no final discute a possibilidade do comportamento agressivo masculino ser aprendido.

*Diz, também, que **nenhum homem nasce violento, que eles aprendem a ser assim e que, portanto, cabe a toda sociedade mudar a forma como se educa os homens.***

*Você, então, **propõe fazer uma chapa só de meninas para assumir o grêmio na próxima gestão. Suas amigas te olham e dizem que você está louca e que é preciso convidar uns meninos para fazer parte da chapa porque eles tem mais jeito para tomar decisões.***

*Você conta a conversa que teve com o coordenador e que **ninguém deu muita bola para o ocorrido. Alguns professores, inclusive, falaram que***

aquilo era coisa de meninos e que não era nada sério. Era só uma brincadeira sem graça.

As minhas amigas, por sua vez, implicam com meus piercings e dreads. Dizem que eu preciso ser mais feminina.

História de Priscila (abuso sexual)

A preocupação com o vestuário feminino como forma de chamar a atenção dos homens aparece diversas vezes no decorrer da história.

Assim, uma das formas de Marcelo conquistar Priscila foi dando-lhe de presente a calça que tanto queria sugerindo que a mulher pode ser conquistada através de elementos que a faça sentir-se mais bonita e feminina. Também, no início da história há uma frase que explicita que Priscila tem 13 anos, mas parece ser mais velha, deixando implícito que já tem corpo típico de mulher.

*Quando a gente combina de se arrumar em casa, meu pai sempre olha de cara feia. Diz que a roupa é muito curta e que mulher direita não mostra tanto o corpo. Não dou muita bola para o que ele diz. Afinal, **todas as meninas se vestem desse jeito e eu não vou pagar mico colocando uma roupa de freira.***

*Chega sábado e você acorda superanimada para ir para uma balada no galpão do teatro do bairro. Pega o que guardou da sua mesada e vai para o cabeleireiro fazer uma chapinha. Não sabe que roupa vestir porque já está cansada de usar sempre as mesmas roupas. Sua mãe percebe sua tristeza e promete lhe dar aquela calça jeans que você quer no final do mês. **Você escolhe um vestido florido bem curto** e vai para a casa da Manu como foi combinado.*

*Você se encontra com Marcelo e, desta vez, ele tem uma grande caixa na mão. Você lhe dá um beijo e ele lhe entrega um presente. **É a calça jeans que você estava doida para ganhar: bem justa e estonada. Você fica muito feliz e diz que ele é um príncipe que apareceu em sua vida.** Ele te beija e te convida para comer uma pizza com ele. **Você esquece totalmente do tanto que ele foi agressivo no último encontro.** Sua única preocupação é de como vai falar para a mãe que ganhou aquela calça.*

Observa-se condutas e falas machistas por parte de Marcelo e no decorrer da história. Priscila sente impedida de viver sua vida com liberdade devido a impedimentos colocados pelo namorado. Ele a impede de conversar com outros homens, porém em uma das possibilidades, Priscila descobre que foi traída por Marcelo e pegou uma DST.

Depois, se sentam em um banco e ele lhe pergunta o que você fez nos últimos dias. Você conta da escola e das conversas que teve sobre sexualidade. Conta, inclusive, que tem camisinhas na bolsa.

Marcelo fecha a cara e diz que se ela tiver alguma dúvida é para perguntar para ele e não para outras pessoas. Diz que mulher direita não leva camisinha na bolsa e que é para ela tomar cuidado porque ele é muito ciumento. Portanto, diz ele, não quer saber de você conversando com homem nenhum. Que, como sua namorada tem que confiar nele e em ninguém mais.

*Você fica meio assustada com a **agressividade de Marcelo** mas, ao mesmo tempo, fica feliz por ele ter dito que é seu namorado.*

*Mesmo sabendo que o **Marcelo provavelmente seria contra a sua ida à ONG**, você vai até lá. Quando chega, o seu amigo Rodrigo lhe apresenta aos outros jovens e fala que vai começar logo a discussão sobre relacionamentos. Você fica na dúvida se fica para a discussão ou se diz para o Rodrigo que **não vai poder participar por que seu namorado não quer**. Resolve ficar só nessa para ver como é que é. A discussão abre com uma roda de conversa em que as pessoas falam seu nome, o que gostam de fazer e se tem uma relacionamento com alguém. Na sua vez, você conta que namora um cara 14 anos mais velho e que está apaixonada. Percebe que Rodrigo faz uma cara meio estranha. O filme e a discussão foram ótimos. Todo mundo riu muito e, ao final, fizeram uma brincadeira em que todo mundo se abraçava. Você adorou ter participado da atividade, mas **está nervosa pensando se vai contar para o Marcelo ou não**.*

***Irritado, Marcelo diz que não se trata um homem desse jeito. Que os homens tem mais necessidade de sexo do que as mulheres e que tem hora que não conseguem mais se controlar.** Diz, ainda, que já que ela não quer fazê-lo feliz, vai procurar por outras mulheres. Diz que perdeu a vontade de ficar com você e diz que vai te levar para casa.*

*Mesmo sabendo como uma pessoa passa uma DST para outra, você pergunta **como foi que ele pegou aquela doença**. Ele diz que não sabe. Que deve ter sido no banco do ônibus ou em uma privada. Você começa a chorar porque pode estar doente e porque o **Marcelo mentiu para você quando disse que não estava saindo com mulher nenhuma há mais de 6 meses**.*

História de Beto (Paternidade)

Em diversos trechos da história é possível observar comportamentos típicos de uma cultura machista, sobretudo reforçado pelos amigos e pelo pai, que se sente orgulhoso do filho em relação ao fato dele ter uma namorada.

*Você vai até a loja em que seu pai trabalha e pede para ele adiantar sua mesada. Diz que quer **convidar** sua namorada, a Manu, para ir com você ao ensaio da escola de samba e que **não fica bem um homem deixar uma garota pagar a passagem do ônibus e os ingressos para a quadra**. Seu pai fica todo feliz por você sair com uma garota. Diz brincando que **já estava ate preocupado porque você não tinha uma namorada**. Você diz para seu pai que já ficou com um monte de meninas e que já transou com algumas delas. Seu pai fica todo orgulhoso e te dá um dinheiro a mais dizendo que **é para você comprar camisinhas**.*

O comportamento machista também se torna típico nos pensamentos de Beto que entende ser o único responsável por ser o provedor da sua futura família, desconsiderando totalmente o fato de que, nos dias atuais, a maioria das mulheres ajuda ou são até mesmo responsáveis únicas, pelo provimento financeiro do lar.

*No caminho, você decide que quer ter o filho com a Manu e que, se ela quiser vocês poderão até casar e morar juntos. **Se sente “muito macho”** por ter transado uma vez com a Manu e ela já ter engravidado.*

*Resolve que a prioridade agora é arrumar um emprego, não importando o que você irá fazer. Ter um emprego é uma questão de honra, já que como **futuro pai, o seu papel será prover as necessidades da família**.*

*Você telefona para a Manu e conta a conversa que teve com o Chico. Ela diz que acha legal e que se juntarem esse dinheiro e pedirem ajuda para os pais de ambos, quem sabe será possível alugar um pequeno apartamento para vocês. Você gosta da ideia e diz que vai aceitar o emprego. **Afinal, como homem, o seu papel é prover as necessidades de sua futura família**.*

Em nenhum momento da história se discutem questões relacionadas à construção social dos gostos e comportamentos específicos para cada gênero.

Em trechos da história fica claro que sambar e rebolar não são comportamentos típicos de homens, ao mesmo tempo em que entrar em sites pornô, conversar sobre futebol e mulheres, seriam comportamentos adequados para os homens.

*Quando você entra na Lan House, vê que tem **um bando de caras da sua idade** conversando com amigos no Messenger, postando fotos no Facebook e **visitando sites pornô**. Você sente saudades de quanto tinha tempo para fazer essas coisas.*

*Na segunda-feira, assim que você põe os pés no cursinho, seus amigos já perguntam sobre o que rolou com a Manuela. Você fica sem graça e diz que não é da conta deles. Eles insistem e você diz que só rolou um beijo. Seus amigos ainda tiram um sarro dizendo que **gostaram de ver você sambar e***

*perguntam se no próximo carnaval **você vai desfilar na ala das baianas**. Você diz para eles pararem de falar besteira e vai para a aula.*

*Você é convidado a ir a uma festa na casa do Felipe. É aniversário dele e vai ter um grupo de sambistas da velha guarda tocando e cantando. Você pensa que será uma oportunidade para exibir os passos que aprendeu nos ensaios da escola de samba. Quando você chega à festa, você vê que as meninas estão todas em grupinhos e que ninguém está sambando. Resolve “causar”. Tira a Mariana para dançar e capricha nos passos. Todo mundo olha para vocês. Seus amigos tiram um sarro dizendo que **você está rebolando feito um “maricas”**.*

*Você se encontra com seus amigos e eles te chamam para ir a um barzinho. Você vai com eles até lá e **a conversa é sobre mulheres e futebol**.*

Em outros trechos, a preocupação sobre gravidez aparece como uma questão relacionada somente com a mulher.

*Você percebe que não sabe nada ou quase nada sobre gravidez. Quando estava na 8ª série teve essa aula de Ciência sobre o assunto, mas **não prestou atenção porque achou que isso era um problema só das meninas**.*

*Um assistente chama a Manuela e você se levanta para ir junto com ela à consulta. **O assistente diz que só uma pessoa pode entrar na sala com sua namorada e que é melhor que seja a mãe**. Você diz que a Manu está grávida e que você é o pai da criança, portanto faz questão de estar presente. Dona Iolanda pede para você se acalmar e aguardá-las na sala de espera. Diz que a Manu pode se sentir constrangida com você lá. Manu diz gostaria que você participasse da consulta e que não ficaria nem um pouco constrangida. Dona Iolanda discorda e diz que **homem nestas horas só atrapalha**. O assistente concorda com a mãe da Manuela.*

História de Tiago (homossexualidade)

Na história Tiago é retratado como um menino certinho, estudioso, que não gosta de praticar esportes, mas adora teatro. De certa forma a descrição de Tiago pode levar os jogadores, por analogia, a suporem que outras pessoas com estas mesmas características também sejam homossexuais, ou seja, a história apresenta uma visão estereotipada do personagem.

*Meu nome é Tiago e eu tenho 15 anos. **Eu não gosto muito de esportes, quer dizer, gosto de ver os jogos de vôlei e basquete na TV. Tênis eu acho***

*meio chato. O pessoal da escola diz que eu sou muito **certinho, estudioso demais e metido a sabe tudo.***

Alguns trechos da história aparecem padrões de comportamento esperados para o gênero masculino. Estes comportamentos são destacados nas falas do pai de Tiago como se fossem comportamentos naturais do homem. Não se discute o fato destes comportamentos serem aprendidos socialmente.

*Meus pais são separados e vejo o meu pai só de vez em quando. Quando a gente se encontra ele sempre fala que **“hoje vamos fazer um programa de macho”** e me leva para **assistir um jogo de futebol ou a uma lanchonete que tem umas garotas meio peladas.** Como eu sei que ele está me testando, finjo que estou torcendo pelo time dele e **falo um monte de palavrões.** Já na lanchonete, eu fico olhando para as meninas e fazendo piada sobre o tamanho dos peitos delas. De vez em quando ele me dá uns tapas nas costas com cara de orgulhoso.*

*Chega sábado e você se encontra com seu pai. Ele diz que você irá adorar a surpresa. Ele te leva até o apartamento dele e, quando você entra, dá de cara com uma **mulher vestindo só uma calcinha de renda.** Sua vontade é sair correndo, mas seu pai está atrás de você e não tem espaço para isso. Ele diz que vai tomar uma cerveja enquanto você ‘conversa’ com a Michelly. Diz, também, que tem muitas camisinhas em cima da mesinha e que você pode usar todas. Você só não sabe o que fazer e seu **pai te empurra para cima** da Michelly. Diz que voltará dentro de uma hora e que **é para ela te tratar bem.***

*O telefone toca e é seu pai. Ele te convida para, no próximo final de semana, jogarem boliche. Você diz que nunca jogou e ele fala que vai te ensinar. Diz também que tem um **monte de garotas gostosas no boliche.** Você dá uma risada bem falsa e diz que topa.*

*Você e seu pai vão para o boliche. Vocês colocam os sapatos para jogar e ele escolhe duas bolas: uma para você e outra para ele. A dele é preta e a sua é azul. **Cores de ‘macho’,** segundo seu pai. Vocês vão para a pista e seu pai te ensina como pegar a bola e como arremessá-la. Você tenta e a bola sai quicando. Não acerta nenhum pino. Seu pai ri e diz que a primeira vez é assim mesmo. Aproveita a deixa para te perguntar se já rolou sua primeira vez com uma menina. Você diz que ainda não e pensa que sua primeira vez será com um menino.*

*O jogo continua e seu desempenho melhora. Seu pai fica orgulhoso e diz: **eu sabia que meu filho não é nenhum boiola.** Vai ser campeão no boliche!*

4.2.7 Tecnologias e vínculos interpessoais

Algumas narrativas do jogo trazem a questão do uso da tecnologia como ferramenta de busca de informações sobre sexualidade ou até mesmo de busca por relacionamentos. Não se discute sobre esta necessidade, que em geral é causada pela falta de diálogos e de informações acessíveis aos jovens. Também não se problematiza sobre as possíveis informações de conteúdo incorreto a que os jovens possam estar sujeitos, ou ainda sobre a maturidade dos adolescentes para filtrar estas informações de maneira adequada.

História de Leo (HIV/Aids)

Na história o personagem consegue se relacionar afetivamente com uma pessoa, por meio da internet. É curioso imaginar que se na vida real ele não conta sobre o HIV, nem com seu melhor amigo, num site de relacionamento ele foi capaz de contar sobre isso e, inclusive, saber sobre a positividade da garota. Não se problematiza a necessidade de usar a internet para o estabelecimento de vínculos amorosos e sexuais, já que ele é uma pessoa de muitos amigos. Além disso, parece muito comum que um contato pela internet com alguém leve rapidamente ao sexo, no primeiro encontro, o que não sabemos ser uma ocorrência frequente e ou recomendável.

*Você faz parte de vários sites de relacionamento. Uma boa parte do seu dia você fica conectado e conversando com adolescentes de todo o Brasil. Num desses sites você conhece Dalila. Ela tem 18 anos e vive com HIV como você. A diferença é que ela pegou o vírus de um namorado quando tinha 14 anos. **Vocês conversam sobre tudo: sexo, namoro, medicamentos, medos...** Hoje você chega em casa e, imediatamente, liga seu computador. Dalila está on-line e pergunta se você irá fazer alguma coisa mais tarde. Você diz que não e **ela propõe que vocês se conheçam ao vivo**. Você topa e marcam de se encontrar na casa dela no final da tarde. Você fica muito ansioso e pensa que seria mais fácil você namorar (e transar) com uma garota que também vive com o HIV. O tempo demora a passar mas, finalmente, está na hora de você sair e ir para a casa da Dalila. Quando você chega, ela abre a porta e te convida a entrar. **Ela diz que está sozinha em casa e vocês se beijam. Vocês se sentam no sofá, conversam muito e se beijam mais ainda. As carícias ficam cada vez mais íntimas e vocês transam. Vocês não usam o preservativo.***

História de Priscila (abuso sexual)

Com a dificuldade de obter informações, em uma das passagens a adolescente consegue “filtrar” as informações obtidas pela internet e entender a sexualidade como

construção social. O jogo não se aprofunda sobre a possibilidade do jovem encontrar informações distorcidas na internet e sobre a dificuldade de um adolescente nesta idade chegar sozinho a tais conclusões. Além disso, diante da dúvida da adolescente o professor não faz nada para tentar ajudá-la.

*Você diz que não é nada e vai para sua cama com algumas dúvidas na cabeça: será mesmo que um homem tem mais necessidade de sexo do que a mulher? Será que, quando excitado, ele não consegue mesmo se controlar? Resolve pesquisar sobre o assunto. Você chega na escola e vai direto para a sala de informática. Diz para o professor que precisa fazer uma pesquisa e implora para ele deixar você usar o computador e a internet por um tempo. Seu professor diz que vai abrir uma exceção porque você é uma boa aluna e porque está com cara de preocupada. Você agradece e procura o termo sexualidade masculina em um site de busca. **Depois de ler um monte de besteiras, você encontra um site que fala que muito do que se acreditava como biológico em relação a sexualidade do homem é, na verdade, uma construção social. Isto significa que os homens aprendem isso desde pequenos e que a sociedade é que tem a expectativa de que os homens ajam dessa maneira. Você resolve telefonar para Marcelo para conversar.***

História de Beto (Paternidade)

Com a dificuldade de obter informações, em uma das passagens, o adolescente busca informações na internet. Além disso, não se problematiza sobre essa necessidade, nem porque ele lança mão dessa estratégia, nem a respeito da autonomia dada aos jovens diante da imensa quantidade de informação que pode ser obtida pela internet e a necessidade de prepará-los para serem sujeitos reflexivos acerca dos conteúdos encontrados.

*Você decide que precisa ir atrás de informações sobre gravidez e paternidade para lidar melhor com a situação. Resolve **passar em uma Lan House e fazer uma pesquisa na internet.***

4.2.8 Avaliação Interna

Nas diferentes narrativas do jogo, os personagens apresentam sentimentos de inadequação e avaliação negativa de si mesmos. Os principais sentimentos expressos são: medo, angústia e vergonha. Na maioria dos casos, por mais que procurem ajuda os adolescentes que passam por problemas buscam soluções de forma individual, pautados por sentimentos de culpa.

História de Leo (HIV/Aids)

O jovem relata sentimentos de culpa diante da gravidez da parceira que pensa no aborto por acreditar que seu filho(a) necessariamente vai nascer com HIV. Vive os conflitos de modo interno e individual.

*O telefone toca e é Dalila. Ela conta que está grávida e precisa falar com você. Você fica **super mal** e vai ao encontro dela. Assim que você chega, Dalila diz que é para você arrumar dinheiro para ela fazer um aborto. Ela diz que não é louca de ter um filho que, provavelmente, terá HIV também. Você diz que não precisa ser assim. Que dá para fazer um tratamento durante a gravidez e depois do parto que faz com que a maioria das crianças se tornem soronegativas para o HIV depois que desenvolvem seus próprios anticorpos. Dalila diz que não vai arriscar nem 1% e que, definitivamente, não terá aquele filho. **Você se sente muito culpado por não ter usado a camisinha naquela única transa que teve na vida.***

História de Mariana (violência de gênero)

Embora seja a vítima de bullying e de violência sexual, a jovem relata sentimentos que indicam fragilidade como vergonha, medo e dúvidas.

*Você está morrendo de **medo**, mas não demonstra.*

*No caminho você diz para sua mãe que não quer ir à polícia. Tem **medo** que os policiais te tratem mal e que, do mesmo jeito que o médico, não acreditem no que você tem para contar.*

*Você sai da escola **sem saber muito bem o que fazer.***

*Você resolver ir até a casa da Suzana. Chegando lá, **você cai no choro** e conta tudo o que aconteceu. Ela te consola e pergunta se você está tomando pílula. Você diz que não, que com o seu namorado só usa camisinha. Suzana diz, então, que ela precisa tomar a pílula do dia seguinte e que pior do que ser estuprada é engravidar do estuprador. Você diz que de jeito nenhum quer ir ao posto de saúde. **Que tem vergonha.***

*Você diz que **não sabe o que fazer**, que todo mundo na escola está sabendo do estupro e que você **nunca mais quer voltar lá**. Diz também que tem **medo** de ter engravidado ou de ter se infectado com alguma doença.*

*Você conta que sofreu uma violência sexual e diz que **nunca se sentiu tão perdida e frágil** na vida. Que você tinha muitos planos e que agora **acha que sua vida acabou.***

História de Priscila (abuso sexual)

A jovem relata sentimentos confusos diante da primeira relação sexual. Além disso, o tabu relacionado à virgindade gera culpa.

*Resolve, então, falar com a professora de História que é mais aberta e é a única que já falou sobre sexo em sala de aula. **Fica muito nervosa**, mas decide que irá procurar a professora assim mesmo.*

*Põe a cara para dentro da sala dos professores e chama a professora Irene. Meio sem saber o que falar, pergunta se a professora sabe de algum material que fale sobre ficar, a primeira vez e **se sexo é pecado antes do casamento**.*

*Você resolve pedir alguns conselhos para dona Adelaide, a coordenadora do grupo de jovens da igreja que você frequenta. Afinal, tem um cartaz na porta dizendo que adolescentes são sempre bem-vindos na sala dela para conversarem sobre tudo. Você bate na porta, e Dona Adelaide lhe abraça e a convida para entrar. **Você está muito constrangida e pergunta se ela jura que não vai contar nada daquilo que ela falar para sua família nem para o pastor**.*

Você se sente muito dividida entre o amor e o desejo que tem pelo Marcelo versus suas convicções religiosas.

*Você telefona para suas amigas e marca um encontro na pracinha. Diz que aconteceu uma coisa e que precisa contar para elas. Manu e Jô chegam quase ao mesmo tempo e olham para a sua cara. Jô imediatamente diz: **you transou com o Marcelo! Você diz que sim e começa a chorar**. Elas te consolam e pergunta porque você está tão triste. Você conta como foi a transa e que **está com medo de engravidar** já que Marcelo não usou camisinha.*

*Ao chegar em casa, você resolve abrir o coração e falar com a sua mãe sobre o Marcelo mas, na hora H, **perde a coragem** e conta que uma amiga sua ficou na balada com um cara mais velho.*

História de Tiago (homossexualidade)

O jovem relata sentimentos de medo e angústia por não poder revelar sua orientação sexual. Além disso, sente-se deprimido, discriminado e excluído pelos amigos.

*Finge que não tem nada a ver com você e senta na primeira fileira como sempre fez. Por dentro, você está em **pânico**. **Teme ser mais discriminado do que já é**. A professora chega e a aula começa.*

*Quando você desdobra a tira, lê que terá que se colocar no lugar de um jovem homossexual que está apaixonado por um amigo. Você fica muito nervoso, pois parece a história da sua vida: você acha que é mesmo homossexual e sente algo diferente pelo Paulo. Cada ator ou atriz vai até a frente e 'vive' o personagem sorteado. Chega a sua vez e você está **tremendo com medo de dar bandeira**.*

*Você chega mais cedo na escola e procura pela professora Olívia. Ela te vê e, imediatamente, te diz que você tem muito jeito para o teatro. Você sorri contente e diz que gostaria de falar com ela sobre outro assunto. Ela leva você até o auditório e vocês sentam em um canto. Você diz que não está aguentando mais se calar e que precisa desabafar com alguém. Você conta que suspeita ser gay e que **morre de medo de ser discriminado** pelos colegas, pelos professores e por seu pai. A professora diz que entende sua preocupação, **mas que você é forte o suficiente para lidar com essa situação**.*

*Você chega em casa muito **deprimido**. Sua mãe vê que você não está bem e você começa a **chorar**. Conta que Paulo fofocou para todo mundo na escola que você era gay e que não tinha dado no couro com a profissional do sexo.*

*Você diz que vai pensar sobre o assunto. Você não aguenta mais viver com esse segredo. **Se sente muito mal** por não ter coragem de dizer ao seu melhor amigo que é gay e resolve que vai se afastar de Paulo. Quando chega o final de semana, manda um torpedo para o amigo dizendo que resolveu ficar em casa estudando. Paulo não responde.*

*Você não sabe como, mas conseguiu assistir à aula até o final. Quando toca o sinal, você procura pela Bianca. Você a encontra na quadra jogando basquete com a Mariana. Quando te vê chegando, ela para de jogar e vem ao seu encontro. Diz que já está sabendo que o Paulo espalhou para a escola inteira que você é gay. Você diz que **está superchateado** porque achava que ele era o seu melhor amigo..*

História de Rafaela (aborto)

A jovem relata sentimentos de tristeza por querer ter o filho e angústia diante das pessoas que sugerem que ela faça o aborto. Também sente medo de perder o emprego e ter que criar o filho sem a presença de um pai.

*Ele pergunta como você está e você diz que **está triste**. Que **gostaria muito de ter o bebê**, mas que não achava legal ter um filho que não convivesse com o pai. Luca diz que você poderá ter outros filhos mais tarde e você concorda.*

*Quando ela se acalma um pouco, diz que tem uma mulher no bairro que faz esse serviço e que vai marcar uma hora para você ir até lá resolver o problema. Diz ainda para você pedir dinheiro ao seu pai para fazer o aborto. Você vai embora da casa da sua mãe **angustiada**.*

*Mesmo triste por querer ter esse filho, você concorda que é melhor assim. Principalmente, porque o Luca não está lhe dando nenhum apoio. Você pensa que se para você a separação dos pais já foi difícil, **deve ser muito pior ter um filho sem o pai.** Você az as contas e percebe que juntando o seu salário e o pouco de dinheiro que você tem ainda não chega ao valor que precisa. Decide que vai pedir o dinheiro para o Luca.*

*Ela pergunta se você já está fazendo os exames do pré-natal e você diz que não. Ela sugere que você vá para casa e que peça para sua mãe ir junto com você em um serviço de saúde. Você concorda e pede a ela para **não contar para ninguém sobre sua gravidez** porque tem medo de perder o emprego.*

4.2.9 Práticas sexuais e suas consequências

Em diversas histórias os jovens lançam mão do ocultamento sobre sua vida sexual, ou sobre os problemas que ocorrem. Assumir o exercício da sexualidade é mostrado como possível fator gerador de conflitos.

História de Leo (HIV/Aids)

Em várias situações, o segredo de ter HIV é uma condição colocada pelo personagem para se relacionar com os amigos; no caso de relacionamentos amorosos, ele mente aos amigos que já teve uma namorada e vida sexual, para “não ficar mal”. Não se problematiza sobre essa necessidade, nem porque ele lança mão dessa estratégia. Além disso, as consequências sobre esses comportamentos não aparece no decorrer da história: se isso é bom ou ruim, se é adequado ou não, se seria necessário ou não.

***Não falo para ninguém que vivo com HIV.** Quando falto nas aulas invento uma gripe ou uma dor de barriga. Eu já fiquei com algumas meninas, mas nunca namorei nem transei. Para não ficar mal na frente dos meninos, inventei que tenho uma namorada no interior e que a gente transa. Tenho um grande amigo chamado Alex. Nem ele sabe que tenho o vírus.*

História de Mariana (violência de gênero)

Em várias situações, o “não ligar”, aparece como estratégia de enfrentamento de violência na escola, que acabaram culminando em situações piores do que as iniciais. A protagonista parece ser a única que se preocupa em adotar alguma medida preventiva contra a

violência na escola, porém suas ideias não recebem apoio, sobretudo da polícia ou dos responsáveis pela gestão da escola.

*Eles impedem sua entrada e falam um monte de desaforos. Te chamam de vadia, de sapatão, de dedo-duro. **Você finge que não é com você e tenta entrar na escola.***

*Sugere que o grêmio promova algumas **ações na escola para enfrentar as situações de violência** que acontecem no dia-a-dia. Marta diz que todo ano, o grêmio organiza uma atividade no dia 10 de dezembro, o Dia Nacional dos Direitos Humanos. Você diz que acredita que essas atividades têm que acontecer o ano todo.*

***Todo mundo te fala que o melhor seria você ter ficado calada.** Você resolve ir na sala da diretora denunciar que foi ameaçada pelo Jonas e sua turminha. A diretora recebe você a contragosto e escuta o seu relato sorrindo. Quando você termina, ela lhe diz que “cão que ladra não morde” e que **o melhor que você tem a fazer é fingir indiferença.** Você não se convence de que essa é a melhor forma de lidar com esse problema.*

História de Priscila (abuso sexual)

Nesta história o exercício da sexualidade é problematizado em virtude da pouca idade da personagem e a estratégia de aceitação é a mentira ou omissão da idade, sendo que em várias situações, a aparência física facilita o segredo sobre a idade de Priscila que é uma condição colocada pela personagem tanto para ser aceita tanto nos serviços de saúde quanto nas baladas na qual não seria permitidos adolescentes com a sua idade. No caso de relacionamentos amorosos, inicialmente, ela omite a idade ao parceiro. Não se problematiza sobre essa necessidade, nem porque ela lança mão dessa estratégia.

*Você resolve ir sozinha no posto de saúde para buscar materiais que falem sobre a primeira vez e outros temas que tenham a ver com sexo. Chega lá e pergunta se o posto tem materiais para adolescentes. A recepcionista pede para você esperar um pouco, pois a assistente social irá te atender. Você espera 30 minutos para ser chamada. Entra em uma sala e uma mulher de jaleco branco pergunta sua idade. **Você mente dizendo que tem 14 anos.***

*Você vai na casa da sua tia preferida e mal ela abre a porta, você já começa a falar que está apaixonada e que tem muitas dúvidas. **Conta para ela sobre o Marcelo, mas não diz a idade dele.***

História de Tiago (homossexualidade)

Em várias situações, o segredo de ser homossexual é uma condição colocada pelo personagem para não sofrer discriminação. Ele mente para os amigos e principalmente para o pai, que o tempo todo lhe impõe atividades consideradas como ‘coisas de macho’.

O que ninguém sabe é que eu gosto mais de meninos do que de meninas. Não falo sobre isso com ninguém porque sei que as gozações para o meu lado vão aumentar.

*Quando seu pai sai, Michelly começa a te acariciar e a tirar sua roupa. Você segura as calças e diz que não quer. Ela faz de tudo para te deixar excitado, mas nada acontece. Você propõe que conversem sobre qualquer coisa e que, **quando seu pai chegar, ela diga que vocês transaram**. Ela pergunta se vai receber o mesmo que combinou com seu pai e você diz que **nem sob tortura irá dizer para ele que não transou**. Vocês conversam e ela conta que tem 18 anos e que já é profissional do sexo há dois anos. Quando você ouve os passos do seu pai voltando, puxa Michelly para seu colo e a beija. Seu pai entra e fica orgulhoso por você ter agido como homem.*

*Você não tem coragem de dizer que acha que gosta mesmo é de meninos e que está apaixonado pelo Paulo. Ela te pergunta se você quer um queijo quente e você diz que sim. Você fica sentado pensando no que fazer: **ser ator 24 horas por dia fingindo ser heterossexual** ou contar para as pessoas que você gosta sobre a sua orientação sexual.*

História de Rafaela (aborto)

Em diversos trechos da história, se enfatizam somente as consequências negativas da gravidez na adolescência. Destaca-se que a jovem sentirá enjoo, será discriminada, ficará sozinha caso o namorado não assuma o filho, que não conseguirá mais se divertir ou que será muito difícil levar adiante seus planos de estudar e trabalhar.

Embora em uma única fala, o pai se disponibilize a auxiliar a filha caso decida levar a gravidez adiante, todos os demais personagens aconselham a menina a fazer um aborto, como se a gravidez na adolescência fosse um grave problema ou até mesmo a pior coisa que pudesse acontecer na vida de uma jovem.

*Você está no trabalho organizando a gôndola dos desodorantes e sabonetes. De repente, **aquele cheiro te dá um tremendo de um enjoo**. Você corre para o banheiro e sua supervisora vai atrás de você para saber o que aconteceu. Você chega no banheiro e vomita.*

*Você senta e pergunta o que a escola faz quando uma aluna engravida. A professora diz que a escola faz de tudo para que a aluna permaneça estudando, ou seja, ela assiste às aulas normalmente e quando nasce o bebê, facilita seu acesso aos conteúdos das disciplinas e às provas. Diz também que a escola permite que as meninas saiam durante as aulas para amamentar seus filhos. No entanto, a professora alerta você que **muitos alunos e muitos professores discriminam as adolescentes que engravidam. Tanto que algumas até desistem de estudar.** Você agradece a professora e quando vai se despedir ela lhe pergunta: Rafa, você está grávida? Você confirma com a cabeça.*

*Você percebe que **não poderá contar com o Luca para nada. Que estará sozinha.***

Diz que, antes de ser mãe, você tem que aproveitar muito a vida. Ir nas baladas, namorar outros caras, terminar o ensino Médio e entrar na faculdade.

*Três dias depois, o Luca te telefona dizendo que tem o dinheiro. Você vai se encontrar com ele no refeitório e ele lhe dá um envelope. Diz que é para você telefonar para ele depois que tiver **resolvido o problema.***

4.2.10 Serviço de saúde

Algumas vezes o serviço de saúde realiza um atendimento adequado, outras vezes não, mas de uma forma ou de outra o serviço de saúde sempre está presente nas histórias como solução dos problemas relacionados à sexualidade. Entendemos que a presença dos serviços de saúde em todas as histórias atribui ao jogo uma perspectiva da sexualidade como um fator mais biológico, em detrimento de outras áreas.

História de Leo (HIV/Aids)

Em uma passagem da narrativa o rapaz procura o serviço de saúde na figura da assistente social e, neste caso, recebe acolhimento, esclarecimento. Ela explica sobre as alterações que ocorrem no corpo em decorrência do uso de medicamentos e como diminuir esses sintomas. Esta profissional não faz julgamento sobre o fato do jovem ter tido relações sexuais com a garota e, ainda, oferece preservativos.

***Você chega no serviço de saúde e pede para falar com a assistente social, a Inês. Logo ela aparece na sala de espera e te dá um abraço. Você vai até a sala dela e conta a história toda.** Você diz que está muito preocupado com Dalila e Inês pergunta se vocês estão namorando. Você diz que não, que foi só aquela transa mesmo. Inês te pergunta onde é que **ela** se trata e*

you diz que não sabe. A assistente social te explica que a lipodistrofia é uma alteração que ocorre no corpo das pessoas devido ao tratamento com alguns antirretrovirais. Você pergunta que alterações são essas e Inês explica que aumenta a gordura na região da barriga, dos ombros e do pescoço e que os braços, as pernas, as nádegas e o rosto perdem a gordura ficando bem magros. Você se dá conta que seu pai tem lipodistrofia. Inês te diz que não existe um medicamento que cure a lipodistrofia, mas algumas atividades físicas podem ajudar a definir os músculos e a perder gordura. Antes de se despedir, Inês te dá algumas camisinhas e uma revista sobre jovens vivendo com HIV e Aids. Ela também diz para você voltar lá sempre que quiser conversar com ela e que seria bom que, na próxima vez, você trouxesse a Dalila junto. Você agradece e vai embora.

História de Priscila (abuso sexual)

Em outra passagem da narrativa a menina procura o serviço de saúde na figura da assistente social e, neste caso, recebe esclarecimentos, porém não se sente à vontade de perguntar todas as suas dúvidas. Ela explica sobre métodos para evitar filhos e infecção por doenças sexualmente transmissíveis. Esta profissional não faz julgamento sobre a idade da adolescente.

*Você espera 30 minutos para ser chamada. Entra em uma sala e uma mulher de jaleco branco pergunta sua idade. Você mente dizendo que tem 14 anos. Ela pega uns folhetos e explica quais são os métodos para evitar filhos e diz que o melhor deles é o preservativo porque evita também a infecção de doenças transmitidas pelo ato sexual e a aids. A assistente social lhe pergunta se você tem dúvidas e lhe entrega alguns folhetos e um livrinho que fala sobre a primeira vez da menina. (...) **Você gostou de ter ido no posto, mas ainda sente falta de conversar com outras pessoas que possam responder todas as suas outras dúvidas.***

*A recepcionista pede um documento seu e diz que você só pode ser atendida se estiver com algum familiar e que o **posto não atende crianças e adolescentes desacompanhados.***

História de Beto (Paternidade)

Embora não tenha sido bem recebido nas vezes que tentou acompanhar a namorada nas consultas do pré-natal, o bom atendimento do serviço de saúde é apresentado na figura da ouvidora, uma mulher mais velha, que, neste caso, ouve e esclarece algumas coisas para o jovem. Além de ouvir as reclamações de Beto, a ouvidora promete apurá-las e também

informa sobre um grupo de futuros pais que acontece mensalmente no serviço de saúde, convidando-o a participar.

*Você está indignado com a forma como foi tratado no serviço de saúde. Acha incrível que, apesar dos seus direitos como pai, todas às vezes teve que brigar para conseguir participar da consulta junto com a Manu. Ainda por cima, teve que escutar a ginecologista dizer que não acreditava que os exames do pré-natal do homem eram necessários. Você resolve procurar o setor de reclamações do serviço de saúde e descobre que esse lugar se chama ouvidoria e que serve para receber e analisar as reclamações e as sugestões das pessoas que são atendidas naquele lugar. Você vai até lá e é recebido por uma **mulher mais velha**. Ela pergunta o que aconteceu para você procurar a ouvidoria e você conta que por duas vezes tentaram te impedir de participar do pré-natal da namorada e que você quer fazer os exames do pré-natal do homem e, assim, garantir que, se tiver algum problema, não vai passar para a companheira e nem para o feto. Também diz que quer assistir ao parto e quer ficar no hospital com a Manu depois do bebê nascer. **A ouvidoria diz que vai apurar as denúncias** e que em breve entrará em contato com você. **Te informa que naquele serviço, na primeira quinta-feira do mês, são promovidas reuniões com casais grávidos para troca de experiências, e para tirar dúvidas. Você agradece e diz que quer participar também dessas reuniões. Você sai de lá se sentindo o máximo.** Agora que você já sabe tudo isso, nunca mais será discriminado por ser jovem e por ser pai.*

História de Tiago (homossexualidade)

Em outra passagem da narrativa o rapaz e sua mãe procuram o serviço de saúde na figura do/a psicólogo/a e, neste caso, recebem acolhimento, esclarecimento. Ela explica sobre as diferentes orientações sexuais ressaltando que a homossexualidade não é uma doença. Além disso, informa sobre os grupos de mães que lutam pelos direitos dos filhos homossexuais. Esta profissional não faz julgamento sobre o fato de Tiago ser homossexual.

*Você chega no serviço de saúde com sua mãe. Ela preenche a ficha e diz que gostaria de conversar com um/a psicólogo/a. A pessoa que atende vocês pergunta qual é o problema e você diz que é pessoal. Vocês esperam durante algum tempo e depois vão para a sala da psicóloga. Ela pergunta o que trouxe vocês aqui e sua mãe rapidamente responde que você precisa de um tratamento psicológico porque está achando que é gay. A psicóloga pede para você contar o que está acontecendo e você conta que tentou transar com uma menina, mas que não conseguiu. Quando termina, sua mãe imediatamente pergunta se tem cura. **A psicóloga explica que gostar de alguém do mesmo sexo não é doença.** Sua mãe ainda insiste perguntando se tem algum tratamento para fazer você gostar de meninas e a psicóloga, novamente, diz que não. Quando sua mãe se acalma, ela*

explica que em toda a história da humanidade existiram pessoas que gostam de outras do mesmo sexo ou dos dois sexos. Diz ainda, que, cada vez mais as lésbicas, os gays, os bissexuais, as travestis e as transexuais estão buscando pelos seus direitos, inclusive os sexuais. Conta que tem um grupo de mães de homossexuais que se reúnem para discutir como apoiar seus filhos e defender seus direitos. Sua mãe não fala nada.

História de Rafaela (aborto)

Em outra passagem da narrativa a adolescente procura o serviço de saúde na figura da médica. Embora seja menor de idade e esteja sozinha, a jovem é bem atendida, a sala é limpa e a médica é simpática. A médica explica os exames que Rafaela terá que fazer e pede que o pai da criança venha até o posto de saúde para realizar exames. Esta profissional não faz julgamento sobre o fato de Rafaela ter engravidado sem planejamento ou por não ter utilizado métodos de contracepção.

*A recepcionista pergunta se você tem a carteirinha do SUS e você diz que sim. Ela pergunta se você está com alguém mais velho ou sozinha. Você diz que está só e pergunta se pode ser atendida assim mesmo. A recepcionista pede para você sentar e esperar um pouco. Algum tempo depois, ela te chama e você entra em uma **sala bem limpinha**. Uma **médica muito simpática** te atende e pergunta o que te levou lá no serviço. Você conta que fez o teste de gravidez da farmácia e que deu positivo. Ela te examina rapidamente e diz que você tem que iniciar o seu pré-natal. Marca um dia e uma hora na agenda para você fazer os exames. **Pergunta se você também quer fazer o exame para saber se tem o HIV, o vírus da AIDS**. Reforça que esse exame é muito importante porque, caso dê positivo, tanto você quanto o bebê terão um tratamento especial aumentando, assim, a possibilidade da criança não ter o vírus. **Pede que, se der, seria bom que seu companheiro também viesse, inclusive para fazer alguns exames também.***

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A discussão dos resultados apresentada a seguir está organizada em duas partes: “Apontamentos gerais sobre a proposta do jogo” e “Considerações sobre as questões levantadas nas categorias de análise temática”. Na primeira parte discute-se a proposta geral do jogo, bem como se discutem possibilidades de utilização que podem ser adequadas ou não dependendo do apresto do mediador. Na segunda parte são analisadas as diferentes categorias temáticas elencadas na análise do jogo e suas alusões teóricas.

5.1 Apontamentos gerais sobre a proposta do jogo

Diante da escassez de materiais didáticos, sobretudo jogos, destinados a trabalhar o tema sexualidade, consideramos inicialmente que o jogo “Em seu lugar” pode ser uma ferramenta importante para integrar um projeto de educação sexual formal. Além disso, “os jogos, em geral, e em especial os utilizados nas práticas educativas, tem como característica de se fixar imediatamente como fenômeno cultural. Mesmo depois de o jogo ter chegado ao fim, ele permanece como uma criação nova do espírito, um tesouro a ser conservado pela memória.” (Huizinga, 2000, p.11). Assim, o jogo “Em seu lugar” se apresenta como um material que pretende informar, sobretudo com relação aos direitos sexuais e reprodutivos dos adolescentes, de forma que estes conteúdos permaneçam vivos na memória dos jogadores.

É interessante observar que, nas diversas histórias do jogo, tal qual ocorre na vida real, os personagens encontram grande dificuldade de obter informações e tirar dúvidas sobre os assuntos relacionados à sexualidade, sendo que “os jovens discutem e aprendem sobre sexo numa espécie de submundo escolar, o ‘mundo proibido’, porque é lá que está o grupo de pares e o amigo íntimo” (Guimarães 1995 citado por Figueiró, 2009, p. 67). Assim, refletimos que mesmo que se ocultem informações, de alguma forma a educação sexual acontece dentro da escola, e se é assim então porque não aproveitar o tempo e o espaço escolar para falar abertamente sobre sexualidade já que se trata de um assunto de extremo interesse para os jovens?

Outro aspecto importante é o fato do jogo contextualizar algumas situações de vida bem próximas do cotidiano dos adolescentes e profissionais de saúde o que vai de encontro com autores como Figueiró (2009), que fala sobre a importância de

voltar nosso olhar para os relacionamentos cotidianos que levam as crianças e jovens a formarem uma visão positiva, ou negativa, da sexualidade e que, por conseguinte, vão formar a base das significações e das vivências pessoais, no campo da afetividade e da sexualidade. (Figueiró, 2009, p. 64).

Além disso, “Em seu lugar” pretende que os jogadores se coloquem no lugar dos personagens da história, exercitando a empatia e a solidariedade, assim como,

A capacidade de tornar-se outro e o mistério do jogo manifestara-se de modo marcante no costume da máscara. Aqui atinge o máximo a natureza "extra-ordinária" do jogo. O indivíduo disfarçado ou mascarado desempenha um papel como se fosse outra pessoa, ou melhor, *é* outra pessoa. Os terrores da infância, a alegria esfuziante, a fantasia mística e os rituais sagrados encontram-se inextricavelmente misturados nesse estranho mundo do disfarce e da máscara. (Huizinga, 2000, p.13)

Também se destaca como relevante o fato do jogo alocar os jovens como sujeito de direitos, exemplificando algumas situações na qual os direitos sexuais e reprodutivos dos jovens são ignorados, Furlani (2011) ao falar sobre as possibilidades didáticas em educação sexual, explica que os anos 1990 tornaram a criança um “sujeito de direitos”, incumbindo à escola promover a vivência de uma cidadania plena com a minimização da exclusão social.

Além disso, também se considera positiva a possibilidade de escolha, pois durante o jogo há alternativas de trilhar caminhos diversos, embora estes caminhos sejam até certo ponto limitados, cabendo aos jogadores decidirem o que acontecerá no final de cada história. A possibilidade de discussão, ainda que restrita, é vantajosa, pois permite o crescimento por meio da visão do outro e a criticidade construída com a argumentação. Porém uma visão realmente crítica só acontecerá se o jogo for mediado por profissionais bem preparados, com conhecimento amplo sobre o tema sexualidade e que, na medida do possível, consiga ser neutro e imparcial em suas explicações.

Embora seja um material interessante, é preciso ressaltar alguns aspectos importantes que podem induzir a entendimentos equivocados ou conceitos inadequados sobre a sexualidade. Assim, é necessário pensar sobre as motivações para as escolhas de cada história. Por qual(is) motivo(s) tais temas foram escolhidos enquanto outros assuntos importantes teriam sido deixados de lado? Há uma intencionalidade por trás de um material didático como este? Qual seria esta intencionalidade? A quem serve este tipo de material?

Por outro lado, a própria configuração do jogo apresenta estereótipos de gênero a começar pela cor das fichas que são rosa, lilás e laranja para as personagens femininas e tons de verde e azul para os personagens masculinos.

Além destas, o profissional que utilizará o jogo deve se atentar para outras questões, também importantes a fim de não reproduzir estereótipos ou normatizar algumas situações relacionadas ao gênero. Louro (2007), diz que “precisamos prestar atenção às estratégias públicas e privadas que são postas em ação, cotidianamente, para garantir a estabilidade da identidade “normal” e de todas as formas culturais a ela associadas.” (p.51)

Por meio desta análise, pode-se constatar, também que o jogo privilegia uma perspectiva biomédica. À medida que associa a sexualidade com problemas de saúde, indica que os mesmos devem ser sanados por meio do saber científico, representado no jogo pelas figuras dos profissionais de saúde. Assim, no jogo, os espaços de saúde, bem como as organizações não governamentais são mostrados como *lócus* privilegiado quando se trata do tema sexualidade, porém, sabemos que a educação sexual acontece ao longo da vida nos mais diversos contextos que também podem ser locais importantes para abordar este tema.

Acreditamos que, sem a devida discussão ao final do jogo, este tenha a tendência de oferecer modelos de conduta, colaborando com a ideia de que todos os jovens devam naturalmente vivenciar suas experiências da mesma forma, compartilhando mais uma vez um discurso que é proveniente do campo da biologia,

que produz uma abordagem essencialista e determinista, com ênfase nas mudanças corporais, na produção de hormônios e nas diferenças físicas entre meninos e meninas. Nessa perspectiva, a adolescência seria uma fase da vida biologicamente determinada, vivida de forma homogênea por todas as pessoas independentemente da cultura a que pertençam. (Quadrado, 2008, p. 47).

Por fim, entendemos o jogo como um material importante, porém que precisa ser mediado por um profissional bem preparado e atento. Um profissional que seja capaz de

preparar o aluno para atuar como mediador eficiente da sua Educação Sexual informal (como também é da formal) é uma proposta que coaduna com a concepção de aprendizagem e desenvolvimento sócio-construtivista, estabelecido por Vygostsky (1991), na qual o indivíduo aprende e participa de todo processo como um sujeito ativo. Assim sendo, a aprendizagem, que impulsiona o desenvolvimento, é construída pelo sujeito nas interações com as outras pessoas no contexto sócio-histórico-cultural, recebendo influência deste, ao mesmo tempo que o transforma, pois este é mutável e dinâmico. (Figueiró, 2009, p.68)

Sabemos que, uma educação sexual libertadora é aquela que coloca o educando como protagonista em seu processo educativo e assim se faz importante a utilização de materiais alternativos, a fim de buscar mudanças na educação tradicional que, em geral, é bancária na qual o educador simplesmente deposita seu conhecimento sobre o educando, impedindo-o de participar ativamente no processo. Compreendemos ainda o quanto é fundamental educar os jovens ensinando-os valores como igualdade, justiça, integridade e respeito, mas sabemos que

é mais importante ainda que eles tenham acolhimento, liberdade e espaço para tratar das suas questões mais controvertidas. Assim, é essencial reconhecer os jovens como sujeitos do seu próprio desenvolvimento, como pessoas capazes de se auto gerenciarem e

Discutir a sexualidade não a partir dos sistemas reprodutores porque como o nome já informa, os órgãos internos e externos serviriam para a reprodução, nem a partir de doenças sexualmente transmissíveis e da Aids, que situam a sexualidade na doença e na morte, mas debater a sexualidade a partir de questões éticas, sociais e históricas que possibilitem aos jovens pensarem nos seus relacionamentos, no prazer, na responsabilidade, na liberdade de escolha, na virgindade, nas drogas, nos arranjos familiares, nas relações entre homens e mulheres, nas diversidades sexuais, nos seus sonhos...(Ribeiro, 2008, pp.165-166)

Esta poderia ser a perspectiva da utilização dos jogos: falar de sexualidade de uma forma diferente, alterando a forma atual, na qual, na maioria das vezes se tem atitudes repressoras. Porém, entendemos que um bom material didático deva ser neutro, não apresentando a sexualidade somente de maneira biológica, com finalidade de reprodução ou prevenção de doenças e acima de tudo sem contribuir com uma inculcação de sentimentos ruins associados sobretudo à culpa e ao pecado.

5.2 Considerações sobre as questões levantadas nas categorias de análise temática

Em comum, observa-se que os trechos das histórias incluídos na categoria “Discurso contraditório”, se concentram na descrição inicial dos personagens principais. Em todas as histórias, a primeira ficha do jogo, destinada à apresentação dos personagens traz uma visão romantizada dos mesmos e das relações afetivas, como se antes do conflito ocorrer, fosse tudo bom e normal, no qual o sentido de “normal” se refere ao fato dos jovens estudarem, terem amigos e se interessarem por relacionamentos com pessoas de outro gênero, demarcando já uma visão heteronormativa nos interesses eróticos e afetivos da juventude.

As incoerências nascem conjuntamente com os conflitos que são sempre decorrentes do exercício da sexualidade. Sugere-se, assim, que se os personagens não tivessem se relacionado sexualmente, ainda mais, sem os devidos cuidados, suas vidas continuariam boas e “normais”. Ou seja, a alusão ao sexo de forma contraproducente, como causador de patologias e sofrimentos, pode se traduzir numa tentativa de controle da sexualidade, da mesma forma que, em tempos atrás,

a preocupação em diferenciar patologias de origem sexual levou os sexólogos a contribuir fortemente para o desenvolvimento de novas formas de controle da sexualidade, que nada tinham de naturais. Seus esforços se orientavam por um conjunto de preocupações políticas e morais voltadas a identificar toda sorte de ameaças que pudessem causar dano à saúde da família e, por extensão, à saúde da nação. (Simões, 2009, p. 171)

De um modo geral o jogo enfatiza somente os aspectos negativos da sexualidade. Situação recorrente nas diversas histórias: Leo, com AIDS, tem uma vida “normal”, porém quando transa pela primeira vez, surge a contradição e o sofrimento decorrente da possibilidade de ter sido reinfectado ou engravidado a parceira; Mariana, não se importa com o bullying que sofre devido a sua aparência, até que decide lutar pelos direitos sexuais e acaba sendo estuprada; Priscila é retratada como madura até que decide se relacionar sexualmente com um homem mais velho e Rafaela apresenta uma visão romantizada da maternidade, até que fica realmente grávida e não pode contar com o apoio do parceiro.

Além disso, a maioria das contradições aparece nas histórias em que os personagens principais são femininos. As duas histórias na qual não foram elencados trechos para esta categoria, História de Beto (Paternidade) e História de Tiago (homossexualidade), são histórias de personagens masculinos, podendo sugerir que os homens tenham menos consequências negativas ao se relacionarem sexualmente.

Quanto aos “comportamentos de risco e vulnerabilidade”, em geral, as histórias apresentam jovens numa destas situações. Poucas vezes se apresentam jovens conscientes, que se cuidam e se responsabilizam por sua saúde, sobretudo quando diz respeito à saúde sexual e reprodutiva, quando aparecem, os comentários são breves e não se evidencia o processo de educação sexual formal/informal ou até mesmo os locais na qual estes adolescentes adquiriram informações, seja na família, escola ou outras instituições.

Os comportamentos vulneráveis aparecem em diferentes contextos: Dalila teve relações sexuais desprotegidas em duas situações, além disso, arrisca sua saúde, deixando de tomar os medicamentos para evitar a lipodistrofia; Priscila, não deseja ter relações sexuais, mas acaba tendo uma relação desprotegida por insistência do namorado mais velho e Rafaela ignora o risco das DST's, utilizando apenas a tabelinha e o coito interrompido para prevenir-se em suas relações. Também não se discute a possibilidade das escolhas dos jovens sobre o uso do próprio corpo.

Em todos os casos, os jovens demonstram ter conhecimentos sobre as formas de prevenção, porém só buscam informações mais precisas após o conflito estar instalado na vida deles. Evidencia-se aqui que o conhecimento, por si só, não é garantia de que haja a prevenção. E que os comportamentos dos jovens são balizados por outros valores que

parecem ser mais contundentes na sua tomada de decisão como, por exemplo: o amor entre os parceiros que justifica a não utilização do preservativo, alguns pensamentos mágicos como: ‘a primeira relação sexual não engravida’ ou ‘isto não acontecerá comigo’, a preocupação com o corpo deformado pelo uso dos medicamentos, ressaltado pela figura feminina.

Também, é evidente que a maioria dos adolescentes demonstra preocupar-se muito mais com a gravidez não planejada, ignorando o risco das DST’s, assunto que acaba sendo pouco explorado nas narrativas. Sabemos que enfatizar assuntos como “gravidez não planejada”, faz a relação entre relação sexual e sua finalidade reprodutiva e também, para Furlani (2011) “essa ênfase na reprodução é a principal responsável pelo raciocínio de aceitar (como possível, como normal, como “natural”), exclusivamente o envolvimento sexual e afetivo entre pessoas do sexo oposto”. (p.73) Assim, a mesma autora acredita que além de dificultar o entendimento da sexualidade objetivando o prazer, se privilegia e legitima somente a vida sexual das pessoas no período reprodutivo, pessoas de sexo oposto e a prática sexual com penetração vaginal.

Além disso, o julgamento moral dos personagens principais acontece em todas as histórias sendo apresentado por diversas pessoas como funcionários das escolas, padre, profissionais da área da saúde, amigos e familiares.

Leo é julgado por sua infectologista e também pelo melhor amigo, além disso, sente-se muito culpado após conversar com um padre; Mariana é discriminada explicitamente pelo coordenador pedagógico da escola em relação à sua aparência física e, além disso, no hospital, o médico duvida do estupro e não prescreve a contracepção de emergência por motivos religiosos; Priscila é atendida de forma irônica pela pediatra que se recusa a atendê-la devido à pouca idade, a coordenadora do grupo de jovens da igreja reforça o tabu religioso que a mulher deve manter-se virgem antes do casamento, a amiga xinga Priscila de burra, os pais apresentam julgamentos morais, mesmo nunca tendo conversado sobre sexualidade e por fim, até a tia “ri” das dúvidas de Priscila; Beto é mal atendido na unidade de saúde, sendo ignorado por diversos profissionais e um amigo lembra as consequências negativas da paternidade na adolescência; Tiago, sofre julgamento da mãe que pensa nas consequências negativas para a vida do homossexual, o pastor deseja realizar sua “cura” como se homossexualidade fosse doença e os amigos o discriminam; Rafaela é julgada como irresponsável pela mãe, pela funcionária do serviço de saúde, enfermeira da empresa e pela melhor amiga que, assim como a mãe, acusa Rafaela de estar fazendo uma loucura ao desejar ter o filho ao invés de abortar.

Em geral ressaltam-se os aspectos negativos dos atos praticados pelos adolescentes, mostrando-os como irresponsáveis. Destacam-se comportamentos repressores, punitivos e

discriminatórios, especialmente nas histórias na qual o personagem principal é mulher. Ressalta-se o preconceito existente na sociedade de um modo geral, que é um fator gerador de culpa e sentimentos de menos valia entre os adolescentes. Como se os adultos que os julgam estejam livres de cometer os mesmos atos, ainda, de acordo com Simões (2009) “quem recrimina, porém, fala de uma posição de autoridade. Será que não devíamos também prestar atenção ao que as próprias jovens pensam sobre suas experiências?” (p. 162). Também, ao falar sobre juventude como uma fase contraditória, Castro (2009) reflete que ao mesmo tempo em que o jovem é associado ao futuro e à potencialidade de transformação, também,

é uma categoria social que normalmente limita os jovens a um espaço de subordinação nas relações sociais. Ou seja, independente da classe social, da cor da pele, do sexo, ser jovem significa estar associado a posições de subordinação, como a de ter de “obedecer” aos mais velhos, por exemplo. “Ninguém ouve a gente!” Essa é uma “queixa” recorrente entre os jovens. Podemos afirmar que “não ouvir os jovens” em espaços de decisão seria algo calcado na percepção de que a juventude não é séria, o que implica não levá-los em consideração nos momentos de decisão, seja na família, seja nos espaços coletivos de organização.” (Castro, 2009, p. 221)

Assim, quando se fala em jovens, no geral, as relações não são humanizadas, balizadas pelo respeito e pela empatia o que inviabiliza o diálogo construtivo e informativo, que poderia servir como momentos oportunos de orientação e direcionamento para comportamentos preventivos no futuro. Do mesmo modo, no caso dos profissionais envolvidos, tanto no serviço de saúde, quanto na escola, estes julgamentos, não deveriam ser anunciados visto que no exercício de suas funções, estes profissionais devam preservar o bom atendimento e uma postura ética e profissional.

Além disso, em todas as histórias são mencionadas relações familiares e, na maioria dos casos, os pais são divorciados ou por algum motivo, criam os filhos sozinhos, trazendo a ideia de uma nova organização da família tradicional. Embora seja um avanço, em nenhuma das histórias aparecem outras figuras cuidadoras como avós, por exemplo, que são tão comuns na educação das crianças da atualidade. Além do mais, todas as famílias são heteronormativas e, em geral, apresentam modelos de comportamentos socialmente esperados para o homem e para a mulher. Para Furlani (2011) “nas famílias contemporâneas, destacam-se também aquelas constituídas entre pessoas do mesmo sexo, favorecidas, principalmente, pelo contexto emergente de visibilidade, nacional e mundial, da homossexualidade, nos últimos anos” e ainda, para a mesma autora,

Numa educação sexual que busca problematizar a exclusão de diferentes identidades, é preciso incluir na discussão outras formas familiares, mesmo que elas não apareçam espontaneamente na

fala das crianças. Por exemplo, mencionar as famílias onde a(o) “chefe” – ou pessoa de referência – não é um homem; famílias com mulheres (e/ou homens) solteiras(os) com filhos(as); famílias com filhas(os) agregadas(os) de diferentes casamentos; famílias com filhos(as) adotados(as); famílias constituídas por mulheres ou homens homossexuais com filhas(os) legítimos(as) ou filhos(as) adotados(as); famílias onde os avôs e as avós moram junto, etc. (Furlani, 2011, p. 76)

Em nenhum caso aparecem jovens que procuram a família para sanar suas dúvidas a respeito da sexualidade, sendo que na maioria, a descoberta da sexualidade é permeada por tabus, mitos, preconceitos e atitudes repressoras, que evidenciam o despreparo dos pais para lidar com estas situações de forma mais libertadora. Em alguns trechos, os jovens são ignorados ou deixados de lado quando se trata de decisões que dizem respeito a eles mesmos.

No caso de Leo, o relacionamento parental aparece de modo positivo, quando se trata do menino com o pai e muito negativo, quando se trata da namorada com o pai. A figura materna não aparece na história. No caso de Leo, a mãe era morta e no caso de Dalila não se especifica; Mariana se relaciona com a mãe de modo positivo, sendo que a menina não conheceu o pai; Priscila se relaciona negativamente com o pai, que é nervoso e intransigente, porém a mãe se mostra mais calma, afetiva, e preocupada; Na história de Beto, o relacionamento parental aparece de modo positivo, tanto no caso dos pais de Beto, quanto no caso dos pais de Manu; Tiago é filho de pais separados e mora com a mãe que é sempre prestativa e disponível ao diálogo. No decorrer da história seu pai, que não tem diálogo, e constantemente insiste que o filho realize atividades que considera que reforçarão o comportamento masculino do menino; Rafaela apresenta bom relacionamento com o pai e péssimo, quando se trata da mãe.

É possível perceber que, em geral, todos os adolescentes apresentam pelo menos uma figura parental com comportamento mais afetuoso e preocupado, induzindo a uma normatização de que todo jovem sempre deva apresentar alguém em sua família com quem possa contar nos momentos difíceis. Não se levam em consideração que há jovens institucionalizados, outros cujos vínculos parentais não sejam tão bons, ou até mesmo aqueles que não tenham nenhum familiar disposto ou em condições de ajudar.

Dentre as seis histórias apresentadas no jogo, quatro enfatizam os apoios comunitários como locais privilegiados na educação sexual intencional. As organizações não governamentais são locais na qual ocorrem orientações, trabalhos preventivos, debates e encaminhamentos de problemas relacionados à sexualidade.

No jogo, as ONG's (organizações não governamentais) coincidentemente tem trabalhos específicos relacionados sempre ao problema enfrentado em cada história. Nelas o

adolescente pode conviver e se identificar com outros jovens que possam estar passando por situações semelhantes. Estes locais são apresentados sempre de forma muito positiva, com ótimo atendimento, na qual todas as dúvidas são esclarecidas e todas as informações são corretas e pensadas em relação aos direitos dos adolescentes, sugere-se que estes locais apresentam a solução para todos os problemas relacionados à sexualidade e os coloca acima de outras instituições. As ONG's também são mostradas como sendo de muito fácil acesso, como se existisse sempre uma perto da sua casa ou como se houvessem muitos apoios comunitários específicos em todas as cidades.

É interessante observar que, na maioria dos casos, estas ONG's são encontradas sozinhas pelos adolescentes, ou seja, os profissionais da saúde e da educação não indicam ou informam sobre a existência destes locais. No caso, Leo, através de pesquisa na internet, encontra uma ONG, na qual pode dialogar, esclarecer dúvidas, participar de dinâmicas e discussão sobre seus direitos; Mariana, encontra o apoio comunitário numa uma organização que trabalha com mulheres vítimas de violência; Priscila também procura uma ONG que fica próxima de sua casa a fim de conversar com outros jovens e participa de atividades relacionadas à educação sexual e Tiago conversa com Bianca, uma jovem lésbica que se oferece como companhia para irem juntos a uma ONG que trabalha questões sobre os direitos dos homossexuais.

Outro aspecto bastante relevante é que, em geral, as histórias deste jogo apresentam padrões sexistas e heteronormativos. São apresentados diversos comportamentos esperados para os homens e para as mulheres, como se estes comportamentos fossem naturais. Não se discute a possibilidade destes comportamentos serem aprendidos cultural e socialmente.

Em algumas das histórias, como as de Leo, Priscila e Rafaela se evidencia a preocupação com modelos de estética, sobretudo com o corpo feminino, ora deformado pelo uso dos medicamentos (para AIDS ou anticoncepcional), ora evidenciado pelo uso de vestimentas sensuais para agradar os homens. Podemos supor aí uma questão de gênero em que seria mais preocupante às mulheres lidar com o fato de romper com o padrão de estética e beleza vigente, assim, o mito do corpo perfeito. Além disso, de acordo com Furlani (2009), parece que as questões relacionadas a aparência física influenciam muito mais os jovens a serem inseguros. Estes sofrem devido às incertezas na autoestima, inexperiência na convivência e desconhecimento da sua própria sexualidade e da sexualidade do outro.

Por outro lado, no decorrer da história aparecem diversos comportamentos que seriam considerados de responsabilidade das mulheres e não dos homens, como, por exemplo, as questões de saúde, prevenção, gravidez e cuidado com os filhos. Os atendimentos de saúde

também são mais bem realizados por profissionais mulheres, e a mesma coisa acontece na escola, como se a delicadeza no trato e o acolhimento fossem características tipicamente femininas. Na história de Priscila o homem tem a possibilidade de ter outros relacionamentos enquanto que a mulher deve se privar de suas amizades ainda mais se forem do sexo masculino, ou seja, a mulher deve se esforçar para agradar o homem e não perdê-lo.

Na espécie humana o jogo do poder entre os sexos, construído na cultura e não nos atributos biológicos, define “quem deve agradar quem”. Parece-me que, na grande maioria das sociedades, mesmo que tenha havido grandes mudanças ao longo dos anos (especialmente nas sociedades ocidentais pós revolução sexual – década de 60 do séc. XX), é a mulher que, mais constantemente, no modelo heterossexual hegemônico de relacionamento, busca agradar o homem. Talvez um comportamento que encontre na cultura do casamento – que leva à procura de um marido provedor e na decorrente dependência econômica histórica dessa mulher ao mundo privado do lar – toda a sua lógica. (Furlani, 2009, p. 28)

O sexismo, entendido como o privilégio de um gênero em detrimento de outro aparece em quase todas as histórias. Na história de Mariana, os atendimentos realizados por homens (diretor e coordenador da escola, médico e policial) não são adequados, chegando a ser frios e impessoais. Já nas histórias de Beto e de Tiago, é possível observar comportamentos machistas, reforçados pelos amigos e pelo pai, que se sente orgulhoso do filho em relação ao fato de ter uma namorada. Ainda no jogo, outros comportamentos masculinos são apresentados como desejáveis como, por exemplo, entrar em sites pornô, conversar sobre futebol e mulheres, sair com prostitutas etc.

Neste sentido, como diz Soares (2008) o jogo, assim como os livros didáticos, ao apresentar os gêneros de forma distinta e desigual, podem contribuir para a construção e a manutenção das desigualdades de gênero, e para a construção de imagens estereotipadas de homens e mulheres.

Dentre as histórias, Mariana é a única mulher que rompe com estereótipo de beleza feminino e é justamente nisto que consiste a problemática desta história, afinal Mariana sofre bullying e chega a ser vítima de violência sexual, justificada por ter um comportamento não feminino. Tiago, por ser homossexual, também foge do estereótipo masculino sendo descrito como um menino certinho, estudioso, que não gosta de praticar esportes e adora teatro.

Além disso, se coloca como relevante, o papel da internet na busca por relacionamentos afetivos, bem como na resolução dos conflitos apresentados. Sabemos que cada vez mais a tecnologia e a internet tem se tornado fonte de pesquisas nos dias atuais e assim, o que é apresentado nas diversas histórias que compõe o jogo. Nelas, os adolescentes utilizam a rede como fonte de sua educação sexual, buscando informações e procurando sanar suas dúvidas.

As histórias não levam em consideração que a internet é um meio permeado por informações tanto corretas quanto incorretas e que os jovens necessitam de conhecimentos prévios, além de uma visão crítica a fim de conseguir discernir uma informação da outra. É como se as histórias sugerissem a internet como fonte de obter informação, porém sem levar em consideração as ideologias que possam estar por trás delas. Além disso, os jovens buscam relacionamentos virtuais, não se problematizando a necessidade de usar a internet para o estabelecimento de vínculos amorosos e sexuais o que acontece com Leo, que inicia um relacionamento afetivo por meio da internet, parecendo muito comum que um contato pela internet com alguém leve rapidamente ao sexo, no primeiro encontro, o que não sabemos ser uma ocorrência frequente e ou recomendável. Além disso, Priscila, uma garota de treze anos consegue “filtrar” as informações obtidas pela internet e entende a sexualidade como construção social. Beto, sem ter com quem conversar, busca informações na internet sobre a saúde sexual e reprodutiva do homem.

Além disso, é importante salientar que o jogo mostra os jovens lançando mão do uso da internet devido à dificuldade em ter diálogos francos com adultos que os possam orientar e da dificuldade de encontrar informações adequadas às dúvidas apresentadas acerca de sua sexualidade. A falta de informações se constitui num indício importante sobre o despreparo dos adultos que poderiam ser fontes de informação mais pessoais e afetivas dos que as mediadas pela tecnologia. Além disso, segundo Louro (2000), a falta de informação sobre sexualidade ocorre como uma tentativa de delongar a sexualidade e assim manter a inocência das crianças. A escola tem incentivado o silenciamento, a negação da curiosidade e dos saberes juvenis sobre tudo que diz respeito à sexualidade, sobretudo sobre as identidades e as práticas sexuais.

Em geral, os personagens das histórias apresentam avaliações internas negativas. Os principais sentimentos relatados são culpa ou medo. São comuns também os sentimentos relacionados à inadequação do jovem à norma, ou seja, aquilo que é considerado socialmente como correto. Desconsideram-se questões com a construção social destas normas e a culpa como reguladora das atitudes, sobretudo às relacionadas com o exercício da sexualidade.

A culpa é representada como um sofrimento por ter tido um comportamento reprovável, como uma frustração devido o personagem não agir da maneira como foi idealizado pelos pais ou pela sociedade. Ou seja, a sexualidade mostrada como uma fonte de sofrimento, angústia e desprazer, subentende-se que é melhor não fazer para não sofrer.

Na história de Leo, o jovem relata sentimentos de culpa diante da gravidez da parceira; Mariana, mesmo sendo a vítima na história, relata sentimentos de vergonha; Priscila apresenta

sentimentos confusos diante da primeira relação sexual e culpa diante do tabu relacionado à virgindade; Tiago relata sentimentos de medo e angústia por não poder revelar sua orientação sexual. Também se sente triste por ser discriminado e excluído; Rafaela menciona sentimentos de tristeza por querer ter o filho e angústia diante das pessoas que sugerem que ela faça o aborto.

Seria interessante se o jogo discutisse sobre os sentimentos de culpa mencionados acima, que podem levar a uma depreciação ou autopunição dos jovens e os danos destes sentimentos para quem talvez esteja apenas se iniciando em suas primeiras experiências da vida adulta.

Diante disso, os personagens usam o segredo e a mentira como estratégia de relacionamento, ou seja, apresentam dificuldade em assumir sua sexualidade, principalmente por sentimentos de culpa, medo da não aceitação social ou da discriminação, que os impede de exercer seus direitos, buscar abertamente por informações ou até mesmo viver sua sexualidade plena e com liberdade. A condição de esconder-se é fonte de conflito para os personagens, que acabam, por vezes, sendo vítimas de abuso físico, psicológico e moral à medida que se sentem inadequados em seu modo de ser e sentir.

Numa das narrativas, Leo que esconde de todos, sua condição de ter HIV, finge se relacionar sexualmente com mulheres para ser aceito pelo grupo. Tiago é outro personagem que esconde sua homossexualidade, sobretudo para não frustrar as expectativas do pai; Na história de Priscila, a mentira ou omissão da idade é uma condição para que a menina seja aceita tanto nos serviços de saúde quanto nas baladas na qual não seriam permitidos adolescentes com a sua idade. Neste caso a pouca idade é a desculpa para a menina não receba as orientações adequadas sobre sexualidade, o que a coloca em situação de risco. Fato semelhante ocorre com Mariana. A falta de importância dos adultos em relação ao bullying, acaba deixando-a em situação vulnerável. Em várias situações das narrativas, o mentir, o “não ligar” ou fingir que nada está acontecendo, são estratégias de enfrentamento, que acabam culminando em situações piores do que as iniciais.

Nas histórias em que o jovem assume o exercício de sua sexualidade, são mostradas somente as consequências negativas. Aliás, a gravidez é a principal consequência mencionada nas histórias, não sendo referidos em nenhum momento os aspectos saudáveis e prazerosos do exercício da sexualidade. No caso de Rafaela que tem sua vida sexual exposta diante de uma gravidez não planejada, é interessante que embora, Rafaela queira ter o filho, a maioria das pessoas com as quais convive mostra somente os aspectos negativos de ser mãe na adolescência. Os adultos intervêm para que a jovem opte pelo aborto. Entende-se que,

A gravidez e a paternidade na adolescência são hoje um drama social, pois impõem papéis adultos de pai e mãe, considerados incompatíveis com pessoas tidas como instáveis e imaturas. Mas não podemos dizer que as coisas sempre foram vistas deste jeito. Até algumas gerações atrás, não havia nada de especialmente espantoso no fato de jovens engravidarem logo no início de sua vida reprodutiva. (Simões, 2009, pp. 160-161)

Não se enxerga a jovem como, sujeito de desejos e capaz de tomar suas próprias decisões. Também não se problematiza as questões legais sobre o aborto ou as consequências negativas que este pode trazer à jovem.

Entendemos que seria interessante que o jogo pudesse esclarecer ou problematizar sobre a necessidade do ocultamento e o motivo pelo qual os jovens precisam lançar mão dessa estratégia, afinal a desconstrução social de algumas normas deveria ser um dos objetivos para uma educação sexual libertadora.

Em todas as histórias do jogo, os personagens procuram o serviço de saúde para obter tanto o esclarecimento das suas dúvidas, como o atendimento em si. Em alguns casos os personagens são bem atendidos por profissionais que informam e cuidam sem realizar julgamentos. Em outros casos o profissional de saúde atende mal, emite juízo de valor ou se omite em relação ao atendimento por se tratarem de pacientes jovens desacompanhados. Em duas histórias os pacientes são informados sobre a existência de grupos de apoio existentes nos próprios postos de saúde. No caso de Leo, este procura o serviço de saúde na figura da infectologista e da assistente social. A infectologista não apresenta um comportamento ético, porém a assistente social acolhe e esclarece sem fazer julgamentos; Priscila também procura o serviço de saúde na figura da assistente social e, neste caso, embora receba esclarecimentos, não se sente à vontade para tirar todas as suas dúvidas; Beto é ignorado pela médica ou não é bem recebido quando deseja acompanhar a namorada no pré-natal embora, nesta história o bom atendimento do serviço de saúde é apresentado na figura da ouvidora; Tiago e sua mãe procuram o serviço de saúde na figura da psicóloga e, neste caso, recebem acolhimento e esclarecimento; Rafaela procura o serviço de saúde na figura da médica e embora seja menor de idade e esteja sozinha, a jovem é bem atendida, a sala é limpa e a médica é simpática e não realiza julgamentos.

O jogo evidencia que, em geral, as questões ligadas à sexualidade ainda são tratadas de uma perspectiva biomédica, ou seja, as questões sobre sexualidade ficam condicionadas nos aspectos da anatomia ou fisiologia dos corpos em detrimento de outros aspectos. É importante salientar que o corpo é mais do que pura biologia e que é preciso voltar nosso olhar também para os aspectos históricos, culturais e as formas com as quais nos relacionamos.

Em geral, quando falamos no corpo humano, partimos de uma visão biologicista para explicar aquilo que acontece com e nele; amparamos-nos na sua fisiologia e anatomia, no seu micro funcionamento e constituição celular e genética. No entanto, ao voltarmos o olhar para nossa própria história, ou seja, as práticas sociais com as quais fomos nos relacionando desde que nascemos, veremos que o corpo é mais do que “pura” biologia como usualmente pensamos, particularmente quando falamos dele nas aulas de ciências. (Souza, 2008, pp. 54-55)

No jogo estas questões são deixadas de lado e a sexualidade ligada ao fator doença prevalece, supondo que a figura dos diferentes profissionais de saúde seja imprescindível quando se trata deste assunto.

Assim também, na escola

É, pois, pela *scientia sexualis* que nosso sexo é administrado, não pela força da lei, mas por discursos úteis e públicos, ou seja, pela norma. Assim, na escola, a ênfase é tratar a sexualidade por essa via, ou seja, pela aquisição de conhecimentos científicos (categorias e descrições) dos sistemas reprodutores e genitalidade – atributo biológico compartilhado por todos, independentemente de sua história e cultura. Neste sentido, os discursos científicos engendram a sexualidade como um atributo de natureza biológica, vinculada às características anatômicas – internas e externas – dos corpos, fixando nessas características a sexualidade e as diferenças atribuídas aos homens e mulheres. Nessa perspectiva, a sexualidade está filiada a uma tradição iluminista, segundo a qual o conhecimento científico tem um potencial libertador e emancipatório, o que coloca a escola como herdeira da *scientia sexualis* e não da *ars erótica*. (Ribeiro, 2008, p.164)

Para que o papel da escola na formação do cidadão crítico seja efetivamente realizada é preciso que se conteste o saber científico e o saber médico. Que se conheçam outros pontos de vista e assim cada sujeito possa optar pelo que considere adequado à sua realidade, fundada sempre no princípio do respeito a si mesmo e ao outro.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente, a educação sexual formal, enfrentou resistência e algumas dificuldades em sua implantação no contexto escolar. Balizada, pelos contextos políticos e econômicos, a educação sexual formal teve momentos de grande repressão e outros, nas quais foi sutilmente motivada, mas sempre com um viés de controle e dominação sobre o corpo e sobre os comportamentos. Na atualidade, a efetivação da educação sexual nas escolas ainda é permeada por preconceitos e mitos, sobretudo o mito de que de que falar sobre sexualidade seria o mesmo que incentivar a prática sexual. Entendemos que não falar sobre sexualidade num espaço que se destina à transmissão da cultura e a formação de sujeitos críticos, é um problema, porém, se constitui num problema maior ainda quando se fala sobre sexualidade de forma inadequada, preconceituosa ou reprodutora de estereótipos.

Além disso, sabemos que além da educação sexual informal, que acontece durante o percurso de vida dos indivíduos, a educação sexual formal também pode se constituir num meio importante de informação, esclarecimento de dúvidas e reflexão, sendo essencial os formadores busquem a neutralidade e favoreçam a autonomia dos indivíduos para que vivam sua sexualidade de forma prazerosa, com atitudes preventivas e saudáveis. Assim, entendemos a relevância dos jogos como recursos pedagógicos em processos de educação sexual formal e a análise específica do jogo “Em seu lugar: Um jogo para profissionais que trabalham adolescentes e jovens” procurou abranger suas possibilidades de utilização bem como oferecer informações teóricas e críticas para estudantes ou para os profissionais que serão mediadores na utilização deste jogo.

Outro aspecto a destacar é que a escola, microcosmo da sociedade, tende a equiparar seus alunos, estabelecendo padrões de conduta tidos como “normais” e ignorando, muitas vezes, que as pessoas são diferentes, tem histórias e gostos diferentes. Partindo-se da premissa da subjetividade do ser humano entendemos que é preciso falar sobre sexualidade na escola de maneira diversificada, possibilitando assim o acesso à informação ao maior número de pessoas, atendendo às suas singularidades. Procurando contribuir com uma formação que além de singular, seja crítica e reflexiva, a análise do jogo realizada neste trabalho oferece importantes subsídios a uma utilização mais apropriada do material.

De acordo com os objetivos iniciais deste trabalho, percebemos que foi possível colaborar com futuras propostas de educação sexual formal à medida que realizamos a descrição e a análise do jogo em questão, evidenciando a reprodução de alguns padrões

sexistas e de gênero, apresentando sexualidade de uma forma contraproducente à medida que a associa com doenças, numa perspectiva biomédica. Ou seja, observou-se que o jogo se baseia na questão da saúde/doença com ênfase nos tratamentos para as enfermidades relacionadas à vida sexual, priorizando a informação e as propostas preventivas com destaque para o conhecimento sobre funcionamento orgânico como se o corpo funcionasse como uma máquina.

Destarte, este trabalho procura situar as diferentes abordagens num mesmo patamar importância, sendo que aparentemente a escola fica incumbida de ensinar sobre sexualidade privilegiando uma concepção pedagógica que enfatiza o ensino e a aprendizagem podendo se dar através da discussão de valores, atitudes, preconceitos, dúvidas, sentimentos e emoções. Porém, outras concepções também são importantes e devem ser apresentadas pelos educadores, como é o caso da concepção religiosa que vincula sexualidade com amor, casamento e procriação, e da concepção política que entende a sexualidade ao contexto social, influenciando e sendo influenciada por este. Considerando que este material tenha sido encontrado numa escola pública, acredita-se que a mesma possa, e deva oferecer elementos para que outras abordagens sejam também discutidas e assim possam ser livremente elegidas, respeitando a individualidade de cada educando. Além da biomédica, as abordagens pedagógica, religiosa e política também possuem pontos de vista importantes e que contribuem sobremaneira para a formação global dos indivíduos. Cada uma a seu modo, oferece subsídios e acrescenta pontos de vista diferentes sobre a sexualidade cabendo a cada pessoa escolher a abordagem que corresponda aos seus condicionantes individuais.

Outro aspecto importante a ressaltar é a existência de poucos materiais didáticos que se destinem a trabalhar de uma forma mais lúdica e com uma expectativa mais emancipatória sobre o tema sexualidade, e quando encontramos um jogo com este fim e observamos que o mesmo aloca com supremacia o conhecimento científico e a visão biomédica, que prevalecem como se fossem perspectivas naturais, ideais e incontestáveis, ainda assim, acreditamos que, a forma pelo qual mediador vai aplicar o jogo, pode extrapolar estes limites buscando outras perspectivas, explorando o livre-arbítrio e o pensamento crítico dos jogadores.

Diante disso, sugerimos que, além das questões propostas no manual, ao final do jogo possa haver liberdade para serem abordados outros assuntos, sobretudo em relação às dúvidas apresentadas pelos jovens e até mesmo outros temas importantes como,

as identidades sexuais, ou seja, as distintas formas de experimentar prazeres e desejos corporais, com parceiros do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos, ou sem parceiros. Outro aspecto

a ser problematizado seriam as classificações homossexuais/heterossexuais, feminino/masculino, normal/anormal, puro/impuro, saudável/doente, entre outras que ordenam relações de identidade e diferença a partir de oposições binárias (Ribeiro, 2008, p. 166)

Além disso, já que o material pretende ser uma espécie de RPG (Role-playing game), assim como nas versões originais deste tipo de jogo, poderia estimular com maior ênfase a imaginação de quem joga, sem limitar o comportamento do jogador em histórias específicas e direcionadas. Seria interessante que o facilitador, em conjunto com os jogadores pudessem criar outras histórias, permitindo assim que os sujeitos possam trazer seus conhecimentos prévios, se orientando a partir de suas próprias experiências.

Revisitando o manual, notamos que os objetivos do jogo giram em torno de facilitar a percepção de profissionais da saúde e da educação sobre as dúvidas, as emoções e os receios que existem no imaginário dos jovens, exercitar a empatia e incrementar o conhecimento sobre os Direitos Sexuais e Reprodutivos. Diante da análise das histórias entendemos que as situações do jogo são restritas e direcionadas, exibindo as realidades básicas, possíveis de acontecer, mas que não oferecem espaço para novas possibilidades de entendimento da sexualidade, que enfoquem novas perspectivas relacionadas ao prazer, a alegria e a liberdade de escolha. Como já mencionado sentimos falta de outras situações e de personagens que apresentem a sexualidade numa perspectiva mais libertadora.

Entendemos ser básico e indispensável ter sempre um olhar crítico sobre os todos os materiais didáticos, sobretudo os que tratam do tema sexualidade, bem como a seriedade em conhecer o material e analisá-lo antes de sua efetiva utilização, sobretudo o emprego na escola que tem histórico de ser repressora e reprodutora dos papéis sociais, sem admitir contestação.

Ao finalizar este trabalho, cremos que embora tenha contribuído com a possibilidade de agregar o jogo em diversas propostas de educação sexual formal, se evidencia o quanto ainda se necessita evoluir quando se trata de materiais didáticos para trabalhar temas relativos à sexualidade, podendo-se indicar a importância de estudos futuros que visem a análise de outros jogos bem como a construção de novos materiais que beneficiem profissionais e estudantes, acerca da amplitude e diversidade que se coloca um tema como este, que perpassa a vida de todas as pessoas.

REFERÊNCIAS

- Arruda, S. et al. (2011). *Em seu lugar – Um jogo para profissionais que trabalham com adolescentes e jovens: Guia do Facilitador*. Rio de Janeiro: Instituto Promundo.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bogdan, R., & Biklen, S.(1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. (M. J. Alvarez, S. B. dos Santos & T. M. Baptista, Trad.). (Coleção das ciências da educação). Portugal: Porto Editora.
- Brasil, Ministério da Educação. (2000). *PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural orientação sexual*. Secretaria de Educação Fundamental, (2.ed., vol. 10). Brasília: DP & D: Ministério da educação.
- Brasil, Ministério da Educação. (2000). *PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual*. Secretaria de Educação Fundamental, (2.ed., vol. 10.2). Brasília: DP & D: Ministério da educação. Recuperado em 16 março 2013 de <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>.
- Castro, E.G. (2009). Juventude. In H.B. Almeida, J. Szwako (Orgs.). *Diferenças, igualdade*. (Coleção sociedade em foco: introdução às ciências sociais).(pp. 194-227). São Paulo: Berlendis & Vertecchia.
- Catonné, J.P.(1994). *A sexualidade, ontem e hoje*. (vol. 40). (Coleção questões da nossa época). São Paulo: Cortez Editora.
- Felizari, G. M. C. (1989). *Enfermagem escolar e educação sexual para adolescentes*. Dissertação de Mestrado em Enfermagem, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Figueiró, M.N.D. (1996, agosto). A produção teórica no Brasil sobre educação sexual. *Caderno de Pesquisa*. (98), 50-63.
- Figueiró, M.N.D. (2001). *Educação sexual retomando uma proposta, um desafio*. (2 ed.) Londrina, PR: UEL.
- Figueiró, M.N.D. (2004). Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola. Periódicos UDESC. Recuperado em 01 de março de 2015 de <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1323/1132>.
- Figueiró, M. N. D. (2006). *Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível*. Londrina, PR: Eduel.
- Figueiró, M. N. D. (Org.) (2009). *Educação Sexual: Em busca de mudanças*. Londrina, PR: Eduel.
- Figueiró, M.N.D. (2013). *Educação Sexual no dia a dia*. Londrina, PR: Eduel.

- Frison, L.M.B. (2000). Pesquisa como superação da aula copiada. In *III Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul*. Porto Alegre, RS: ANPED. Recuperado em 23 junho 2013 de http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2000/Aprendizagem_e_conhecimento/Mesa_Redonda_-_Trabalho/05_47_48_3M2402.pdf
- Foucault, M.(1993). *A história da sexualidade: A vontade de saber*. (11ª ed). Rio de Janeiro: Graal.
- Furlani, J. (2009). *Mitos e Tabus da sexualidade humana*. (3ª ed.). Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.
- Furlani, J. (2011). Educação sexual: possibilidades didáticas. In: Louro, G. L.; Felipe, J.; Goellner, S. V. (Org.). *Corpo, Gênero e Sexualidade - um debate contemporâneo na educação*. (7ª ed., pp. 66-81). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gil, A.C. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. (5ª ed). São Paulo: Editora Atlas.
- Guimarães, I. R. F. (1995). *Educação Sexual na escola: mito e realidade*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Huizinga, J. (2000). *Homo Ludens*. (4ª ed). São Paulo: Editora Perspectiva S.A.
- Kishimoto, T. M. (Org.) (2001). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. (5ª ed.). São Paulo: Cortez.
- Louro, G.L. (2000). Pedagogias da Sexualidade. In G.L. Louro. *O corpo Educado. Pedagogias da sexualidade*. (2. ed.). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Louro, G.L. (2007). Currículo, gênero e sexualidade - o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: Louro, G. L.; Felipe, J.; Goellner, S. V. (Org.). *Corpo, Gênero e Sexualidade - um debate contemporâneo na educação*. (3ª ed., pp. 41-52). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Maia, A. C. B. (2004). Orientação Sexual na escola. In Ribeiro, P. R. M. (Org.). *Sexualidade e Educação: aproximações necessárias*. (p.153-180). São Paulo: Arte & Ciências.
- Maia, A. C. B. (2005). Identidade e papéis sexuais: uma discussão sobre gênero na escola. In: Maia, A.C.B.; Maia, A. F. (org.). *Sexualidade e infância*. (Cadernos CECMCA nº 1, Faculdade de Ciências). (pp.66-83). Brasília, DF: MEC/SEF
- Maia, A.C.B. (2010). Conceito amplo de sexualidade. Psicopedagogia online. Recuperado em 12 de março de 2015 de http://www.psicopedagogia.com.br/new1_artigo.asp?entrID=1303#.VbVxjPIViko
- Maia, A.C.B. & Ribeiro, P.R.M. (2011). Educação Sexual: Princípios para a ação. Revista Doxa, 15 (1), 75-84.
- Maia, A.C.B., Navarro, C. & Maia, A.F. (2011). Relações entre gênero e escola no discurso de professoras do ensino fundamental. São Paulo: Psicologia da Educação, (v.32), 25-46.

- Maia, A.C.B., Eidt, N.M., Terra, B.M. & Maia, G. L. (2012). Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico cultural. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 17 (n. 1), 151-156.
- Meyer, D. G. (2003). Escola, currículo e diferença: implicações para a docência. In: Barbosa, R. L. L. *Formação de educadores: desafios e perspectivas*. (pp. 257-265). São Paulo: Unesp.
- Meyer, D. E. & Soares, R. F. R. (2004). Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. In: Goellner, S. V.; Louro, G. L. & Neckel, J. F. *Corpo, gênero e sexualidade*. (pp. 5– 6). Porto Alegre, RS: Mediação.
- Nunes, C.; Silva, E. (2000). *A Educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade além da transversalidade*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Oliveira, A. G., Pastana, M. & Maia, A. C.B. (2011). Padrões normativos de gênero em livros infanto-juvenis sobre educação sexual. *Revista de Psicologia da UNESP* 10(2).
- Quadrado, R. P. (2008). A adolescência como construção sociocultural e histórica. In: Ribeiro, P. R. C. et al (Org.). *Educação e Sexualidade: Identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceitos, homofobia, AIDS...* (2ª ed., pp. 47-53). Rio Grande, RS: Editora da FURG.
- Reis, R. K. & Gir, E. (2002). Caracterização da Produção Científica sobre doenças sexualmente transmissíveis e HIV/AIDS publicados em periódicos de enfermagem do Brasil. *Rev. Esc. Enferm. USP*, Ribeirão Preto, SP, 376-385. Recuperado em 23 de junho de 2013 de <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v36n4/v36n4a11.pdf>>
- Reis, G.V. dos & Ribeiro, P.R.M. (2004). A Institucionalização do Conhecimento Sexual no Brasil. (Cap. 2. pp. 27-71). In Ribeiro, P.R.M. (org). *Sexualidade e Educação: Aproximações Necessárias*. São Paulo: Editora Arte & Ciência.
- Reis, G. V. e Ribeiro, P.R.M. (2005). Sexualidade e Educação Escolar: Algumas reflexões sobre orientação sexual na escola. In: Maia, A.C.B.; Maia, A. F. (org.). *Sexualidade e infância*. (Cadernos CECEMCA nº 1, Faculdade de Ciências). (pp.34-45). Brasília, DF: MEC/SEF.
- Ribeiro, P.R.M.(1990). *Educação Sexual – além da informação*. São Paulo: EPU.
- Ribeiro, P. R. C.(2002). *Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental*. Tese de Doutorado - Ciências Biológicas: Bioquímica - Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Ribeiro, P.R.M. (2004). Os momentos Históricos da Educação Sexual na Brasil. (Cap. 1, pp.15-25). In P.R.M. Ribeiro (org). *Sexualidade e Educação: Aproximações Necessárias*. São Paulo: Editora Arte & Ciência.

- Ribeiro, P.R.M. (2005). Sexualidade Também tem História: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. In: Maia, A.C.B.; Maia, A. F. (org.). *Sexualidade e infância*. (Cadernos CECEMCA nº 1, Faculdade de Ciências). (pp.17-34). Brasília, DF: MEC/SEF.
- Ribeiro, P.R.C.(2008). (Re)Pensando outras possibilidades de discutir a sexualidade na escola. In: P. R. C. Ribeiro et al (Org.). *Educação e Sexualidade: Identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceitos, homofobia, AIDS...* (2ª ed., p. 161-167). Rio Grande, RS: Editora da FURG,.
- Ribeiro, P.R.C., Silva, M.R.S da & Goellner, S.V. (Org). (2009). Corpo, gênero e sexualidade. Composições e desafios para a formação docente. In Xavier Filha, C. *Educação para a sexualidade: Carregar água na peneira?* (pp. 85-103). Rio Grande, RS: Editora da FURG.
- Rodrigues, S. T. K., Amaral, C. B. de A., Giuzio, M. & Maia, A.C.B. (2010). O despreparo de professores diante da educação sexual e diversidade sexual na escola. *Psicopedagogia On Line*, Portal da Educação e Saúde Mental, 1- 8. Recuperado em 16 de fevereiro de 2015 de http://www.academia.edu/12736320/O_despreparo_de_professores_diante_da_educacao_sexual_e_diversidade_sexual_na_escola
- Sampieri, R.H., Collado, C.H. & Lucio, P.B. (2006). *Metodologia de Pesquisa*. (3ª ed.). São Paulo: Mcgraw- Hill.
- Santos, M.L.M. et al. (2001, julho/dezembro). Sexualidade na Adolescência. *Psikhê - R. Curso Psicol. Cent. Univ. FMU*. São Paulo, 30-37.
- Santos, V. dos. (2012, Julho-dezembro). Homossexualidade no ambiente escolar. *Ensino de Sociologia em debate*. *Revista Eletrônica Lenpes- PIBID de Ciências Sociais – UEL*, 2(1). Recuperado em 15 de fevereiro de 2015 de <http://www.uel.br/revistas/lenpespid/pages/arquivos/2%20Edicao/VANESSA%20SANTOS%20-%20ORIENT.%20CESAR.pdf>.
- Silva, O.M. da. (2002). Origens da Educação (sexual) brasileira e sua trajetória. Recuperado em 9 de fevereiro de 2015 de http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2002/GT.13/GT13_4_2002.pdf.
- Silva, F. F. & Magalhães, J. C. (2008). Descolad@s, divrtid@s, atrevid@s e diferentes: discutindo representações de gênero. In: Ribeiro, P. R. C. et al (Org.). *Educação e Sexualidade: Identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceitos, homofobia, AIDS...* (2ª ed., pp. 135-141). Rio Grande, RS: Editora da FURG.
- Simões, J.A. (2009). A sexualidade como questão social e política. In: Almeida, H.B.; Szwako, J. (Org.). *Diferenças, igualdade*. (Coleção sociedade em foco: introdução às ciências sociais). (pp. 150-193). São Paulo: Berlendis & Vertecchia.
- Souza, N. G. S. de (2008). O corpo como uma construção biossocial: Implicações no ensino de ciências. In: Ribeiro, P. R. C. et al (Org.). *Educação e Sexualidade: Identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceitos, homofobia, AIDS...* (2ª ed., pp. 54-63). Rio Grande, RS: Editora da FURG.

- Soares, G. F. (2008). Mulher e espaço escolar: Uma discussão sobre as identidades de gênero. In: Ribeiro, P. R. C. et al (Org.). *Educação e Sexualidade: Identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceitos, homofobia, AIDS...* (2ª ed., pp. 124-134). Rio Grande, RS: Editora da FURG.
- Vygotsky, L. S. (1984). *Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Werebe, M. J. G. (1981, fevereiro). Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, (36), 99-110.
- Werebe, M.J.G. (1998). *Sexualidade, Política e Educação*. Campinas, SP: Autores Associados.

APÊNDICE A - dados da pré-análise ⁷

História de Leo (HIV/Aids)

Contradição: representação da vida de um jovem com de HIV como uma “vida normal” e “incomum”.

No início da história, há uma afirmação que sugere que a vida de uma pessoa com HIV é igual a de demais pessoas e que, a despeito dos remédios e controle com exames, tudo o mais seria comum, mas isso é dito de modo romantizado e ideal. Além disso, o sentido de “normal” e igual a vida de outros jovens refere-se ao fato de estudar, ter amigos e se interessar por meninas, demarcando já uma visão heteronormativa nos interesses eróticos e afetivos da juventude. No entanto, em outra passagem da narrativa, vários apontamentos indicam uma vida complicada e diferente quando se vive com o HIV. Afinal, entendemos que lutamos pelos mesmos direitos, mas não é possível equalizar uma vida de um jovem com uma enfermidade como a Aids com outros jovens.

Todos os dias eu tomo um monte de remédios. Também sempre faço exames para ver como está a minha carga viral, isto é, um exame para contar o número de vírus que tem no meu sangue. Fora isso, minha vida é como a de qualquer outro adolescente. Ou na escola, faço lição de casa, tenho amigos e me interesso pelas meninas.

Dalila diz que está cansada de viver desse jeito e que quer ter uma vida igual a das outras meninas. Você ainda tenta convencê-la a procurar ajuda médica e psicológica, mas ela diz que, por enquanto, não vai fazer nada. Você fica muito preocupado com o jeito que ela está lidando com a infecção pelo HIV.

O Segredo e a mentira como estratégia de relacionamento

Em várias situações, o segredo de ser ter HIV é uma condição colocada pelo personagem para se relacionar com os amigos; no caso de relacionamentos amorosos, ele mente aos amigos que já teve uma namorada e vida sexual, para “não ficar mal”. Não se problematiza sobre essa necessidade, nem porque ele lança mão dessa estratégia. Além disso,

⁷ Todos os trechos das histórias indicadas nesta seção foram retirados das fichas do jogo e os grifos são de nossa autoria.

as consequências sobre esses comportamentos não aparece no decorrer da história: se isso é bom ou ruim, se é adequado ou não, se seria necessário ou não.

Não falo para ninguém que vivo com HIV. Quando falto nas aulas invento uma gripe ou uma dor de barriga. Eu já fiquei com algumas meninas, mas nunca namorei nem transei. Para não ficar mal na frente dos meninos, inventei que tenho uma namorada no interior e que a gente transa. Tenho um grande amigo chamado Alex. Nem ele sabe que tenho o vírus.

Vínculos amorosos e o uso da internet

Na história o personagem consegue se relacionar afetivamente com uma pessoa, por meio da internet. É curioso imaginar que se na vida real ele não conta sobre o HIV, nem com seu melhor amigo, num site de relacionamento ele foi capaz de contar sobre isso e, inclusive, saber sobre a positividade da garota. Não se problematiza a necessidade de usar a internet para o estabelecimento de vínculos amorosos e sexuais, já que ele é uma pessoa de muitos amigos. Além disso, parece muito comum que um contato pela internet com alguém leve rapidamente ao sexo, no primeiro encontro, o que não sabemos ser uma ocorrência frequente e ou recomendável.

*Você faz parte de vários sites de relacionamento. Uma boa parte do seu dia você fica conectado e conversando com adolescentes de todo o Brasil. Num desses sites você conhece Dalila. Ela tem 18 anos e vive com HIV como você. A diferença é que ela pegou o vírus de um namorado quando tinha 14 anos. **Vocês conversam sobre tudo: sexo, namoro, medicamentos, medos...** Hoje você chega em casa e, imediatamente, liga seu computador. Dalila está on-line e pergunta se você irá fazer alguma coisa mais tarde. Você diz que não e **ela propõe que vocês se conheçam ao vivo**. Você topa e marcam de se encontrar na casa dela no final da tarde. Você fica muito ansioso e pensa que seria mais fácil você namorar (e transar) com uma garota que também vive com o HIV. O tempo demora a passar mas, finalmente, está na hora de você sair e ir para a casa da Dalila. Quando você chega, ela abre a porta e te convida a entrar. **Ela diz que está sozinha em casa e vocês se beijam. Vocês se sentam no sofá, conversam muito e se beijam mais ainda. As carícias ficam cada vez mais íntimas e vocês transam. Vocês não usam o preservativo.***

Julgamento moral dos profissionais envolvidos

Quando a personagem procura o serviço de saúde, porque ele teve uma relação sexual desprotegida, sabendo que não deveria, mesmo sendo a parceira positiva também, ele relata sentir “culpa”, diante do medo da infectologista ficar “brava”. Apesar desta profissional aparecer como uma pessoa afetiva (porque o abraça e o conhece há tempos e gosta dele como se fosse um filho), ela realmente repreende o rapaz e se diz “decepcionada”, deixando –o ainda mais “arrasado”. Entendemos que essa não deveria ser uma postura do profissional que devem em qualquer situação, acolher, aconselhar, compreender e direcionar para comportamentos futuros preventivos.

Você está muito nervoso e sentindo muito burro por ter feito isso. Também sabe que sua infectologista vai ficar muito brava com você.

Você chega no serviço de saúde e logo é atendido. Quando você se encontra com a infectologista, ela te abraça e pergunta como você está. Você diz que está bem, mas que fez uma burrada. Ela pergunta o que e você conta. A infectologista fala um monte na sua cabeça: diz que trata de você desde bebezinho; que sempre te falou da importância de usar o preservativo em todas as relações sexuais; que gosta de você como de um filho e que está muito decepcionada. Ela diz que ainda não dá prá saber se você se reinfectou com outro tipo de HIV e marca um novo exame de carga viral para dali uns meses. Você sai do serviço de saúde arrasado.

Relacionamento com os pais

O relacionamento parental aparece de modo positivo, quando se trata do menino com o pai e muito negativo, quando se trata da menina com o pai. No caso do pai e do jovem Leo, há diálogo, cumplicidade e respeito. O pai acolhe e dialoga, mesmo diante do fato dele ter engravidado alguém. No caso da personagem Dalila, há um conflito com o pai que se repete em várias passagens da narrativa. A figura materna não aparece na história. No caso de Leo, a mãe era morta. No caso de Dalila, embora ela se refira as vezes aos “pais”; nada é mencionado sobre a figura materna, que entendemos ser importante no contexto que se insere a problemática.

Você chega em casa e seu pai já está lá. Você pensa em contar a ele sobre a besteira que fez, mas perde a coragem. Não quer lhe causar mais uma preocupação além das que ele já tem. Seu pai te olha e pergunta porque você está tão tenso. Você diz que é porque tem muita coisa prá estudar. Sr. Alfredo, o seu pai, conta que foi buscar o resultado do teste para saber o

número de células de defesa que tem no sangue e que deu baixo. Você sabe que isso é ruim e resolve que não vai mesmo contar pra ele nada sobre sua transa sem camisinha. Seu pai pergunta se você está bem e diz que sente falta de conversar mais com você. Seu pai chora e diz que não sabe como lidar com a situação de perder a esposa e ter que cuidar de tudo sozinho. Explica que se sente culpado pelo filho ter nascido doente e da esposa ter morrido tão nova. Vocês se abraçam e seu pai diz que, apesar de não ter muito conhecimento, quer ser um bom pai e cuidar de você. Você diz que quer cuidar dele também. Seu pai vai para a cozinha e você pensa que é melhor não falar nada pra ele por enquanto.

Você conta que transou com a Dalila, uma menina que também vive com o HIV, e que agora ela está grávida. Seu pai pergunta o que os pais dela acham disso e você diz que eles não sabem de nada. Você conta, também, que ela pediu para você arrumar dinheiro para ela fazer um aborto. Seu pai pergunta quanto e você diz o valor. Seu pai diz que gostaria de ter um neto e que, certamente sua mãe também gostaria, lá no lugar onde ela está. Diz ainda que, agora, a possibilidade de um bebê ter HIV é bem menor que no passado. Ele pergunta o que você quer fazer e você diz que não sabe. Tem hora que acha que o aborto é a melhor solução e que tem outras que você pensa que seria legal ser pai. Seu pai diz que, caso vocês resolvam ter um filho, a Dalila e o bebê poderão morar com vocês. Que onde comem dois, comem quatro. Você diz que vai conversar com a Dalila e fazer essa proposta.

Dalila responde que tudo está normal. Que o Sr. Lindomar, pai dela, continua chato e implicando com ela o tempo inteiro

Dalila diz que precisa do dinheiro o mais rápido possível porque está procurando um emprego, pois não aguenta mais morar com os pais.

Você insiste, Dalila diz que vai pensar no assunto mas, por hora, ela está mais interessada em arrumar um emprego e sair da casa dos pais. Diz que sua vida lá é um inferno com o pai o tempo todo dizendo que ela é uma vagabunda e que se infectou porque transou com meio mundo.

Ela também te conta que sua relação com o pai está cada vez pior. Que todo dia Seu Lindomar diz que ela é uma vergonha para a família.

Avaliação interna: sentimentos de culpa, angústia e dúvidas

O jovem relata sentimentos de culpa diante da gravidez da parceira que pensa no aborto por acreditar que seu filho(a) necessariamente vai nascer com HIV. Vive os conflitos

de modo interno e individual. Por mais que procure ajuda, coloca o problema como algo individual, pautado em sentimentos de culpa.

*O telefone toca e é Dalila. Ela conta que está grávida e precisa falar com você. Você fica **super mal** e vai ao encontro dela. Assim que você chega, Dalila diz que é para você arrumar dinheiro para ela fazer um aborto. Ela diz que não é louca de ter um filho que, provavelmente, terá HIV também. Você diz que não precisa ser assim. Que dá para fazer um tratamento durante a gravidez e depois do parto que faz com que a maioria das crianças se tornem soronegativas para o HIV depois que desenvolvem seus próprios anticorpos. Dalila diz que não vai arriscar nem 1% e que, definitivamente, não terá aquele filho. **Você se sente muito culpado por não ter usado a camisinha naquela única transa que teve na vida.***

Avaliação externa: julgamentos morais, religiosos e acusatórios

Diante da possibilidade do aborto, Leo, sente-se muito mal e um dos seus argumentos é a lembrança do padre de que aborto é um pecado e um crime. Mesmo sabendo desse julgamento, Leo procura a Igreja que não é uma prática frequente e nela reforça-se a postura da figura do padre julgar e punir pelo comportamento vulnerável do rapaz.

*Você se lembra, também, **das palavras do padre de que aborto é um pecado e é também um crime.***

*Você vai na igreja e procura pelo padre. Padre Antonio te recebe e diz que estava com muitas saudades de você, já que não lhe via na igreja há algum tempo. Pergunta sobre seu pai e você diz que ele está bem, apesar de ser um homem um tanto amargurado. **Você conversa com o padre sobre a transa que teve com Dalila. Padre Antonio te repreende por ter transado com Dalila antes de ter se casado com ela. Também te diz que devia ter usado o preservativo que, de acordo com o Vaticano, pode ser utilizado por pessoas que vivem com HIV para não infectar as outras. Você pergunta o que deve fazer caso Dalila tenha engravidado e ele diz que vocês devem ter o filho, pois o aborto é um pecado e um crime. O padre te passa uma penitência e, enquanto você tenta rezar, um monte de preocupações passam pela sua cabeça: e se Dalila estiver grávida? O que você vai fazer? E se o bebê também for soropositivo para o HIV? Como é que irá ganhar dinheiro para sustentar a família?***

Outra personagem que reforça o julgamento é o melhor amigo que, assim como o padre, acusa o rapaz e lembra as consequências negativas de seu comportamento.

Você se encontra com Alex e ele logo percebe que você está chateado. Ele pergunta o que foi e você conta que transou com uma garota sem camisinha. Alex diz que você fez uma besteira muito grande e que agora corre o risco de ser pai ou de ter se infectado por uma doença sexualmente transmissível ou pelo vírus da Aids. Você diz que sabe disso e que por isso que está com essa cara de enterro. Alex diz para você esperar uns três meses e ir ao posto fazer um teste para ver se tem HIV.

Comportamento preventivo na juventude

Em uma parte da história, o amigo, conta que ele tem vida sexual e tem comportamentos preventivos, mostrando um jovem esclarecido e preocupado com sua saúde sexual. Não aparece o contexto em que esse jovem recebeu esclarecimentos, nem formação na área, como diálogo na família ou orientações na escola.

Ele te conta que por duas vezes fez o teste anti-HIV. Uma porque não usou o preservativo na primeira transa e outra porque a camisinha rompeu. Alex conta, ainda, que da primeira vez foi sozinho ao posto fazer o teste e que não queriam fazer porque estava desacompanhado pelos pais. Só que, como Alex participa do projeto de educação de pares da escola, sabia que tinha o direito de fazer o teste sem ser acompanhado por um adulto. Você pergunta se ele foi sozinho também buscar o resultado e Alex diz que foi com o irmão. Seu amigo diz que se você quiser ele vai com você fazer o teste. Você agradece e lhe dá um tapinha nas costas.

Serviço de saúde que acolhe e esclarece

Em outra passagem da narrativa o rapaz procura o serviço de saúde na figura da assistente social e, neste caso, recebe acolhimento, esclarecimento. Ela explica sobre as alterações que ocorrem no corpo em decorrência do uso de medicamentos e como diminuir esses sintomas. Esta profissional não faz julgamento sobre o fato dele ter tido relações sexuais com a garota e, ainda, oferece preservativos.

Você chega no serviço de saúde e pede para falar com a assistente social, a Inês. Logo ela aparece na sala de espera e te dá um abraço. Você vai até a sala dela e conta a história toda. Você diz que está muito preocupado com Dalila e Inês pergunta se vocês estão namorando. Você diz que não, que foi só aquela transa mesmo. Inês te pergunta onde é que ela se trata e você diz que não sabe. A assistente social te explica que a lipodistrofia é uma alteração que ocorre no corpo das pessoas devido ao tratamento com alguns antirretrovirais. Você pergunta que alterações são essas e Inês explica que aumenta a gordura na região da barriga, dos ombros e do pescoço e que os braços, as pernas, as nádegas e o rosto perdem a gordura ficando bem magros. Você se dá conta que seu pai tem lipodistrofia. Inês te diz que não existe um medicamento que cure a lipodistrofia, mas algumas atividades físicas podem ajudar a definir os músculos e a perder gordura. Antes de se despedir, Inês te dá algumas camisinhas e uma revista sobre jovens vivendo com HIV e Aids. Ela também diz para você voltar lá sempre que quiser conversar com ela e que seria bom que, na próxima vez, você trouxesse a Dalila junto. Você agradece e vai embora.

Apoio comunitário como um ambiente favorável

Há um apoio importante encontrado no convívio com outros jovens com HIV. Leo encontra esse grupo por meio da internet e soa estranho que nenhuma profissional que o atendeu tenha indicado algum grupo parecido. Destaca-se como muito relevante o trabalho de educação sexual (oficinas sobre sexualidade e saúde reprodutiva) e a discussão sobre os direitos. Leo gosta de poder participar desses grupos e cita a infectologista e o pai como figuras impeditivas para seu exercício sexual sem culpa. Também, em outra passagem, relata como uma experiência muito satisfatória de diálogo, esclarecimento e apoio e que a impressão que tinha é que seria um lugar escuro, deprimente e focado apenas no tratamento e doença.

Você entra na internet e procura em um site de busca por jovens vivendo com HIV e Aids. Descobre que existem vários grupos de jovens que se encontram de vez em quando para conversarem sobre um monte de coisa e não só sobre a doença. Você descobre um grupo que se reúne uma vez por semana e que faz um monte de atividades interessantes como grafite, oficinas sobre sexualidade e saúde reprodutiva. Nessa busca, você descobre também que adolescentes e jovens vivendo com HIV e Aids tem os mesmos direitos que os jovens que vivem sem o vírus. Inclusive o de ter relações sexuais. Você se empolga com a possibilidade de fazer parte de um desses grupos e manda uma mensagem para os sites em que você mais se

*identificou perguntando como é que faz para participar do grupo. **Você se dá conta que, se depender da sua infectologista e do seu pai, você viverá sempre dentro de uma bolha e que você quer viver como qualquer outra pessoa. Também pensa muito em Dalila e na forma como ela está lidando com a situação, ou seja, ela não sabe ainda se está grávida e parou de tomar os remédios por conta dos efeitos colaterais que eles trazem.***

*Você chega em casa e abre o seu e-mail. **Duas das organizações de jovens vivendo com HIV e Aids responderam a seu e-mail. Você lê os e-mails e resolve ir na primeira delas porque trabalha com os direitos sexuais e os direitos reprodutivos de adolescentes e jovens que vivem com o HIV e Aids. Você responde agradecendo a resposta rápida e pergunta se você pode ir lá para conversar sobre uns problemas que você tem. Imediatamente, você recebe uma resposta de uma jovem chamada Lena dizendo que o melhor dia e horário para você ir lá é terça-feira à tarde porque tem reunião do grupo de convivência. Você responde que irá sim.***

*Você chega à **organização de jovens que vivem com HIV e Aids. Ao contrário do que você pensava, as paredes são pintadas de cores alegres e não tem nenhum cartaz falando de doenças. Só sobre prevenção, cuidados com a saúde e relacionamentos. Assim que você entra, uma jovem sorridente vem em sua direção e pergunta se você é Leo. Você diz que sim e fala que ela deve ser Lena. Ela ri e te leva para uma sala em que estão mais ou menos uns 15 jovens. Lena pede silêncio e te apresenta para o grupo. Os jovens dizem seus nomes e vocês sentam no chão em cima de almofadas coloridas. Lena diz que em todos os encontros das terças-feiras, a primeira coisa que fazem é dizer como se sentem naquele momento. Diz que cada um tem dois minutos para falar. Ela pergunta se você quer começar e você concorda. Você diz que neste momento está com duas preocupações na cabeça: a primeira é que ainda não sabe o resultado do seu exame de carga viral depois que transou com uma garota também com HIV sem camisinha. O outro, é que esse garota não quer mais tomar medicamentos por causa da lipodistrofia e que você acha que isso vai ser muito ruim para a vida dela. Lena diz que suas preocupações são importantes e que, depois, serão discutidas no grupo. **Você se sente totalmente acolhido pelo grupo. Fazia muito tempo que você não se sentia tão bem.*****

Preocupação com modelos de estética

A preocupação com o corpo deformado pelo uso dos medicamentos, ressaltados pela figura feminina- a garota tem medo de ficar com o copo feio enquanto nada é dito em relação ao garoto, nem que ele tem essas alterações no corpo, nem que se preocupa com sua beleza por conta disso. O pai, que teria essas deformações não aparece como uma queixa, nem como um problema estético. Podemos supor ai uma questão de gênero em que seria mais preocupante às mulheres lidar com o fato de romper com o padrão de estética e beleza vigente.

Enquanto terça não chega, você busca informações sobre a lipodistrofia, aquela doença que aparece quando se toma determinados antirretrovirais. Você vê nas fotos que realmente, o corpo da pessoa se transforma: os braços e as pernas ficam muito finas e a barriga fica muito grande. Pensa na Dalila que tem mais medo de ficar com o corpo feio do que nas doenças oportunistas que aparecem por conta da Aids. Você lê também, que fazer atividades físicas podem ajudar a diminuir o tamanho da barriga e aumentar os músculos dos braços e pernas. Pensa que, talvez a Dalila tope fazer alguns exercícios físicos com você. Agora que sabe disso, pensa em convidar seu pai para dar uma caminhada no parque no próximo final de semana. Faz muito tempo que não fazem nada juntos.

Você conta para Dalila o que descobriu sobre a lipodistrofia e ela diz que já sabe tudo isso, mas que não vai mesmo tomar os antirretrovirais. Diz também que odeia fazer atividades físicas e que quer viver os últimos anos de sua vida bonita do jeito que sempre foi.

Vulnerabilidade e não adesão ao tratamento

O comportamento vulnerável aparece na fala de Dalila quando ela conta que contraiu o vírus HIV porque teve relações sexuais com um parceiro que sabia ter HIV, mas que o amava. Do mesmo modo, já infectada, teve relações com Leo, HIV positivo, sem saber da reinfecção. É comum o contágio com relações sexuais desprotegidas, sem que um saiba da infecção por HIV do parceiro(a) o que não foi o caso desta personagem que não fez uso do preservativo, mesmo sabendo do parceiro ser infectado, numa relação com amor e também em outra relação sem amor (com alguém com quem tinha acabado de conhecer na internet). Ou seja, o amor que justifica sua falta de cuidado em uma relação não foi o argumento quando ela

reproduz o comportamento. A garota também arrisca sua saúde, pensando em parar de tomar os medicamentos para evitar a lipodistrofia.

Dalila te conta que, na verdade, transou com poucos caras. Conta, também, que sabia que o “M” vivia com HIV mas que o amava tanto que topou transar sem camisinha. Você lembra a Dalila que vocês também transaram sem camisinha e ela diz que foi porque você também vive com o vírus e ela não sabia nada sobre essa história de reinfeção. Você pergunta se ela está tomando os medicamentos e Dalila diz que não vai conseguir nunca arrumar um emprego caso fique com aquele corpo de quem toma os medicamentos. Que prefere morrer a ter lipodistrofia. Você quer muito ajudar a Dalila. Só que não sabe como.

Você se desespera quando percebe que Dalila não quer tomar os medicamentos. Tenta argumentar sobre a importância dela se cuidar e de se alimentar direito. Dalila fica brava e diz que você não é o namorado dela, que ela tem 18 anos e que é dona do próprio nariz. Diz ainda que já basta o pai pegando no pé dela e pede para você nunca mais procura-la.

O aborto como uma prática comum, de fácil resolução e sem riscos

O abortamento aparece como uma alternativa fácil: preço acessível, agendamento rápido, clínicas disponíveis, etc... Não se salienta a legislação vigente sobre o aborto legal e nem os trâmites desse procedimento que, no caso, não se enquadraria, daí a necessidade desta clínica ser clandestina. O pai aparece como um colaborador, na arrecadação do dinheiro para o aborto, mas em nenhum momento dialoga com a garota ou com a família dela e acaba sendo conivente com essa decisão. O fato de ela ter HIV diante de um procedimento de aborto também não aparece como uma problemática. Neste trecho da história, Leo teme o que está acontecendo e nada da narrativa direciona para um desdobramento do aborto em específico. Parece que esse tema, tão polêmico e importante de ser discutido entre os jovens, fica em segundo plano na história.

Dalila telefona para você perguntando se já tem o dinheiro para o aborto. Você diz que falou com o seu pai e que, se vocês resolverem ter o bebê, ele vai dar uma força. Dalila diz que já decidiu: que não quer ser mãe e que quer abortar. Você diz que vai arrumar dinheiro e que vai levar para ela em breve. Ela concorda e diz que tem pressa em se livrar desse problema. Você telefona para seu pai e pede pra ele tirar o dinheiro que sua mãe colocou na poupança. Seu pai pergunta se vocês decidiram

mesmo tirar o bebê e você diz que a Dalila não quer nem saber da possibilidade de ter o filho. Seu pai diz que vai levar o dinheiro à noite. Você telefona para a Dalila e ela diz que irá marcar o aborto para o dia seguinte. Você pergunta se ela quer que você vá junto e ela diz que sim. No dia seguinte, você vai com Dalila a uma casa e, chegando lá, ela vai para outra sala. Uma senhora que está sentada na recepção lhe diz que deve demorar, no máximo, uns 45 minutos. Você espera e espera. Já faz mais de uma hora que Dalila está lá dentro e até agora você não teve notícia nenhuma. Você teme que alguma coisa de ruim tenha acontecido com Dalila.

A história de Mariana (violência sexual/bullying/padrão de beleza)

Contradição: representação da vítima de bullying e exclusão como se não houvesse sofrimento.

No início da história, há uma frase que sugere que a pessoa vítima de bullying não apresenta nenhum tipo de sofrimento por ser diferente do padrão determinado para seu gênero, ou seja, os amigos dizem que ela precisa mudar seu jeito de ser e sua aparência física, chegando a agredi-la verbalmente, porém a personagem diz não se importar. Além disso, o fato de Mariana ter um namorado com o qual tem relações sexuais parece “normatizar” a conduta da menina, ou seja, embora a menina tenha gostos diferentes das demais, sexualmente ela se relaciona com homens, o que demonstra uma visão heteronormativa no interesse erótico e afetivo da jovem. No entanto, outras passagens da narrativa, vários apontamentos indicam uma identificação com outro adolescente que sofre por ser excluído, e o desejo de lutar pela igualdade de gênero, diversidade sexual etc.

*Alguns dos rapazes da escola vivem me enchendo a paciência. Dizem que sou sapatão, que meu cabelo é ridículo e outras besteiras do tipo. As minhas amigas, por sua vez, implicam com meus piercings e dreads. Dizem que eu preciso ser mais feminina. **Eu não dou a mínima.***

*Jonas chutando suas pernas. Também lhe veem à cabeça, algumas imagens da turma do Jonas te chamando de maloqueira e de sapatão. Mesmo achando essa turma um bando de idiotas, **você percebe que se incomoda com esses xingamentos.***

*Diz para todo mundo ouvir que não é desse jeito que se resolve os conflitos. Você aproveita a deixa e diz que **ninguém tem o direito de desrespeitar outra pessoa só porque ela é diferente da maioria.** Alguns alunos te vão. A professora manda que eles se calem e que cada um siga seu rumo.*

Na hora você percebe que vive uma situação de bullying. Pergunta ao Caio o que vocês podem fazer para acabar com essas situações. Ele diz que seria legal pensar em mobilizar um grupo de alunos, professores e famílias para desenvolver algumas atividades voltadas para a igualdade entre os gêneros, etnias, diversidade sexual etc. Você adora a ideia e vai para casa planejando o que fazer.

Situação de violência – enfrentar, prevenir ou ignorar

Em várias situações, o “não ligar”, aparece como estratégia de enfrentamento de violência na escola, que acabaram culminando em situações piores do que as iniciais. A protagonista parece ser a única que se preocupa em adotar alguma medida preventiva contra a violência na escola, porém suas ideias não recebem apoio, sobretudo da polícia ou dos responsáveis pela gestão da escola.

Eles impedem sua entrada e falam um monte de desaforos. Te chamam de vadia, de sapatão, de dedo-duro. Você finge que não é com você e tenta entrar na escola.

Sugere que o grêmio promova algumas ações na escola para enfrentar as situações de violência que acontecem no dia-a-dia. Marta diz que todo ano, o grêmio organiza uma atividade no dia 10 de dezembro, o Dia Nacional dos Direitos Humanos. Você diz que acredita que essas atividades têm que acontecer o ano todo.

Todo mundo te fala que o melhor seria você ter ficado calada. Você resolve ir na sala da diretora denunciar que foi ameaçada pelo Jonas e sua turminha. A diretora recebe você a contragosto e escuta o seu relato sorrindo. Quando você termina, ela lhe diz que “cão que ladra não morde” e que o melhor que você tem a fazer é fingir indiferença. Você não se convence de que essa é a melhor forma de lidar com esse problema.

Julgamento moral dos profissionais envolvidos

Quando a personagem procura o coordenador pedagógico da escola para falar sobre a briga e sugerir a realização de um projeto contra a violência, além de não ser bem atendida, o próprio coordenador tem uma atitude discriminatória ao fazer uma observação sobre o cabelo e os *piercings* da menina.

Além disso, no hospital, mãe e filha são mal atendidas pelo médico, que acaba duvidando sobre a relação sexual ter ocorrido através de violência, além de se recusar a prescrever a contracepção por motivos religiosos.

Entendemos que não houve uma postura profissional, nem do coordenador da escola e muito menos do médico. O coordenador tinha o dever de ouvir, discutir e incentivar o envolvimento dos alunos em projetos preventivos e o médico deveria acolher o sofrimento,

compreender e acreditar no relato da adolescente, oferecendo-lhe os medicamentos necessários.

*O prof. Flavio te encara e diz que o papel da escola é ensinar bons modos para seus filhos. **Ele olha para você com uma cara de nojo e pergunta o que seus pais acham do seu cabelo e dos seus piercings.** Você diz que não tem pai e que sua mãe te acha linda do jeito que é. Ele pede para você se retirar da sala.*

*Você resolve ir na sala da diretora denunciar que foi ameaçada pelo Jonas e sua turminha. **A diretora recebe você a contragosto** e escuta o seu relato sorrindo*

*Sua mãe, diz à recepcionista que você sofreu uma violência sexual e pede para ela dar um jeito de você ser atendida o mais breve possível. A recepcionista **te olha com uma cara de pena** e diz que vai ver o que é possível fazer. Uma hora e meia mais tarde você é atendida por um médico que está de plantão. Você é examinada e **o médico pergunta se você foi mesmo estuprada** já que não exibe sinais visíveis de que tentou se defender. Você diz que tomou banho e que não conseguiu se defender porque seguraram suas pernas e braços. Sua mãe perde a paciência e diz que o papel dele como profissional da saúde é examinar você e disponibilizar a pílula do dia seguinte e o coquetel de medicamentos para ela não se infectar com nenhuma doença sexualmente transmissível. O médico ainda retruca dizendo que **a religião dele não permite que ele prescreva a contracepção** de emergência.*

Relacionamento com os pais

O relacionamento parental aparece de modo positivo, quando trata da menina com a mãe. A figura paterna não aparece na história, sendo mencionado apenas na primeira ficha, que explica que a personagem não conhece o pai. No caso da mãe da jovem Mariana, há diálogo, amor e respeito. A mãe acredita na filha, cuida, defende e se prontifica sempre em ajudá-la.

*Vivo em um apartamento com minha mãe. **Conto tudo o que acontece comigo para ela e nós nos amamos.** Minha mãe trabalha em uma confecção de roupas femininas.*

*Você se desespera e resolve voltar para sua casa. Sua mãe ainda não voltou do supermercado e você decide tomar um banho para tirar todos os resquícios da violência que sofreu. Terminado o banho você vai para o seu quarto e se deita. **Sua mãe chega, bate na porta e entra. Ela percebe que você não está bem, mas você não tem coragem de dizer o que lhe aconteceu.** Diz que está com dor de cabeça e **sua mãe sai para lhe preparar um chá.***

Enquanto sua mãe prepara um lanche, diz que está pensando em conversar com a mãe de Tiago sobre a violência que ele sofreu. Pergunta se você quer ir junto com ela. Você diz que não está a fim. Que acha que isso não vai adiantar nada. Sua mãe replica que o que aconteceu com Tiago hoje pode acontecer com outros alunos e que as famílias precisam fazer alguma coisa.

Você é examinada e o médico pergunta se você foi mesmo estuprada já que não exhibe sinais visíveis de que tentou se defender. Você diz que tomou banho e que não conseguiu se defender porque seguraram suas pernas e braços. Sua mãe perde a paciência e diz que o papel dele como profissional da saúde é examinar você e disponibilizar a pílula do dia seguinte e o coquetel de medicamentos para ela não se infectar com nenhuma doença sexualmente transmissível.

Avaliação interna: sentimentos de medo, vergonha, angústia e dúvidas (fragilidade da figura feminina)

Embora seja a vítima, a jovem relata sentimentos de vergonha e dúvidas diante do abuso sexual. Vive os conflitos de modo interno e individual. Por mais que procure ajuda, coloca o problema como algo individual, pautado em sentimentos de culpa.

*Você está morrendo de **medo**, mas não demonstra.*

*No caminho você diz para sua mãe que não quer ir à polícia. Tem **medo** que os policiais te tratem mal e que, do mesmo jeito que o médico, não acreditem no que você tem para contar.*

*Você sai da escola **sem saber muito bem o que fazer**.*

*Você resolver ir até a casa da Suzana. Chegando lá, **você cai no choro** e conta tudo o que aconteceu. Ela te consola e pergunta se você está tomando pílula. Você diz que não, que com o seu namorado só usa camisinha. Suzana diz, então, que ela precisa tomar a pílula do dia seguinte e que pior do que ser estuprada é engravidar do estuprador. Você diz que de jeito nenhum quer ir ao posto de saúde. **Que tem vergonha**.*

*Você diz que **não sabe o que fazer**, que todo mundo na escola está sabendo do estupro e que você **nunca mais quer voltar lá**. Diz também que tem **medo** de ter engravidado ou de ter se infectado com alguma doença.*

*Você conta que sofreu uma violência sexual e diz que **nunca se sentiu tão perdida e frágil** na vida. Que você tinha muitos planos e que agora **acha que sua vida acabou**.*

Comportamento preventivo na juventude

Embora Mariana não tome contraceptivos orais, ela demonstra ter comportamentos preventivos, pois utiliza camisinha em todas as relações sexuais. Assim, mostra-se uma jovem esclarecida e preocupada com sua saúde sexual. Não aparece o contexto em que esta jovem recebeu esclarecimentos, nem formação na área, como diálogo na família ou orientações na escola. Embora fique implícito que a escola não trate destes assuntos e que a jovem conversa bastante com a mãe.

*Tenho um namorado também skatista e a gente se dá muito bem. Estamos juntos faz uns 8 meses e começamos a transar logo que nos conhecemos. Eu já tinha transado com outro cara e ele com outra menina. **Usamos sempre camisinha.***

*Você sabe que, depois do estupro, pode ter outras complicações como a de engravidar já que **não toma anticoncepcionais orais** ou pegar uma DST.*

*Você resolver ir até a casa da Suzana. Chegando lá, você cai no choro e conta tudo o que aconteceu. Ela te consola e pergunta se você está tomando pílula. **Você diz que não, que com o seu namorado só usa camisinha.***

Apoio comunitário como um ambiente favorável

O apoio comunitário é representado por uma organização que trabalha com mulheres vítimas de violência. Nesta organização, além de ser muito bem atendida, a protagonista recebe apoio e informações sobre violência masculina, responsabilidade social e atitudes que devem ser tomadas por mulheres vítimas de abuso.

*Lembra-se que viu um cartaz que falava de uma organização que trabalhava com mulheres que sofriam violência. Pega um ônibus e resolve ir até essa organização. Quando chega lá, **é super bem recebida.***

*A ativista da organização, diz para você que todos os dias muitas mulheres sofrem esse e outros tipos de violência. Que, para mudar essa situação, **é preciso que as mulheres que sofreram situações de violência denunciem os homens que foram violentos.** Diz, também, que nenhum homem nasce violento, que eles aprendem a ser assim e que, portanto, **cabe a toda sociedade mudar a forma como se educa os homens.** Sugere que você telefone para sua mãe e que peça para ela vir até a organização. Quando ela chegar, a ativista diz que **vocês duas vão conversar com sua mãe e que, depois, irão até o hospital do bairro para você ser examinada e receber os cuidados a que tem direito.***

Cultura machista

Observa-se que no decorrer da história Mariana é atendida por muitos homens (diretor e coordenador da escola, médico e policial) e em todos os casos estes homens apresentam comportamento frio, não realizando um atendimento adequado. Em geral, a protagonista só é bem atendida nos lugares em que contou com o atendimento realizado por mulheres, como se a fineza no trato e a gentileza fossem características tipicamente femininas.

*No caminho você diz para sua mãe que **não quer ir à polícia. Tem medo que os policiais te tratem mal e que, do mesmo jeito que o médico, não acreditem no que você tem para contar. Sua mãe diz que isso pode ocorrer, mas o que o Jonas e sua turma fizeram com você foi um crime que não deve ficar impune.***

*Quando chega lá, **é super bem recebida. Te levam para uma sala e, em seguida, uma mulher vem ao seu encontro. Ela fecha a porta e pergunta o que te levou a ir até lá.***

*Vocês chegam na Delegacia da Mulher e **você percebe que só tem mulheres trabalhando lá. Se sente bem mais confortável. Sua mãe conversa com uma policial e logo você é chamada para registrar sua queixa e fazer um Boletim de Ocorrência. A delegada a recebe e você conta toda a sua história. A delegada diz que você é uma pessoa muito corajosa e que seria muito bom se todas as mulheres que sofressem violência fizessem o mesmo que você***

Padrões heteronormativos

Alguns trechos da história aparecem padrões de comportamento típicos de cada gênero como se fossem comportamentos naturais do homem ou da mulher. Somente uma frase no final discute a possibilidade do comportamento agressivo masculino ser aprendido.

*Diz, também, que **nenhum homem nasce violento, que eles aprendem a ser assim e que, portanto, cabe a toda sociedade mudar a forma como se educa os homens.***

*Você, então, **propõe fazer uma chapa só de meninas para assumir o grêmio na próxima gestão. Suas amigas te olham e dizem que você está louca e que é preciso convidar uns meninos para fazer parte da chapa porque eles tem mais jeito para tomar decisões.***

Você conta a conversa que teve com o coordenador e que ninguém deu muita bola para o ocorrido. Alguns professores, inclusive, falaram que

aquilo era coisa de meninos e que não era nada sério. Era só uma brincadeira sem graça.

As minhas amigas, por sua vez, implicam com meus piercings e dreads. Dizem que eu preciso ser mais feminina.

A história de Priscila (abuso sexual)

Contradição: Uma menina de 13 anos madura e sensata x ingênua e insegura.

Embora Priscila tenha 13 anos, em alguns momentos da história ela é retratada como madura, decidida, capaz de buscar informações sozinhas, porém em outros trechos a menina é retratada como ingênua e vulnerável. Se por um lado ela vai sozinha até a ONG, por outro ela não acredita na informação recebida a respeito do estupro. Além disso, acredita que o ciúme de Marcelo represente o amor que sente por ela.

*Você pergunta se elas já ouviram falar de uma lei que pune os homens com mais de 18 anos que transam com meninas com menos de 14 anos. Manu diz que nunca ouviu falar dessa lei e que, se existe, ninguém dá a mínima. Conta que conhece um monte de cara que transa com menina com menos de 14 anos e que nunca soube que eles foram para a cadeia. Jô diz que **o que importa é a maturidade e que você é muito madura para sua idade.***

Você fica com medo** e dá uma desculpa para Marcelo. Diz eu hoje não vai dar nem para conhecer o apartamento dele nem levar a calça nova para casa. **Algumas imagens vem à sua cabeça e, de repente, você se acha muito nova para ter um namorado como ele.

*Assim que ela olha para você percebe que algo não vai bem. Você conta sobre o Marcelo e a proposta que ele lhe fez. Diz também que o namorado tem 27 anos. Sua tia leva um susto quando você fala da idade do Marcelo. Diz que não é certo um cara da idade dele namorar uma menina tão nova. Ela te abraça e diz que ficou muito feliz por você confiar nela. **E mais feliz ainda por perceber como a sobrinha cresceu e está se transformando em uma mulher sensata e maravilhosa.***

*Quando você vai se despedir do Rodrigo, ele pede para você esperar um pouco que quer conversar com você. Diz que não é certo um cara de 27 anos namorar uma menina de 13 anos. Você pergunta porque e se assusta quando ele diz que quando um cara com mais de 18 anos tem relação sexual com uma menina de menos de 14 anos, isso é considerado um estupro. **Você não sabia disso e tem dúvidas se é verdade. Pensa que pode ser que o Rodrigo esteja a fim de você e que inventou isso para você terminar com o Marcelo.***

Você procura por suas amigas e lhes conta sobre a atitude de Marcelo. Diz que ficou feliz porque ele falou que é seu namorado e que tem muito ciúme de você. Você acha que ter ciúme é sinal de amor. Jô diz que ciúme é legal mas que quando é muito é outra coisa: é posse. Diz ainda para você tomar cuidado senão ele vai querer mandar em você. Manu suspira e diz que está com inveja de você. Que queria ter um namorado também.

Dificuldade em obter informações e tirar dúvidas

A história ressalta que é a adolescente que precisa ir atrás de esclarecer suas dúvidas e o faz buscando informação com diferentes pessoas e em diversos lugares como biblioteca da escola, posto de saúde, internet, com amigos, professores etc. Percebe-se em alguns trechos a dificuldade que a personagem encontra para conseguir esclarecer suas dúvidas.

Consideramos que estas informações deveriam ser bem mais acessíveis e naturalmente oferecidas em todos os lugares como na família, nos livros e na escola, por exemplo.

Você chega na escola e vai direto para a biblioteca. Lá procura um livro que fale sobre sexo e a primeira vez. Descobre que nos livros que tem na escola só tem figura de partes do corpo do homem e da mulher ou só falam sobre gravidez na adolescência e doenças. Nem uma palavra sobre a primeira vez nem sobre ficar.

A professora escreve o endereço eletrônico de uma organização não governamental e passa para você. Você agradece e diz que irá pesquisar. Só que você não tem computador e internet em casa e não vai dar para usar o da escola porque ele só é liberado para fazer os trabalhos da escola.

Ao chegar na escola, você encontra a professora Berenice e pergunta para ela porque é que na escola não tem nenhuma disciplina que fale sobre sexo e que seria legal se existisse um espaço para as adolescentes falarem sobre isso. A professora diz que esses temas só são falados no Ensino Médio, porque os pais e mães podem reclamar quando se fala sobre esse assunto com alunos com menos de 14 anos. Você fica muito irritada e diz para a professora que no ano passado uma aluna de 12 anos “desapareceu” da escola e que todo mundo sabe que foi porque ela engravidou. A professora diz que entende o que ela diz, mas que teme que falar sobre esses assuntos possa estimular o início da vida sexual precoce das adolescentes. Você agradece e sai pensando “muito obrigado por nada”.

Em um trecho da história fica claro também que a menina nunca teve informações sobre sexualidade em sua casa, e muito menos abertura para conversar este assunto com a mãe.

Você nunca conversou sobre sexo e namoro com sua mãe. Quer dizer, ela conversou com você quando chegou sua menstruação. Mesmo assim, ela só

lhe disse para pedir dinheiro uma vez por mês para comprar absorventes e que agora você teria que tomar muito cuidado porque já poderia engravidar.

A internet como fonte segura de informações

Com a dificuldade de obter informações, em uma das passagens a adolescente consegue “filtrar” as informações obtidas pela internet e entender a sexualidade como construção social. O jogo não se aprofunda sobre a possibilidade do jovem encontrar informações distorcidas na internet e sobre a dificuldade de um adolescente nesta idade chegar sozinho a tais conclusões. Além disso, diante da dúvida da adolescente o professor não faz nada para tentar ajudá-la.

*Você diz que não é nada e vai para sua cama com algumas dúvidas na cabeça: será mesmo que um homem tem mais necessidade de sexo do que a mulher? Será que, quando excitado, ele não consegue mesmo se controlar? Resolve pesquisar sobre o assunto. Você chega na escola e vai direto para a sala de informática. Diz para o professor que precisa fazer uma pesquisa e implora para ele deixar você usar o computador e a internet por um tempo. Seu professor diz que vai abrir uma exceção porque você é uma boa aluna e porque está com cara de preocupada. Você agradece e procura o termo sexualidade masculina em um site de busca. **Depois de ler um monte de besteiras, você encontra um site que fala que muito do que se acreditava como biológico em relação a sexualidade do homem é, na verdade, uma construção social. Isto significa que os homens aprendem isso desde pequenos e que a sociedade é que tem a expectativa de que os homens ajam dessa maneira.** Você resolve telefonar para Marcelo para conversar.*

A mentira/omissão sobre a idade como estratégia de aceitação

Em várias situações, a aparência física facilita o segredo sobre a idade de Priscila que é uma condição colocada pela personagem tanto para ser aceita tanto nos serviços de saúde quanto nas baladas na qual não seria permitidos adolescentes com a sua idade. No caso de relacionamentos amorosos, inicialmente, ela omite a idade ao parceiro. Não se problematiza sobre essa necessidade, nem porque ela lança mão dessa estratégia.

*Você resolve ir sozinha no posto de saúde para buscar materiais que falem sobre a primeira vez e outros temas que tenham a ver com sexo. Chega lá e pergunta se o posto tem materiais para adolescentes. A recepcionista pede para você esperar um pouco, pois a assistente social irá te atender. Você espera 30 minutos para ser chamada. Entra em uma sala e uma mulher de jaleco branco pergunta sua idade. **Você mente dizendo que tem 14 anos.***

*Você vai na casa da sua tia preferida e mal ela abre a porta, você já começa a falar que está apaixonada e que tem muitas dúvidas. **Conta para ela sobre o Marcelo, mas não diz a idade dele.***

Julgamento moral dos profissionais envolvidos

Quando a personagem procura o serviço de saúde, porque ele teve uma relação sexual desprotegida, sabendo que não deveria. A pediatra, ao invés de orientar apresenta um questionamento irônico, além de se recusar a examinar a menina por causa de sua idade. Entendemos que essa não deveria ser uma postura do profissional que devem em qualquer situação, atender, medicar, acolher, aconselhar, compreender e direcionar para comportamentos futuros preventivos.

*A pediatra recebe você e pergunta o que está acontecendo. Você fala que tem um namorado e que transou sem preservativos. Diz que está preocupada, com medo de estar grávida ou de ter uma doença. **A médica pergunta se ela nunca ouviu falar de métodos contraceptivos e da camisinha.** Você diz que sim, mas que achava que ele iria usar. A pediatra explica que não irá lhe atender porque teme que sua mãe ou seu pai a processe por ter atendido uma menor de idade. Diz para você contar para sua mãe e depois voltar lá.*

Relacionamento com os pais

O relacionamento parental, de um modo geral, aparece de maneira negativa com o pai, que é retratado como nervoso e intransigente. A mãe se mostra mais calma, afetiva, e preocupada com a filha. A história reproduz uma família no padrão heteronormativo, visto que apresenta modelos de comportamentos socialmente esperados para o homem e para a mulher.

Embora a mãe seja mais próxima, quando se diz respeito aos aspectos relacionados com a sexualidade, não há diálogo entre as duas. De uma forma geral, os pais não mantêm uma conversa franca e aberta com a filha, prevalecendo as atitudes repressivas.

*Você vai na casa da sua tia preferida e mal ela abre a porta, você já começa a falar que está apaixonada e que tem muitas dúvidas. Conta para ela sobre o Marcelo, mas não diz a idade dele. **Você explica para sua tia que não consegue conversar sobre sexo com sua mãe.***

Depois da escola, você vai ajudar sua mãe na barraca de biscoitos e fica enrolando até que ela lhe pergunta por que você está com aquela cara e se você está querendo alguma coisa. Você diz que está tudo bem, só que está preocupada com uma amiga sua que está namorando um cara mais velho. Você conta que ouviu dizer que quando um cara com mais de 18 anos transa com uma menina de menos de 14 anos isso dá cadeia e pergunta para sua mãe se isso é verdade. Sua mãe diz que não sabe direito, mas se lembra de um primo que casou à força, porque tinha engravidado uma menina com menos de 18 anos.

Fala que se preocupa muito com você e pergunta se você tem um namorado. Você diz que só tem uma paquerinha. Ela diz, ainda, que o movimento anda fraco e que acha que só vai dar para comprar a calça que você quer no próximo mês. Você diz que não tem importância e dá um beijo nela.

Você entra em casa feliz da vida. Encontrou o homem da sua vida e quer ficar com ele para sempre. Só que dá de cara com sua mãe e seu pai. Sua mãe está com sua calça nova na mão e seu pai parece que vai explodir. Sua mãe lhe pergunta de onde veio essa calça. Você fica sem graça e acaba dizendo que ganhou do seu namorado. Seu pai imediatamente diz que você não tem idade para namorar e que nunca mais vai se encontrar com esse cara. Diz que sua obrigação é estudar para ser alguém na vida. Sua mãe, um pouco mais calma, pergunta quem é o rapaz, que idade tem, se estuda na mesma escola que você. Você conta que ele se chama Marcelo e que tem 27 anos. Seu pai fica mais bravo ainda e pergunta se vocês fizeram alguma coisa. Diz que, caso vocês tenham transado, ele vai matá-lo por ter seduzido uma menor de idade. Sua mãe pede para que seu pai se acalme e te escute. Você jura que não transaram e pede, por favor, para eles não fazerem nada de ruim para com o Marcelo. Promete que nunca mais irá se encontrar com ele e que vai pedir para uma amiga devolver a calça.

Você percebe que o único jeito que tem para resolver essa situação é falando com sua mãe. Vai até a barraca e espera não ter nenhum freguês para dizer a ela que precisa ir ao médico. Sua mãe, imediatamente, põe a mão na sua testa para ver se você tem febre. Você diz que não é nada disso. Chorando conta que tem um namorado e que fez sexo com ele. Sua mãe fica mais branca do que folha de papel e pergunta se você está grávida. Você diz que não, mas que pode estar com uma DST. Sua mãe resolve fechar a barraca e ir com você ao posto de saúde imediatamente.

Avaliação interna: sentimentos de culpa, angústia e dúvidas

O jovem relata sentimentos confusos diante da primeira relação sexual. Além disso, o tabu relacionado à virgindade que gera culpa. Vive os conflitos de modo interno e individual. Por mais que procure ajuda, coloca o problema como algo individual, pautado em sentimentos de culpa.

*Resolve, então, falar com a professora de História que é mais aberta e é a única que já falou sobre sexo em sala de aula. **Fica muito nervosa**, mas decide que irá procurar a professora assim mesmo.*

*Põe a cara para dentro da sala dos professores e chama a professora Irene. Meio sem saber o que falar, pergunta se a professora sabe de algum material que fale sobre ficar, a primeira vez e se **sexo é pecado antes do casamento**.*

*Você resolve pedir alguns conselhos para dona Adelaide, a coordenadora do grupo de jovens da igreja que você frequenta. Afinal, tem um cartaz na porta dizendo que adolescente são sempre bem-vindos na sala dela para conversarem sobre tudo. Você bate na porta, e Dona Adelaide lhe abraça e a convida para entrar. **Você está muito constrangida e pergunta se ela jura que não vai contar nada daquilo que ela falar para sua família nem para o pastor.***

Você se sente muito dividida entre o amor e o desejo que tem pelo Marcelo versus suas convicções religiosas.

*Você telefona para suas amigas e marca um encontro na pracinha. Diz que aconteceu uma coisa e que precisa contar para elas. Manu e Jô chegam quase ao mesmo tempo e olham para a sua cara. Jô imediatamente diz: **você transou com o Marcelo! Você diz que sim e começa a chorar.** Elas te consolam e pergunta porque você está tão triste. Você conta como foi a transa e que **está com medo de engravidar** já que Marcelo não usou camisinha.*

*Ao chegar em casa, você resolve abrir o coração e falar com a sua mãe sobre o Marcelo mas, na hora H, **perde a coragem** e conta que uma amiga sua ficou na balada com um cara mais velho.*

Avaliação externa: julgamentos morais, religiosos e acusatórios

Diante da possibilidade de acontecer a primeira relação sexual, Priscila, procura aconselhar-se com a coordenadora do grupo de jovens de sua igreja que reforça que a mulher deve manter-se virgem antes do casamento.

*Ela lhe diz parra você ser muito firme e muito forte para **não cair em tentação. Que sexo antes do casamento é pecado e que mulher é que nem cristal: quebrou não tem conserto!** Na hora você pensa na Rafaela, uma amiga que não é mais virgem, toda estilhaçada no chão.*

*Resolve voltar a conversar com dona Adelaide, a coordenadora do grupo de jovens da igreja, **mesmo sabendo que ela ficará brava com você.** Assim que chega à igreja, a coordenadora lhe abraça e pergunta como você se portou desde a última visita. Você conta para ela os dilemas que você está vivendo e vocês duas rezam juntas.*

Dona Adelaide, após as orações, pede para ela levar Marcelo no culto do próximo domingo. Diz, também, que não dá mais para você esconder da família que tem um namorado. Você promete que tentará trazer o Marcelo à igreja e que vai contar para a mãe que tem um namorado.

Outra personagem que reforça o julgamento é a amiga Jô que chega até a xingar Priscila de burra.

Jô não aguenta e diz que você foi muito burra por ter transado sem proteção.

Mesmo antes de saber que a filha estava namorando e transando, os pais de Priscila também apresentam julgamentos morais, mesmo nunca tendo conversado adequadamente com a filha sobre assuntos relacionados à sexualidade.

Sua mãe fica branca de susto e diz que é muito cedo para você e suas amigas “ficarem”. Conta também que quando ela começou a namorar tinha 17 anos e que seu namorado só pegou na mão dela depois de três meses. Reforça que não há nada pior para uma garota do que ela engravidar na adolescência. Diz que a vida da menina praticamente acaba. Você não fala mais nada.

Embora a tia de Priscila responda os questionamentos e seja uma pessoa em quem a menina confia para tirar todas as suas dúvidas, antes de responder ela “ri”, não encarando com total seriedade os questionamentos e correndo o risco de que a menina se sinta constrangida em suas dúvidas.

Você pergunta sobre a primeira vez, virgindade, o que fazer para o cara não sumir depois, como é que você vai saber se já está preparada para começar a transar, que roupa vestir para se encontrar com ele e o que fazer com as espinhas que aparecem sempre no dia de ir para a balada. Sua tia ri e responde todas as perguntas que você faz.

Comportamento preventivo na juventude

Em uma parte da história, Priscila vai até o posto de saúde, onde é atendida pela assistente social que lhe entrega alguns panfletos, porém não oferece camisinhas. Mesmo assim, Priscila toma a iniciativa de pedir para pegar algumas.

Na saída, vê um vaso com um monte de camisinhas dentro e pergunta se pode pegar algumas. A profissional diz que a cota é de três camisinhas por pessoa.

Serviço de saúde que esclarece mas não acolhe

Em outra passagem da narrativa a menina procura o serviço de saúde na figura da assistente social e, neste caso, recebe esclarecimentos, porém não se sente à vontade de perguntar todas as suas dúvidas. Ela explica sobre métodos para evitar filhos e infecção por doenças sexualmente transmissíveis. Esta profissional não faz julgamento sobre a idade da adolescente.

Você espera 30 minutos para ser chamada. Entra em uma sala e uma mulher de jaleco branco pergunta sua idade. Você mente dizendo que tem 14 anos. Ela pega uns folhetos e explica quais são os métodos para evitar filhos e diz que o melhor deles é o preservativo porque evita também a infecção de doenças transmitidas pelo ato sexual e a aids. A assistente social lhe pergunta se você tem dúvidas e lhe entrega alguns folhetos e um livrinho que fala sobre a primeira vez da menina. (...) Você gostou de ter ido no posto, mas ainda sente falta de conversar com outras pessoas que possam responder todas as suas outras dúvidas.

A recepcionista pede um documento seu e diz que você só pode ser atendida se estiver com algum familiar e que o posto não atende crianças e adolescentes desacompanhados.

Apoio comunitário como um ambiente favorável

Há um apoio importante encontrado no convívio com outros jovens que, na história, é representado por uma ONG. Priscila decide ir sozinha na ONG que fica perto de sua casa. Lá conversa com outros jovens e participa da exibição de um vídeo seguida por dinâmica e discussão.

Você acorda decidida a ir procurar uma organização não governamental (ONG) que trabalha com jovens e que fica perto da sua casa. Chegando lá, encontra Rodrigo, um rapaz uns cinco anos mais velho do que você que foi muito amigo do seu irmão. Ele lhe mostra a casa toda, te apresenta para os outros jovens e conta sobre o trabalho que desenvolve por lá. Você fica super interessada e pergunta o que deve fazer para participar da ONG. Ele

diz que tem um grupo de voluntários que participam das reuniões aos sábados e que você será muito bem-vinda se quiser fazer parte do grupo. Diz, ainda, que a próxima reunião é para conversar sobre relacionamento entre meninos e meninas e que no final será apresentado um filme. Você se anima e diz que vai pedir para sua mãe deixar você participar. O Rodrigo ainda lhe dá uns boletins que falam bastante sobre a construção do masculino e do feminino e diz para você ler e depois voltar na organização para conversar com ele sobre o que achou. Você adorou ter encontrado seu amigo e fica animadíssima com a possibilidade de ser voluntária.

Preocupação com modelos de estética

A preocupação com o vestuário feminino como forma de chamar a atenção dos homens aparece diversas vezes no decorrer da história.

Assim, uma das formas de Marcelo conquistar Priscila foi dando-lhe de presente a calça que tanto queria sugerindo que a mulher pode ser conquistada através de elementos que a faça sentir-se mais bonita e feminina.

Também, no início da história há uma frase que explicita que Priscila tem 13 anos, mas parece ser mais velha, deixando implícito que já tem corpo típico de mulher.

Podemos supor aí uma questão de gênero em que seria preocupante às mulheres lidar com o fato de romper com o padrão de estética e beleza vigente.

*Quando a gente combina de se arrumar em casa, meu pai sempre olha de cara feia. Diz que a roupa é muito curta e que mulher direita não mostra tanto o corpo. Não dou muita bola para o que ele diz. Afinal, **todas as meninas se vestem desse jeito e eu não vou pagar mico colocando uma roupa de freira.***

*Chega sábado e você acorda superanimada para ir para uma balada no galpão do teatro do bairro. Pega o que guardou da sua mesada e vai para o cabeleireiro fazer uma chapinha. Não sabe que roupa vestir porque já está cansada de usar sempre as mesmas roupas. Sua mãe percebe sua tristeza e promete lhe dar aquela calça jeans que você quer no final do mês. **Você escolhe um vestido florido bem curto** e vai para a casa da Manu como foi combinado.*

*Você se encontra com Marcelo e, desta vez, ele tem uma grande caixa na mão. Você lhe dá um beijo e ele lhe entrega um presente. **É a calça jeans que você estava doida para ganhar: bem justa e estonada. Você fica muito feliz e diz que ele é um príncipe que apareceu em sua vida.** Ele te beija e te convida para comer uma pizza com ele. **Você esquece totalmente do tanto que ele foi agressivo no último encontro.** Sua única preocupação é de como vai falar para a mãe que ganhou aquela calça.*

Vulnerabilidade

O comportamento vulnerável aparece quando numa das possibilidades da história, Priscila, que não deseja ter relações sexuais, acaba cedendo por medo de perder o namorado, além disso, a personagem arrisca a saúde tendo sua primeira relação sem uso do preservativo.

*Ele te puxa para o colo dele e começa a te beijar. Como percebe que você está tensa, garante que será carinhoso e que não vai fazer nada do que você não quiser. Mais dividida do que nunca entre o querer e o poder, **você pede para ele parar.***

Você entra em pânico quando percebe que Marcelo vai te deixar porque você não quer fazer sexo com ele. Começa a chorar e diz que faz qualquer coisa para ficar com ele. Marcelo diz que se arrependeu de levar você para o apartamento dele e insiste em te levar para casa. Chorando, você diz que o ama e que não quer perdê-lo para uma outra garota. Ele ainda se faz de difícil e diz que vai lhe dar mais uma chance. Ele te beija e vai tirando sua roupa devagarinho. Você está muito tensa e ele diz que será muito bom e que você não precisa ter medo de nada. Que ele irá tomar cuidado para não te machucar. Ele acaricia todo seu corpo, beija seus seios e você se arrepia toda. Depois, ele abre suas pernas e acaricia sua vagina com a língua. Pede que você faça o mesmo com o pênis dele. Você fica muito constrangida achando aquilo meio nojento. No entanto, faz o que ele pede. Marcelo está muito excitado. Pede para você parar e cola o pênis na entrada da sua vagina. Você está com medo e percebe que ele não está de camisinha. Quer falar para ele colocar, mas não tem coragem. Acabam transando sem preservativo

*Chegando lá, ele te dá um abraço apertado e diz que tem uma coisa difícil para te dizer. Você acha que ele irá falar que não colocou a camisinha e que está com medo de você tenha engravidado. Antes dele falar, você conta que sua menstruação e que está tudo bem. Ele diz não estava preocupado com isso e que ele havia descoberto que **estava com uma doença sexualmente transmissível chamada gonorreia e que, provavelmente, tinha passado a doença para você.***

Padrões heteronormativos com predomínio da cultura machista

Alguns trechos da história aparecem padrões de comportamento típicos de cada gênero como se fossem comportamentos naturais do homem ou da mulher.

Além disso, observam-se condutas e falas machistas por parte de Marcelo e no decorrer da história Priscila sente impedida de viver sua vida com liberdade devido a impedimentos colocados pelo namorado. Ele a impede de conversar com outros homens,

porém em uma das possibilidades, Priscila descobre que foi traída por Marcelo e pegou uma DST.

Depois, se sentam em um banco e ele lhe pergunta o que você fez nos últimos dias. Você conta da escola e das conversas que teve sobre sexualidade. Conta, inclusive, que tem camisinhas na bolsa.

Marcelo fecha a cara e diz que se ela tiver alguma dúvida é para perguntar para ele e não para outras pessoas. Diz que mulher direita não leva camisinha na bolsa e que é para ela tomar cuidado porque ele é muito ciumento. Portanto, diz ele, não quer saber de você conversando com homem nenhum. Que, como sua namorada tem que confiar nele e em ninguém mais.

Você fica meio assustada com a agressividade de Marcelo mas, ao mesmo tempo, fica feliz por ele ter dito que é seu namorado.

Mesmo sabendo que o Marcelo provavelmente seria contra a sua ida à ONG, você vai até lá. Quando chega, o seu amigo Rodrigo lhe apresenta aos outros jovens e fala que vai começar logo a discussão sobre relacionamentos. Você fica na dúvida se fica para a discussão ou se diz para o Rodrigo que não vai poder participar por que seu namorado não quer. Resolve ficar só nessa para ver como é que é. A discussão abre com uma roda de conversa em que as pessoas falam seu nome, o que gostam de fazer e se tem uma relacionamento com alguém. Na sua vez, você conta que namora um cara 14 anos mais velho e que está apaixonada. Percebe que Rodrigo faz uma cara meio estranha. O filme e a discussão foram ótimos.

Todo mundo riu muito e, ao final, fizeram uma brincadeira em que todo mundo se abraçava. Você adorou ter participado da atividade, mas está nervosa pensando se vai contar para o Marcelo ou não.

Irritado, Marcelo diz que não se trata um homem desse jeito. Que os homens tem mais necessidade de sexo do que as mulheres e que tem hora que não conseguem mais se controlar. Diz, ainda, que já que ela não quer fazê-lo feliz, vai procurar por outras mulheres. Diz que perdeu a vontade de ficar com você e diz que vai te levar para casa.

Mesmo sabendo como uma pessoa passa uma DST para outra, você pergunta como foi que ele pegou aquela doença. Ele diz que não sabe. Que deve ter sido no banco do ônibus ou em uma privada. Você começa a chorar porque pode estar doente e porque o Marcelo mentiu para você quando disse que não estava saindo com mulher nenhuma há mais de 6 meses.

A história de Beto (Paternidade)

Julgamento dos profissionais envolvidos

A médica ginecologista, responsável pelo atendimento de Manu, não informa sobre os exames que também devem ser realizados pelo homem durante o pré-natal, mesmo tendo sido solicitados pelo adolescente, a médica ignora o pedido. Entendemos que essa não deveria ser uma postura do profissional que devem em qualquer situação, acolher, aconselhar, compreender e direcionar para comportamentos futuros preventivos.

Em alguns trechos o julgamento moral fica implícito, indicando que homens, ainda mais se forem jovens, não tenham responsabilidade para ser pai ou necessidade acompanhar o pré-natal do filho, o que acaba por restringir os espaços de saúde às mulheres.

Você insiste em participar da consulta da Manu. Ela pede para a mãe deixar você acompanhá-la. A mãe de Manuela cede e vocês entram juntos na sala da ginecologista. A primeira coisa que ela pergunta é se não tem nenhum adulto para acompanhar a Manuela na consulta. Você diz que tem quase 18 anos e que é o pai da criança. Manuela diz que sua mãe está na sala de espera e a médica ainda tenta convencer a Manu de que seria melhor se ela estivesse com a mãe e que você estivesse na sala de espera. Manu discorda. A ginecologista dá um suspiro e pede para Manu entrar na outra sala, tira a roupa e vestir a camisola para ser examinada. A ginecologista pede para você aguardar na sala. Você não gosta muito, mas concorda.

Chega o dia em que a Manu vai receber os resultados dos exames de pré-natal. Você vai com ela e novamente é barrado ao se dirigir para a sala da ginecologia com a Manu. Dessa vez, por uma auxiliar de enfermagem. Você fica muito bravo e diz que, como pai, tem o direito de acompanhar toda a gravidez da Manu. Você mal entra na sala e já diz para a médica que da outra vez que você esteve lá, ela não o informou sobre os exames que os futuros pais também devem fazer. Ela diz que, primeiro irá falar sobre os exames da Manuela e que, depois, falará com você. A profissional diz que está tudo bem com a Manu e que todos os exames deram negativo, inclusive o de HIV. Diz ainda que a Manu precisa se alimentar direito e te passa um folheto com sugestões de nutrição para grávidas. Ela agenda a próxima consulta e diz que Manuela fará um ultrassom para ver se está tudo certo com o bebê. Ela diz que por hoje é isso e não fala nada sobre o pré-natal do homem. Você diz que não vai se levantar da cadeira enquanto ela não marcar os exames que você também tem que fazer. Ela diz acreditar que o pré-natal do homem não é necessário e finaliza a consulta.

Numa das idas ao posto de saúde Beto também observa que não existem homens no serviço de saúde, mas observa que existem muitas mulheres, crianças e idosos. Acreditamos que a discussão sobre os cuidados com a saúde do homem em geral, independente do acompanhamento pré-natal, poderiam ter sido mais bem explorados nesta história. Também

não se discutem os motivos pelos quais os homens, em sua maioria, não procuram os serviços de saúde como forma preventiva.

Você passa na casa de Manuela e vocês vão para o Serviço de Saúde. Dona Iolanda, a mãe da Manu também vai. Chegam lá no horário marcado, Manu preenche a ficha e mostra a carteirinha do SUS. Você olha o espaço da recepção e só vê mulheres, crianças e velhos aguardando serem chamados. Lembra que a última vez que procurou um médico foi quando quebrou o braço em um jogo de futebol.

Relacionamento com os pais

De um modo geral, o relacionamento parental aparece de modo positivo, tanto no caso dos pais de Beto, quanto no caso dos pais de Manu. Há situações na qual Beto conversa com a mãe a auxilia nos afazeres domésticos enquanto que o pai se orgulha pelo fato do filho ter comportamentos heterossexuais.

Após informarem sobre a gestação de Manu e a decisão de terem o filho, os pais de Beto se preocupam com o futuro e não interrupção dos estudos, porém o mesmo não acontece com a menina.

Quando os pais de ambos se reúnem para decidir seu futuro, deixam-nos de lado nas decisões. Os pais de Beto queriam construir um puxadinho no fundo da casa, enquanto que os pais de Manu desejam que Beto vá morar na casa deles.

No caso de Manu, embora ela se refira às vezes aos “pais”; nada é mencionado sobre a figura paterna, que entendemos ser importante no contexto que se insere a problemática.

Você acorda cedo e encontra sua mãe descascando batatas para fazer um nhoque. Você pergunta se ela quer uma ajuda e ela pede para você picar os tomates para o molho. Você conta que a festa do Felipe foi ótima e que você dançou com a Manuela. Sua mãe te olha e sorri. Lembra-se de uma foto que tem guardada em que vocês dois tinham mais ou menos 11 anos de idade e que estavam com o uniforme da escola. Ela diz que irá procurar a foto mais tarde.

*Você resolve **conversar com seus pais** para saber o que eles acham que você deve fazer. Sua mãe insiste que **você continue seus estudos e que morem com eles**. Diz que assim você não precisará arrumar emprego. Seu pai, por outro lado, acha que você tem que arrumar um emprego meio período e que, mesmo que ganhe pouco terá um dinheiro seu para ajudar na construção do puxadinho. Você conta que **os pais da Manu querem que ela fique na casa deles**, pois, como a mãe trabalha em casa, poderá dar uma força nos primeiros anos da vida do bebê. Seus pais dizem, então, que*

vocês é que devem decidir o que acham melhor, mas que teriam mais privacidade caso aceitasse, morar no quarto que construiriam. Você e Manuela contam para suas respectivas famílias que estão grávidos e que vão ter o bebê. Tanto a família de Manu quanto a sua surtam com a notícia, depois de um tempo percebem que não há o que fazer já que vocês resolveram ter o filho. Seus pais e os de Manu se reúnem para conversar. Você e Manu participam da reunião, mas é como se fossem invisíveis. Ninguém pergunta o que vocês acham ou querem fazer. Seu pai propõe fazer um puxadinho no quintal da casa em que vivem e construir um quarto com banheiro para vocês morarem. A mãe da Manu quer reformar o quarto da Manu e comprar um berço para o bebê. Vocês, na verdade, queriam morar sozinhos, mas não tem condições de pagar um aluguel. Você diz que vai abandonar o cursinho pré-vestibular e procurar um emprego. Sua mãe não concorda e seu pai não diz nada. Manu também resolve desistir dos estudos e propõe ajudar a mãe na preparação de salgadinhos para festas para poder comprar roupinha para o bebê.

Avaliação externa: julgamentos acusatórios sobre o futuro

Diante da possibilidade de ser pai, um amigo de Beto lembra que ele perderá as coisas típicas da idade e que sentirá falta delas, ou seja, o amigo coloca somente as consequências negativas do comportamento de Beto, reforçando a necessidade dos jovens de se ‘aproveitar’ a vida e a tendência de não assumir as responsabilidades pelos seus atos.

Felipe pergunta o porquê da urgência e você diz que terá um filho com a Manuela. Felipe diz que você é muito novo para ser pai e que tem muito ainda que farrear com os amigos antes de constituir uma família. Você diz que não é nenhum moleque e que tem que assumir suas responsabilidades. Felipe pergunta se você não irá sentir falta de ir aos ensaios da escola de samba e de ficar com as meninas. Você diz que talvez, mas que sua maior preocupação agora é arrumar um trabalho.

Serviço de saúde que acolhe e esclarece

Embora não tenha sido bem recebido nas vezes que tentou acompanhar a namorada nas consultas do pré-natal, o bom atendimento do serviço de saúde é apresentado na figura da ouvidora, uma mulher mais velha, que, neste caso, ouve e esclarece algumas coisas para o jovem. Além de ouvir as reclamações de Beto, a ouvidora promete apurá-las e também informa sobre um grupo de futuros pais que acontece mensalmente no serviço de saúde, convidando-o a participar.

*Você está indignado com a forma como foi tratado no serviço de saúde. Acha incrível que, apesar dos seus direitos como pai, todas às vezes teve que brigar para conseguir participar da consulta junto com a Manu. Ainda por cima, teve que escutar a ginecologista dizer que não acreditava que os exames do pré-natal do homem eram necessários. Você resolve procurar o setor de reclamações do serviço de saúde e descobre que esse lugar se chama ouvidoria e que serve para receber e analisar as reclamações e as sugestões das pessoas que são atendidas naquele lugar. Você vai até lá e é recebido por uma **mulher mais velha**. Ela pergunta o que aconteceu para você procurar a ouvidoria e você conta que por duas vezes tentaram te impedir de participar do pré-natal da namorada e que você quer fazer os exames do pré-natal do homem e, assim, garantir que, se tiver algum problema, não vai passar para a companheira e nem para o feto. Também diz que quer assistir ao parto e quer ficar no hospital com a Manu depois do bebê nascer. A ouvidoria diz que vai apurar as denúncias e que em breve entrará em contato com você. Te **informa que naquele serviço**, na primeira quinta-feira do mês, são promovidas **reuniões com casais grávidos** para troca de experiências, e para tirar dúvidas. Você agradece e diz que quer participar também dessas reuniões. **Você sai de lá se sentindo o máximo**. Agora que você já sabe tudo isso, nunca mais será discriminado por ser jovem e por ser pai.*

Vulnerabilidade

O comportamento vulnerável aparece quando, mesmo tendo preservativos, Beto e Manu se expõe tendo uma relação sexual sem uso do preservativo. Ambos arriscaram sua saúde, deixando-se levar pela empolgação do momento. Além disso, Beto, ao não utilizar a camisinha, pensa somente na gravidez não planejada, imaginando que Manu tome contraceptivos orais. A questão das DST's não é bem explorada nesta narrativa.

A história apresenta ainda, pensamentos típicos dos adolescentes e que os tornam mais vulneráveis como: 'a primeira relação sexual não engravida' ou 'isto não acontecerá comigo'.

Vocês procuram um cantinho mais sossegado, se beijam e se acariciam. Você diz que está morrendo de tesão. Manu diz que gosta de você desde criança e que também tem vontade de transar com você.

*Vocês procuram um lugar mais escondido e transam. **Mesmo você tendo duas camisinhas na carteira, você nem se lembra de usar. Manuela também não fala nada e você supõe que ela toma pílula.** A transa foi rapidinha, mas muito gostosa.*

*Depois **pensa se ela está grávida, mas acha difícil** porque, neste um mês que estão juntos, vocês só transaram sem preservativos aquela vez na escola de samba. Você vai se encontrar com a Manu na lanchonete em frente ao cursinho e ela diz que está grávida. Você não sabe bem o que falar e Manu diz que não quer ter um filho sozinha. Imediatamente, você diz que quer ficar junto com ela e ser o pai da criança.*

O aborto como uma prática comum e de fácil resolução

Em um trecho da história, sugere-se o aborto como uma alternativa fácil. Embora, o amigo de Beto relate uma hemorragia ocorrida após o aborto não se salientam outras questões como a legislação vigente sobre o aborto legal e nem os trâmites desse procedimento que, no caso, não se enquadraria, daí a necessidade desta clínica ser clandestina.

Parece que esse tema, tão polêmico e importante de ser discutido entre os jovens, fica em segundo plano na história.

*Você pergunta para seus amigos e se alguma vez eles engravidaram uma garota. Claudinho diz que sim e que foi barra. A menina pirou e queria que ele casasse com ela. Claudinho conta que ela **acabou fazendo um aborto clandestino** e que depois **foi parar no hospital por conta de uma superhemorragia**. Você pergunta se ele continuou com ela depois do aborto e Claudinho diz que não. Ele conta que o clima ficou ruim entre eles e cada um foi para o seu canto.*

Cultura machista

Em diversos trechos da história é possível observar comportamentos típicos de uma cultura machista, sobretudo reforçado pelos amigos e pelo pai, que se sente orgulhoso do filho em relação ao fato dele ter uma namorada.

*Você vai até a loja em que seu pai trabalha e pede para ele adiantar sua mesada. Diz que quer convidar sua namorada, a Manu, para ir com você ao ensaio da escola de samba e que **não fica bem um homem deixar uma garota pagar a passagem do ônibus e os ingressos para a quadra**. Seu pai fica todo feliz por você sair com uma garota. Diz brincando que **já estava ate preocupado porque você não tinha uma namorada**. Você diz para seu pai que já ficou com um monte de meninas e que já transou com algumas delas. Seu pai fica todo orgulhoso e te dá um dinheiro a mais dizendo que é para você comprar camisinhas.*

O comportamento machista também se torna típico nos pensamentos de Beto que entende ser o único responsável por ser o provedor da sua futura família, desconsiderando totalmente o fato de que, nos dias atuais, a maioria das mulheres ajuda ou são até mesmo responsáveis únicas, pelo provimento financeiro do lar.

*No caminho, você decide que quer ter o filho com a Manu e que, se ela quiser vocês poderão até casar e morar juntos. **Se sente “muito macho” por ter transado uma vez com a Manu e ela já ter engravidado.***

*Resolve que a prioridade agora é arrumar um emprego, não importando o que você irá fazer. Ter um emprego é uma questão de honra, já que como **futuro pai, o seu papel será prover as necessidades da família.***

*Você telefona para a Manu e conta a conversa que teve com o Chico. Ela diz que acha legal e que se juntarem esse dinheiro e pedirem ajuda para os pais de ambos, quem sabe será possível alugar um pequeno apartamento para vocês. Você gosta da ideia e diz que vai aceitar o emprego. **Afinal, como homem, o seu papel é prover as necessidades de sua futura família.***

Padrões heteronormativos

Alguns trechos da história aparecem padrões de comportamento típicos de cada gênero como se fossem comportamentos naturais do homem ou da mulher. Em nenhum momento da história se discutem questões relacionadas à construção social dos gostos e comportamentos específicos para cada gênero.

Em trechos da história fica claro que sambar e rebolar não são comportamentos típicos de homens, ao mesmo tempo em que entrar em sites pornô, conversar sobre futebol e mulheres, seriam comportamentos adequados para os homens.

*Quando você entra na Lan House, vê que tem **um bando de caras da sua idade** conversando com amigos no Messenger, postando fotos no Facebook e **visitando sites pornô**. Você sente saudades de quanto tinha tempo para fazer essas coisas.*

*Na segunda-feira, assim que você põe os pés no cursinho, seus amigos já perguntam sobre o que rolou com a Manuela. Você fica sem graça e diz que não é da conta deles. Eles insistem e você diz que só rolou um beijo. Seus amigos ainda tiram um sarro dizendo que **gostaram de ver você sambar** e perguntam se no próximo carnaval **você vai desfilar na ala das baianas**. Você diz para eles pararem de falar besteira e vai para a aula.*

Você é convidado a ir a uma festa na casa do Felipe. É aniversário dele e vai ter um grupo de sambistas da velha guarda tocando e cantando. Você pensa que será uma oportunidade para exibir os passos que aprendeu nos ensaios da escola de samba. Quando você chega à festa, você vê que as meninas estão todas em grupinhos e que ninguém está sambando. Resolve “causar”. Tira a Mariana para dançar e capricha nos passos. Todo mundo

*olha para vocês. Seus amigos tiram um sarro dizendo que **você está rebolando feito um “maricas”**.*

*Você se encontra com seus amigos e eles te chamam para ir a um barzinho. Você vai com eles até lá e **a conversa é sobre mulheres e futebol**.*

Em outros trechos, a preocupação sobre gravidez aparece como uma questão relacionada somente com a mulher.

*Você percebe que não sabe nada ou quase nada sobre gravidez. Quando estava na 8ª série teve essa aula de Ciência sobre o assunto, mas **não prestou atenção porque achou que isso era um problema só das meninas**.*

*Um assistente chama a Manuela e você se levanta para ir junto com ela à consulta. **O assistente diz que só uma pessoa pode entrar na sala com sua namorada e que é melhor que seja a mãe**. Você diz que a Manu está grávida e que você é o pai da criança, portanto faz questão de estar presente. Dona Iolanda pede para você se acalmar e aguardá-las na sala de espera. Diz que a Manu pode se sentir constrangida com você lá. Manu diz gostaria que você participasse da consulta e que não ficaria nem um pouco constrangida. Dona Iolanda discorda e diz que **homem nestas horas só atrapalha**. O assistente concorda com a mãe da Manuela.*

Dificuldade em obter informações e tirar dúvidas

A história ressalta a dificuldade de obter informações relacionadas aos direitos sexuais e reprodutivos do homem. Evidencia-se que é o adolescente que precisa ir atrás de esclarecer suas dúvidas e o faz buscando informação principalmente na internet.

Consideramos que informações tão importantes quanto estas deveriam ter maior divulgação, ser mais acessíveis e naturalmente oferecidas em todos os lugares como na mídia, família, nos livros e na escola, por exemplo.

*Senta na frente do computador e descobre uma série de coisas: que o futuro pai tem o direito de participar do pré-natal, que você também tem que fazer alguns exames, inclusive o de AIDS, de sífilis e hepatite B e C; que você tem o direito de assistir ao parto de seu filho e que, quando ele nascer, você pode ser o acompanhante da Manu no tempo em que ela ficar no hospital. Você se pergunta **por que nunca soube de nada disso, nem na escola nem nas propagandas do governo que passam na TV**. Você imprime alguns documentos para levar no serviço de saúde na próxima vez que for lá com a Manu.*

A internet como fonte segura de informações

Com a dificuldade de obter informações, em uma das passagens, o adolescente busca informações na internet. Não se discute sobre a imensa quantidade de lixo eletrônico com conteúdo incorreto a que o jovem possa ter tido acesso e eventualmente se equivocado a respeito de informações tão relevantes. Além disso, não se problematiza sobre essa necessidade, nem porque ele lança mão dessa estratégia, nem a respeito da autonomia dada aos jovens diante da imensa quantidade de informação que pode ser obtida pela internet e a necessidade de prepara-los para serem sujeitos reflexivos acerca dos conteúdos encontrados.

Você decide que precisa ir atrás de informações sobre gravidez e paternidade para lidar melhor com a situação. Resolve passar em uma Lan House e fazer uma pesquisa na internet.

A história de Tiago (homossexualidade)

Apresentação estereotipada do personagem

Na história Tiago é retratado como um menino certinho, estudioso, que não gosta de praticar esportes, mas adora teatro. De certa forma a descrição de Tiago pode levar os jogadores, por analogia, a suporem que outras pessoas com estas mesmas características também sejam homossexuais.

*Meu nome é Tiago e eu tenho 15 anos. Eu **não gosto muito de esportes**, quer dizer, gosto de ver os jogos de vôlei e basquete na TV. Tênis eu acho meio chato. O pessoal da escola diz que eu sou muito **certinho, estudioso demais e metido a sabe tudo**.*

O Segredo e a mentira como estratégia de enfrentamento

Em várias situações, o segredo de ser homossexual é uma condição colocada pelo personagem para não sofrer discriminação. Ele mente para os amigos e principalmente para o pai, que o tempo todo lhe impõe atividades consideradas como ‘coisas de macho’

Não se problematiza sobre essa necessidade e, além disso, as consequências sobre esses comportamentos não aparece no decorrer da história: se isso é bom ou ruim, se é adequado ou não, se seria necessário ou não.

O que ninguém sabe é que eu gosto mais de meninos do que de meninas. Não falo sobre isso com ninguém porque sei que as gozações para o meu lado vão aumentar.

*Quando seu pai sai, Michelly começa a te acariciar e a tirar sua roupa. Você segura as calças e diz que não quer. Ela faz de tudo para te deixar excitado, mas nada acontece. Você propõe que conversem sobre qualquer coisa e que, **quando seu pai chegar, ela diga que vocês transaram**. Ela pergunta se vai receber o mesmo que combinou com seu pai e você diz que **nem sob tortura irá dizer para ele que não transou**. Vocês conversam e ela conta que tem 18 anos e que já é profissional do sexo há dois anos. Quando você ouve os passos do seu pai voltando, puxa Michelly para seu colo e a beija. Seu pai entra e fica orgulhoso por você ter agido como homem.*

*Você não tem coragem de dizer que acha que gosta mesmo é de meninos e que está apaixonado pelo Paulo. Ela te pergunta se você quer um queijo quente e você diz que sim. Você fica sentado pensando no que fazer: **ser ator 24 horas por dia fingindo ser heterossexual** ou contar para as pessoas que você gosta sobre a sua orientação sexual.*

Relacionamento com os pais

Tiago é filho de pais separados e mora com a mãe. No decorrer da história seu pai constantemente tenta propor ao filho atividades que considera que reforçarão o comportamento masculino do menino. O pai não tem diálogo com o filho e, num determinado momento diz que não aceitaria ter um filho homossexual. Por outro lado, a mãe se mostra sempre prestativa e disponível ao diálogo e, embora inicialmente se assuste ao saber que o filho é homossexual, depois ela oferece seu apoio.

*Você chega em casa e sua mãe percebe que algo aconteceu. Ela faz um **suco de laranja** para você e **senta ao seu lado no sofá. Pergunta se está tudo bem**. Você diz que sim, mas ela insiste. Você conta para ela o que aconteceu na aula de teatro. Ela diz que isso só significa que você é um bom ator e não que é homossexual.*

*Sua mãe está assistindo a novela e você senta ao lado dela. **Ela te abraça** e comenta o que está acontecendo naquele capítulo. Quando termina, ela **pergunta se você quer comer alguma coisa** antes de dormir e você diz que não. Você diz que precisa falar com ela sobre uma coisa muito séria que está acontecendo. Ela se assusta e pede para você falar logo. Você conta da cena na aula de teatro e que, depois disso, tem muita gente te chamando de gay. Conta também que seu pai contratou uma profissional do sexo para transar com você e que você não conseguiu. **Sua mãe fica indignada com seus colegas e com seu pai.***

Sua mãe diz que está do seu lado e que está fazendo o possível para entender o que está acontecendo. Ela te pergunta se você quer que ela vá à escola falar com a diretora e você diz que acha que isso vai piorar sua situação lá dentro.

Sua mãe diz que não vai falar nada para o seu pai porque ele irá fazer um escândalo e dizer que a culpa é dela. Diz, ainda, que pensou muito no que a psicóloga do serviço de saúde disse e que está pensando em se engajar no grupo de mães que tem filhos homossexuais. Você conta que também está pensando em fazer parte de alguma organização de jovens homossexuais e sua mãe lhe diz que é uma ótima ideia. Sua mãe diz para você ir se deitar e que logo ela vai te levar uma xícara de chocolate quente.

Você pergunta para seu pai o que ele faria se tivesse um filho gay. Seu pai te olha e diz que preferia ter um filho drogado do que um filho gay. Que deixaria de falar com ele para sempre e que morreria de vergonha. Seu pai marca os pontos do jogo e diz que vai dar um jeito na sua virgindade. Que já está mais do que na hora.

Avaliação interna: sentimentos de medo, angústia e dúvidas

O jovem relata sentimentos de medo e angústia por não poder revelar sua orientação sexual. Além disso, sente-se triste por ser discriminado e excluído. Vive os conflitos de modo interno e individual. Por mais que procure ajuda, coloca o problema como algo individual, pautado em sentimentos de medo.

Finge que não tem nada a ver com você e senta na primeira fileira como sempre fez. Por dentro, você está em pânico. Teme ser mais discriminado do que já é. A professora chega e a aula começa.

Quando você desdobra a tira, lê que terá que se colocar no lugar de um jovem homossexual que está apaixonado por um amigo. Você fica muito nervoso, pois parece a história da sua vida: você acha que é mesmo homossexual e sente algo diferente pelo Paulo. Cada ator ou atriz vai até a frente e 'vive' o personagem sorteado. Chega a sua vez e você está tremendo com medo de dar bandeira.

Você chega mais cedo na escola e procura pela professora Olívia. Ela te vê e, imediatamente, te diz que você tem muito jeito para o teatro. Você sorri contente e diz que gostaria de falar com ela sobre outro assunto. Ela leva você até o auditório e vocês sentam em um canto. Você diz que não está aguentando mais se calar e que precisa desabafar com alguém. Você conta que suspeita ser gay e que morre de medo de ser discriminado pelos colegas, pelos professores e por seu pai. A professora diz que entende sua preocupação, mas que você é forte o suficiente para lidar com essa situação.

*Você chega em casa muito **deprimido**. Sua mãe vê que você não está bem e você começa a **chorar**. Conta que Paulo fofocou para todo mundo na escola que você era gay e que não tinha dado no couro com a profissional do sexo.*

*Você diz que vai pensar sobre o assunto. Você não aguenta mais viver com esse segredo. **Se sente muito mal** por não ter coragem de dizer ao seu melhor amigo que é gay e resolve que vai se afastar de Paulo. Quando chega o final de semana, manda um torpedo para o amigo dizendo que resolveu ficar em casa estudando. Paulo não responde.*

*Você não sabe como, mas conseguiu assistir à aula até o final. Quando toca o sinal, você procura pela Bianca. Você a encontra na quadra jogando basquete com a Mariana. Quando te vê chegando, ela para de jogar e vem ao seu encontro. Diz que já está sabendo que o Paulo espalhou para a escola inteira que você é gay. Você diz que **está superchateado** porque achava que ele era o seu melhor amigo..*

Avaliação externa: julgamentos morais, religiosos e acusatórios

Diante da revelação sobre o fato de ser homossexual, a mãe procura um pastor que diz realizar a ‘cura gay’. A mãe, inicialmente pensa nas consequências negativas do filho ser homossexual e deseja que ele mude de orientação sexual.

*Sua mãe te chama para vocês irem até a igreja em que o **pastor diz que cura a homossexualidade e a aids**. Você não quer ir, mas ela insiste. Diz que **os homossexuais tem uma vida de muito sofrimento** e que ela não quer isso para você. Também fala que **existem grupos que matam homossexuais** e que só de pensar nisso já fica doente.*

*Você troca a roupa e vai com sua mãe na igreja. Quando chegam lá são muito bem recebidos pelo pastor. Sua mãe conta o que está acontecendo com você e o pastor diz para ela não se preocupar. **Que ele vai dar um jeito de curá-lo.***

O pastor pede que vocês comecem a frequentar os cultos e que paguem um dízimo para manter a igreja funcionando. Sua mãe pergunta quanto é e, imediatamente, faz um cheque.

Você não está muito convencido sobre a possibilidade dessa ‘cura’, mas concorda em ser batizado e participar dos cultos.

Além do pastor e dos pais de Tiago, a história apresenta trechos em que Paulo e os demais amigos de Tiago apresentam julgamentos preconceituosos a respeito dos homossexuais. Paulo coloca os homossexuais como doentes, nojentos e pecadores.

*Paulo pergunta se você sabe que surpresa é essa e você diz que não, que é surpresa. Você muda de assunto e conta que um monte de gente está tirando sarro da sua cara por conta da última aula de teatro. Paulo diz para você não dar bola e que **você sabe que não é gay**. Você pergunta ao Paulo se ele seria seu amigo caso você fosse homossexual. Ele te olha e diz **que jamais***

*teria um amigo gay e que isso é nojento. Paulo diz que na igreja que ele frequenta, o pastor diz que a **homossexualidade é um pecado e uma doença**. Paulo conta, ainda, que o pastor cura a homossexualidade e a aids. Você não acredita nisso, mas fica quieto.*

*Quando você entra na sala de aula, dá de cara com um desenho no quadro: o de um menino **chorando** com um balãozinho **dizendo 'eu sou gay!'**.*

Há também o medo de Paulo ser julgado como gay, pelo simples fato de ser amigo de Tiago.

*Bianca fala que, muitos homens, quando desconfiam que um amigo é gay fazem a mesma canalhice que o Paulo fez com você. Que isso é porque **ele tem medo de que as outras pessoas achem que ele é gay também***

Comportamento preventivo na juventude

Em uma parte da história, o amigo Paulo, conta que teve sua primeira relação sexual com comportamentos preventivos, mostrando um jovem esclarecido e preocupado com sua saúde sexual. Não aparece o contexto em que esse jovem recebeu esclarecimentos, nem formação na área, como diálogo na família ou orientações na escola.

*Você chega na aula de teatro e se encontra com o Paulo, seu melhor amigo. Ele te conta que perdeu a virgindade no final de semana. Ele está super animado e diz que foi ótimo. Você pergunta com quem ele transou e ele diz que foi com Débora. Você pergunta se eles estão namorando e Paulo diz que não, que foi só um ensaio para no futuro, transar com a Jô, a menina que ele gosta. **Paulo conta que usou camisinha.***

*Você chega na escola e Paulo já vem correndo te encontrar para saber qual era a surpresa que teu pai te fez. Você conta que ele contratou uma profissional do sexo para você transar pela primeira vez. **Paulo pergunta se você usou camisinha** e você conta a verdade: não conseguiu se excitar e mentiu para o pai.*

Serviço de saúde que acolhe e esclarece

Em outra passagem da narrativa o rapaz e sua mãe procuram o serviço de saúde na figura do/a psicólogo/a e, neste caso, recebem acolhimento, esclarecimento. Ela explica sobre as diferentes orientações sexuais ressaltando que a homossexualidade não é uma doença. Além disso informa sobre os grupos de mães que lutam pelos direitos dos filhos homossexuais. Esta profissional não faz julgamento sobre o fato de Tiago ser homossexual.

Você chega no serviço de saúde com sua mãe. Ela preenche a ficha e diz que gostaria de conversar com um/a psicólogo/a. A pessoa que atende vocês pergunta qual é o problema e você diz que é pessoal. Vocês esperam durante algum tempo e depois vão para a sala da psicóloga. Ela pergunta o que trouxe vocês aqui e sua mãe rapidamente responde que você precisa de

*um tratamento psicológico porque está achando que é gay. A psicóloga pede para você contar o que está acontecendo e você conta que tentou transar com uma menina, mas que não conseguiu. Quando termina, sua mãe imediatamente pergunta se tem cura. A **psicóloga explica que gostar de alguém do mesmo sexo não é doença**. Sua mãe ainda insiste perguntando se tem algum tratamento para fazer você gostar de meninas e a psicóloga, novamente, diz que não. Quando sua mãe se acalma, ela explica **que em toda a história da humanidade existiram pessoas que gostam de outras do mesmo sexo ou dos dois sexos**. Diz ainda, que, cada vez mais as lésbicas, os gays, os bissexuais, as travestis e as transexuais estão buscando pelos seus direitos, inclusive os sexuais. **Conta que tem um grupo de mães de homossexuais que se reúnem para discutir como apoiar seus filhos e defender seus direitos**. Sua mãe não fala nada.*

Apoios encontrados

Na história, Tiago busca apoio com diferentes pessoas. Uma delas é a mãe, porém também se faz extremamente importante o convívio com outros jovens que passam pelo mesmo tipo de sofrimento. Neste caso Tiago conversa com Bianca, uma jovem lésbica e ela lhe oferece companhia para irem juntos a uma ONG que trabalha questões sobre os direitos dos homossexuais.

*Você diz para ela que não vai conseguir viver desse jeito, com todo mundo te discriminando e que pensa em deixar de estudar. Bianca fica brava e diz para você não fazer isso. Que você é inteligente e que não pode desistir da sua vida por conta das pessoas preconceituosas que existem no mundo. **Ela pergunta se você topa ir com ela até uma ONG que trabalha com os direitos dos homossexuais**. Você pensa que não tem mais nada a perder e que vale a pena conhecer quais são esses direitos. Vocês combinam de se encontrar mais tarde e irem até lá.*

No intervalo entre as aulas, você procura pela Bianca. Ela está no pátio conversando com a Mariana. Você a chama e diz que precisa falar com ela. Ao ver sua cara meio de apavorado, ela diz para vocês irem para o outro lado do pátio conversar.

*Você pergunta se ela sofreu muito quando descobriu que era lésbica. Ela diz que sim. Que foi muito duro para ela perceber que era diferente da grande maioria das amigas que ficavam o tempo todo falando dos meninos. Ela te conta que só resolveu abrir que era lésbica quando conheceu a Marta, pois ela lhe deu a maior força e disse que 'tesão não se escolhe'. É algo que pinta e pronto. Ela conta que namorou com a Marta um tempo e que, depois, elas se afastaram. A Bianca te fala que ouviu umas fofocas sobre o que tinha acontecido na última aula de teatro. **Pega um papel e coloca o telefone dela e diz que se você precisar de uma amiga, é só telefonar**. Você diz que adorou conversar com ela e que ia telefonar mesmo.*

Outro apoio importante foi a professora de teatro, que acolheu as dúvidas de Tiago, ofereceu informações e se mostrou aberta e disponível ao diálogo.

*Você pergunta o que é homofobia e ela te diz que é o termo utilizado para identificar o ódio, a aversão ou a discriminação que existe contra pessoas que tem uma orientação sexual diferente da heterossexual. Você diz que já leu alguma coisa sobre homossexualidade em um livro e a professora **Olívia diz para você vir falar com ela sempre que quiser.***

Vulnerabilidade

O comportamento vulnerável aparece no preconceito sofrido pelos amigos, no medo e na solidão decorrentes dos comportamentos que os amigos apresentam quando descobrem que Tiago é homossexual.

*Você chega na escola e vê que está todo mundo te olhando. Continua andando e escuta um corinho cantando “tu é gay que eu sei”. Você acha melhor fingir que não aconteceu nada e continuar em frente, mas não tem jeito. **O pessoal vem atrás.** Você vê o Paulo e vai até onde ele está. Pergunta o que está havendo e Paulo diz que todo mundo na escola já sabe que você brochou com a Michelly. Você pergunta como é que o pessoal ficou sabendo-se só contou para ele.*

*Imediatamente percebe que foi Paulo que fofocou. Você fica superchateado e resolve ir para a sala de aula. Na classe, os risinhos continuam e você não sabe quanto tempo vai aguentar aquilo. Se **sente muito sozinho e vulnerável.** Sua vontade é sair correndo e não voltar nunca mais naquela escola. Afinal, **desde que se entende por gente sofre preconceito:** por ser baixinho, por fazer teatro, por ser negro, por ser estudioso e, agora, por ser gay...*

Padrões heteronormativos e cultura machista

Alguns trechos da história aparecem padrões de comportamento esperados para o gênero masculino. Estes comportamentos são destacados nas falas do pai de Tiago como se fossem comportamentos naturais do homem. Não se discute o fato destes comportamentos serem aprendidos socialmente.

*Meus pais são separados e vejo o meu pai só de vez em quando. Quando a gente se encontra ele sempre fala que **“hoje vamos fazer um programa de macho”** e me leva para **assistir um jogo de futebol ou a uma lanchonete que tem umas garotas meio peladas.** Como eu sei que ele está me testando, finjo que estou torcendo pelo time dele e **falo um monte de palavrões.** Já na lanchonete, eu fico olhando para as meninas e fazendo piada sobre o tamanho dos peitos delas. De vez em quando ele me dá uns tapas nas costas com cara de orgulhoso.*

*Chega sábado e você se encontra com seu pai. Ele diz que você irá adorar a surpresa. Ele te leva até o apartamento dele e, quando você entra, dá de cara com uma **mulher vestindo só uma calcinha de renda**. Sua vontade é sair correndo, mas seu pai está atrás de você e não tem espaço para isso. Ele diz que vai tomar uma cerveja enquanto você ‘conversa’ com a Michelly. Diz, também, que tem muitas camisinhas em cima da mesinha e que você pode usar todas. Você só não sabe o que fazer e seu **pai te empurra para cima** da Michelly. Diz que voltará dentro de uma hora e que **é para ela te tratar bem**.*

*O telefone toca e é seu pai. Ele te convida para, no próximo final de semana, jogarem boliche. Você diz que nunca jogou e ele fala que vai te ensinar. Diz também que tem um **monte de garotas gostosas no boliche**. Você dá uma risada bem falsa e diz que topa.*

*Você e seu pai vão para o boliche. Vocês colocam os sapatos para jogar e ele escolhe duas bolas: uma para você e outra para ele. A dele é preta e a sua é azul. **Cores de ‘macho’**, segundo seu pai. Vocês vão para a pista e seu pai te ensina como pegar a bola e como arremessá-la. Você tenta e a bola sai quicando. Não acerta nenhum pino. Seu pai ri e diz que a primeira vez é assim mesmo. Aproveita a deixa para te perguntar se já rolou sua primeira vez com uma menina. Você diz que ainda não e pensa que sua primeira vez será com um menino.*

*O jogo continua e seu desempenho melhora. Seu pai fica orgulhoso e diz: **eu sabia que meu filho não é nenhum boiola**. Vai ser campeão no boliche!*

História de Rafaela (aborto)

Ênfase nas consequências negativas da gravidez na adolescência

Em diversos trechos da história, se enfatizam somente as consequências negativas da gravidez na adolescência. Destaca-se que a jovem sentirá enjoo, será discriminada, ficará sozinha caso o namorado não assuma o filho, que não conseguirá mais se divertir ou que será muito difícil levar adiante seus planos de estudar e trabalhar.

Embora em uma única fala, o pai se disponibilize a auxiliar a filha caso decida levar a gravidez adiante, todos os demais personagens aconselham a menina a fazer um aborto, como se a gravidez na adolescência fosse um grave problema ou até mesmo a pior coisa que pudesse acontecer na vida de uma jovem.

*Você está no trabalho organizando a gôndola dos desodorantes e sabonetes. De repente, **aquele cheiro te dá um tremendo de um enjoo**. Você corre para o banheiro e sua supervisora vai atrás de você para saber o que aconteceu. Você chega no banheiro e **vomita**.*

*Você senta e pergunta o que a escola faz quando uma aluna engravida. A professora diz que a escola faz de tudo para que a aluna permaneça estudando, ou seja, ela assiste às aulas normalmente e quando nasce o bebê, facilita seu acesso aos conteúdos das disciplinas e às provas. Diz também que a escola permite que as meninas saiam durante as aulas para amamentar seus filhos. No entanto, a professora alerta você que **muitos alunos e muitos professores discriminam as adolescentes que engravidam. Tanto que algumas até desistem de estudar.** Você agradece a professora e quando vai se despedir ela lhe pergunta: Rafa, você está grávida? Você confirma com a cabeça.*

*Você percebe que **não poderá contar com o Luca para nada. Que estará sozinha.***

Diz que, antes de ser mãe, você tem que aproveitar muito a vida. Ir nas baladas, namorar outros caras, terminar o ensino Médio e entrar na faculdade.

*Três dias depois, o Luca te telefona dizendo que tem o dinheiro. Você vai se encontrar com ele no refeitório e ele lhe dá um envelope. Diz que é para você telefonar para ele depois que tiver **resolvido o problema.***

Contradição: contos de fadas e sonhos X realidade

No início da história, há uma afirmação que sugere que tanto Luca quanto Rafaela desejam ser pais, inclusive sabem até como será o nome do futuro filho. Porém, a contradição se apresenta quando Rafaela fala com o namorado que está grávida e o mesmo diz que não quer ser pai. Além disso, demonstra não ter condições financeiras e nem psicológicas para assumir um filho.

Em diversos momentos a jovem aparece feliz e deseja ter o filho, mesmo não tendo apoio da mãe e do namorado. Sugere-se uma idealização da maternidade como se mesmo em condições adversas, a mulheres sempre devam se sentir felizes por estarem grávidas.

*O Luca também sonha em constituir uma família. Tem hora que **a gente sonha que tem um filho homem e que o nome dele é Luiz Rafael.***

*Lembra de um filme que assistiu em que a protagonista deu seu filho para a adoção e pensa que jamais faria algo semelhante. **Você pensa na reação do Luca lá no supermercado e teme que ele não aceite mesmo essa gravidez e te peça para fazer um aborto.***

Pega o seu almoço e vai até o lugar que o Luca guardou para você. Você diz que acha que está grávida. O Luca derruba o garfo no chão e te olha

com uma cara muito assustada. Quando passa o susto, ele te pergunta se você calculou direito a época do seu período fértil. Diz que tirou na hora de gozar e que, portanto, fez a parte dele. Você fica um pouco decepcionada. Na verdade esperava uma outra reação do seu namorado. Que ele ficasse feliz!

*Você telefona para o Luca e diz que tomou uma decisão. Pede para ele te encontrar depois da aula para conversarem. Você conta que foi ao Serviço de Saúde e tudo o que a médica lhe disse. Diz, também, que terá o bebê. Que sente muito por ele não querer ser pai agora, mas **que você está preparada para ser mãe mesmo sabendo que enfrentará tempos difíceis.** Luca diz que você é bem mais corajosa do que ele, mas que realmente não tem condições de arcar com as despesas de uma família. Você diz que isso ele já falou e o que você quer saber é se ele estará do seu lado durante sua gravidez, se ele estará junto com você na hora do parto e se ele será um pai presente ou ausente. Luca diz que definitivamente não quer ser pai neste momento e nem sabe se vai querer ser pai no futuro.*

A história apresenta uma visão romantizada do relacionamento afetivo, retratada nos contos de fadas, como se os jovens que se amam não precisassem se prevenir da gravidez não planejada ou das doenças sexualmente transmissíveis. Também que, mesmo sem planejamento, através do amor todas as dificuldades possam ser superadas.

*Você levanta e começa a fazer contas: sua menstruação está atrasada mais de duas semanas. **Você pensa que pode estar grávida e fica muito feliz.** Só fica meio preocupada com as mudanças que essa gravidez pode trazer para a sua vida. Afinal, não quer parar nem de estudar nem de trabalhar. Também pensa na situação financeira do Luca e na sua. Juntando os dois salários não dá para alugar um apartamentozinho e comprar os móveis. Você pensa em falar para o Luca arrumar outro emprego e você, além do trabalho no supermercado, vender produtos de beleza para as amigas. **Você tem certeza que tudo dará certo e que você e o Luca ficarão juntos para sempre. Como nos contos de fada.** Você toma um banho bem rápido, pega sua bolsa com o material da escola e vai para o trabalho.*

Julgamento moral dos profissionais envolvidos

Quando a personagem procura o serviço de saúde, porque ele teve uma relação sexual desprotegida e está grávida, ela imagina que levará uma “bronca” por ter engravidado precocemente. Em outra situação a enfermeira da empresa em que trabalha, olha a menina com “dó”. Entendemos que este tipo de julgamento não deveria ser uma postura do profissional de saúde.

*A supervisora da seção de perfumaria pergunta se está tudo bem e você diz que sim. Quando você sai, ela pergunta novamente se você está se sentindo bem. Diz que percebeu que você vomitou. Você diz que deve ter comido alguma coisa que fez mal. Ela pede para você dar uma passada no ambulatório do supermercado e ver com a enfermeira se é preciso tomar algum remédio. Você diz que já está bem e não precisa. Ela insiste e você vai até o ambulatório. Chega lá e uma enfermeira te recebe. Pergunta o que aconteceu e você diz que sentiu um enjoo e que vomitou. A enfermeira pergunta se você está grávida e você diz que sim. **A enfermeira olha para você com pena e diz: Que judiação! Tão novinha!***

Você resolve ir até o posto de saúde mais próximo à sua casa. Chega lá e vê que tem vários cartazes sobre gravidez na adolescência e pré-natal. Já imagina que levará uma bronca por ter engravidado aos 16 anos.

Relacionamento com os pais

O relacionamento parental aparece de modo positivo, quando se trata da menina com o pai e muito negativo, quando se trata da menina com a mãe. O pai de Rafaela é afetivo, acolhe e dialoga, mesmo diante do fato dela ter engravidado, enquanto que a mãe tem outra família e trechos da história sugerem que ela não gosta do fato da filha ter escolhido morar com o pai.

Atualmente, eu vivo na casa do meu pai. Eu não me dou bem com a minha mãe. Ela pega muito no meu pé e agente acaba sempre brigando.

*Seu pai vê que você chegou em casa e foi direto para o quarto. Ele **bate na porta e pergunta se você não vai dar um beijo de boa noite nele.** Você diz que está com dor de cabeça e que quer dormir. Seu pai percebe pela sua voz que algo não vai bem. **Abre a porta e pergunta se pode entrar. Ele senta na cama ao seu lado e pergunta o que aconteceu.** Você diz que está grávida e ele pergunta se tem certeza. Você conta que fez um teste de farmácia e que deu positivo.*

*Quando você chega em casa **encontra seu pai te esperando com uma pizza meio marguerita meio calabresa em cima da mesa. Ele te serve um suco e pega uma cerveja para ele.** Enquanto vocês comem, **ele pergunta como é que você está.** Você diz que está mais ou menos e que tem dúvidas sobre o que fazer. Conta da conversa que teve com o Luca.*

*Seu pai concorda em te dar o dinheiro, mas diz que se **você quiser ter o bebê ele te ajuda a criar.** Diz que também vai **ter uma conversa de homem para homem com o Luca.** Pega uma caixa de sorvete na geladeira e te serve duas bolas bem reforçadas.*

*Mesmo você não se dando muito bem com sua mãe, resolve ir conversar com ela sobre sua gravidez. Afinal, você pensa, ela também é mulher e quem sabe possa entender o seu desejo de ser mãe. Quando chega na casa dela, ela está toda atarefada preparando o jantar para seus dois irmãos e o companheiro dela. Ela te pergunta a razão da visita surpresa quando você diz que queria conversar uma coisa com ela. Ela replica dizendo que **você deveria falar com seu pai**, já que escolheu viver com ele. Você pensa em se virar e ir embora imediatamente, mas não faz isso.*

No caso da mãe do jovem Luca, esta aparece como dependente do filho e a figura paterna do jovem não aparece na história.

*Luca chega bem atrasado e pede desculpas. Você conta sobre a gravidez e Luca diz que realmente não tem como começar uma família nesse momento. Ele começa a chorar e diz que ganha pouco e que **precisa dar um dinheiro todo mês para a mãe**, pois o que ela recebe de aposentadoria não é o suficiente. Além disso, **ela é doente e necessita de cuidados o tempo todo**.*

Avaliação interna: sentimentos de medo, angústia e dúvidas

A jovem relata sentimentos de tristeza por querer ter o filho e angústia diante das pessoas que sugerem que ela faça o aborto. Também sente medo de perder o emprego e ter que criar o filho sem a presença de uma pai. Vive os conflitos de modo interno e individual. Por mais que procure ajuda, coloca o problema como algo individual, pautado em sentimentos de insegurança.

*Ele pergunta como você está e você diz que **está triste**. Que **gostaria muito de ter o bebê**, mas que não achava legal ter um filho que não convivesse com o pai. Luca diz que você poderá ter outros filhos mais tarde e você concorda.*

*Quando ela se acalma um pouco, diz que tem uma mulher no bairro que faz esse serviço e que vai marcar uma hora para você ir até lá resolver o problema. Diz ainda para você pedir dinheiro ao seu pai para fazer o aborto. Você vai embora da casa da sua mãe **angustuada**.*

*Mesmo triste por querer ter esse filho, você concorda que é melhor assim. Principalmente, porque o Luca não está lhe dando nenhum apoio. Você pensa que se para você a separação dos pais já foi difícil, **deve ser muito pior ter um filho sem o pai**. Você az as contas e percebe que juntando o seu salário e o pouco de dinheiro que você tem ainda não chega ao valor que precisa. Decide que vai pedir o dinheiro para o Luca.*

*Ela pergunta se você já está fazendo os exames do pré-natal e você diz que não. Ela sugere que você vá para casa e que peça para sua mãe ir junto com você em um serviço de saúde. Você concorda e pede a ela para **não contar para ninguém sobre sua gravidez, porque tem medo de perder o emprego.***

Avaliação externa: julgamentos morais e acusatórios

Diante da gravidez não planejada e da possibilidade ter um filho, Rafaela, sente-se muito mal, sobretudo, devido a raiva da mãe que a julga como irresponsável e incentiva a realização do aborto.

*Você senta em uma cadeira da mesa da cozinha e conta que está grávida. **Ela fica irada.** Diz que sabia que **não ia dar certo você morar com seu pai, que tal como ela previa ele não iria vigiá-la direito, que você é uma irresponsável** e que, mesmo sendo contra o aborto, acha que você tem que tirar o bebê.*

*Sua mãe diz que você tomou a decisão certa, pois **é muito cedo para ter um filho.***

Outra personagem que reforça o julgamento é a melhor amiga que, assim como a mãe, acusa Rafaela de estar fazendo uma loucura ao desejar ter o filho ao invés de abortar.

*Você telefona para sua amiga Raquel e pede para ela te encontrar na padaria. Mal ele chega lá, você diz que fez um teste de gravidez que comprou na farmácia e que o resultado deu positivo. Ela pergunta se você já decidiu o que fazer e você diz que quer ter o bebê e cuidar dele, mesmo se o Luca não quiser assumir. **Raquel diz que acha loucura você ter um filho nessa idade.***

Serviço de saúde que acolhe e esclarece

Em outra passagem da narrativa a adolescente procura o serviço de saúde na figura da médica. Embora seja menor de idade e esteja sozinha, a jovem é bem atendida, a sala é limpa e a médica é simpática. A médica explica os exames que Rafaela terá que fazer e pede que o pai da criança venha até o posto de saúde para realizar exames. Esta profissional não faz julgamento sobre o fato de Rafaela ter engravidado sem planejamento ou por não ter utilizado métodos de contracepção.

*A recepcionista pergunta se você tem a carteirinha do SUS e você diz que sim. Ela pergunta se você está com alguém mais velho ou sozinha. Você diz que está só e pergunta se pode ser atendida assim mesmo. A recepcionista pede para você sentar e esperar um pouco. Algum tempo depois, ela te chama e você entra em uma **sala bem limpinha**. Uma **médica muito simpática** te atende e pergunta o que te levou lá no serviço. Você conta que fez o teste de gravidez da farmácia e que deu positivo. Ela te examina rapidamente e diz que você tem que iniciar o seu pré-natal. Marca um dia e uma hora na agenda para você fazer os exames. **Pergunta se você também quer fazer o exame para saber se tem o HIV, o vírus da AIDS**. Reforça que esse exame é muito importante porque, caso dê positivo, tanto você quanto o bebê terão um tratamento especial aumentando, assim, a possibilidade da criança não ter o vírus. **Pede que, se der, seria bom que seu companheiro também viesse, inclusive para fazer alguns exames também**.*

Preocupação com modelos de estética

A preocupação com o corpo deformado pelo uso dos medicamentos, ressaltado pela figura feminina- a garota tem medo de engordar ao tomar anticoncepcional. Podemos supor ai uma questão de gênero em que seria preocupante às mulheres lidar com o fato de romper com o padrão de estética e beleza vigente.

*Uma amiga minha disse que eu devia usar um anticoncepcional para evitar filhos. Eu até pensei nisso, mas desisti. **Tenho medo de engordar ou de passar mal**.*

Vulnerabilidade

O comportamento vulnerável aparece nas falas de Rafaela, pois a mesma se preocupa somente em prevenir uma gravidez não planejada, ignorando totalmente o risco que corre em relação à infectar-se com doenças sexualmente transmissíveis. Assim a adolescente utiliza apenas a tabelinha e o coito interrompido para prevenir-se em suas relações.

Sabemos que é comum o contágio com relações sexuais desprotegidas, sem que um saiba da infecção por doenças no outro, quando se acredita existir uma relação de amor. Ou seja, de certa forma, o amor justifica sua falta de cuidado em uma relação.

*Nós começamos a transar faz alguns meses. **No começo, usávamos camisinha mas depois paramos de usar**.*

*Então, atualmente, a gente **usa a tabelinha** e, quando estou em período fértil, o Luca **tira antes de gozar**. Quer saber? Eu tenho a maior vontade de ser mãe. Seu eu engravidar ficarei muito feliz!*

*Ele pergunta se você e o Luca não usaram camisinha. Você diz que **usaram outro método para evitar a gravidez**, mas que falhou. Você começa a chorar e seu pai vai até a cozinha pegar um copo de água com açúcar para você. Ele fala que está muito abalado com a notícia e que, quando você e ele estiverem mais calmos, precisarão conversar sobre o que fazer. Pergunta se você já falou com o Luca e o que ele disse. Você conta que o namorado acha que não devem ter esse filho e começa a chorar novamente.*

O aborto como uma prática comum, de fácil resolução e sem riscos

O abortamento aparece como uma alternativa fácil: preço acessível, agendamento rápido, clínica disponível, etc... . Em apenas uma fala da jovem se salienta a legislação vigente sobre o aborto ser uma prática ilegal, porém os demais personagens a incentivam a tal prática, sobretudo a mãe, personagem importante e que deveria se preocupar com a saúde da filha. O pai aparece como um colaborador, na arrecadação do dinheiro para o aborto, mas em nenhum momento dialoga com a garota e acaba sendo conivente com essa decisão.

Além disso, são apresentadas diversas formas de se realizar um aborto e as formas de fazer, seja através de remédios para o estômago ou em clínicas clandestinas. Tudo como se fossem métodos seguros e que não houvessem riscos à saúde da mulher.

*Luca completa dizendo que se você quer mesmo ter o filho, ele irá assumi-lo legalmente mas que não garante se vai dar conta de pagar a pensão. Fala que **seria melhor você fazer um aborto**. Você diz para o Luca que, no Brasil, **o aborto é considerado um crime** e que só pode ser feito se a mulher for vítima de estupro ou se correr risco de morte. Luca comenta que conhece **um monte de meninas que fizeram aborto e que não foram presas**. Você está muito chateada e vai embora se sentindo a pessoa mais sozinha do mundo.*

*Depois do trabalho você espera o Luca sair e diz que **precisa de dinheiro para fazer o aborto**. Ele diz que vai dar um jeito de arranjar e que deve conseguir esse dinheiro dentro de, no máximo, uma semana.*

*Ela te conta que uma prima **tomou um remédio para úlcera que provoca aborto**. Quando ela começou a sangrar, foi para o pronto socorro e lá fizeram uma limpeza no útero dela. Você diz que nunca ouviu falar desse remédio. Raquel diz que, caso você queira, ela pode pedir para a prima conseguir o remédio para você. Você diz que vai pensar, mas que continua querendo ter o bebê.*

*Você telefona para Raquel e pergunta o que ela sabe sobre um remédio para úlcera que provoca aborto. Ela diz **que esse remédio provoca contrações no útero e que expulsa o feto**. Conta que sua prima tomou e*

*que não teve complicação nenhuma. Ela teve uma hemorragia e que depois passou. Raquel disse que a prima tem o contato de **um farmacêutico que traz esse medicamento de outro país porque aqui no Brasil é proibido vender**. Ela diz ainda que, se você quiser, ela telefona para a prima e vê como é o esquema e quanto custa. Você pergunta se é seguro porque leu em algum lugar que muitas mulheres morrem devido a complicações de abortos malfeitos. **Raquel diz que acha que é seguro** e você diz, dará um jeito de arrumar esse dinheiro*

*Você resolve fazer um aborto. Lembra que sua mãe conhece uma mulher que interrompe a gravidez e telefona para ela. Ela atende e você diz que resolvi abortar mesmo e pergunta para sua mãe se ela já falou com a mulher que faz isso e quanto cobra. Sua mãe diz que sim e que, agora, é só **marcar** quando você poderá ir lá. Diz o valor do procedimento e combina de ir junto com você. Você pergunta se é seguro e **sua mãe diz que muitas mulheres já fizeram** o aborto com essa mulher e que **não tiveram nenhum problema**. Você diz que vai ver como consegue o dinheiro e depois liga para ela para marcar.*